



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

BRUNO JOSÉ RODRIGUES FRANK

**A PAISAGEM VERNACULAR NO NORTE PIONEIRO PR:
RECONHECIMENTO, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE**

Londrina
2020

BRUNO JOSÉ RODRIGUES FRANK

**A PAISAGEM VERNACULAR NO NORTE PIONEIRO PR:
RECONHECIMENTO, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina Título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof.Dr Humberto Yamaki

Londrina
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

F8281 Frank, Bruno José Rodrigues.
A Paisagem Vernacular No Norte Pioneiro PR Reconhecimento, Interpretação E Análise / Bruno José Rodrigues Frank. - Londrina, 2020.
123 f. : il.

Orientador: Humberto Yamaki.
Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2020.
Inclui bibliografia.

1. Paisagem vernacular - Tese. 2. Paisagem-tipo - Tese. 3. Permanência e continuidade - Tese. 4. Norte do Paraná - Tese. I. Yamaki, Humberto . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU 91

BRUNO JOSÉ RODRIGUES FRANK

**A PAISAGEM VERNACULAR NO NORTE PIONEIRO PR:
RECONHECIMENTO, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina Título de Doutor em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Humberto Yamaki
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Adriana Castreghini de Freitas Pereira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dra. Marquiana De Freitas Vilas Boas
Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste -
Guarapuava. – UNICENTRO

Prof. Dr. Messias Modesto dos Passos
Universidade Estadual de São Paulo – UNESP

Prof. Dra. Milena Kanashiro
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 4 de fevereiro de 2020.

Dedico esta tese à minha primeira filha
Maria Alice, que nasceu para me inspirar
e motivar a sempre seguir adiante.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças ao apoio de minha família. Da paciência da minha esposa Kenya com as rotinas de pesquisa e o apoio emocional e logístico dos meus pais e dos meus sogros.

Ao meu orientador Humberto Yamaki pelo constante diálogo e orientação a respeito das dúvidas e inquietações que surgiram durante estes cinco anos e que é para mim um modelo de pesquisador a ser seguido.

Aos amigos e colegas do Laboratório de Paisagem - Joseane, Cássia e Aline pela troca de experiências e ajuda com as dúvidas e apontamentos que muito contribuíram para a pesquisa e meus amigos e colegas da UNOPAR - Sérgio, Fábio Coltro, Helô, Flávia, Thiago e Jamille. Ao meu coordenador de curso, Igor Zanatta pelo apoio e compreensão com as ausências durante meus trabalhos de campo e eventos científicos.

Sou muito grato pelo que aprendi com os professores da pós-graduação em Geografia assim como dos funcionários do departamento de pós-graduação do CCE.

Aos professores Messias Modesto dos Santos, professora Yoshiya Nakagawara e Milena Kanashiro pelos apontamentos na banca de qualificação. Sem esta contribuição seria impossível reestruturar e avançar no trabalho.

Contribuíram muito com o estabelecimento de contatos importantes assim como pela imensa hospitalidade e paciência com um estrangeiro João Paulo, historiador de Santo Antônio da Platina e Ovanir da Import Seguros de Cambará.

Aos amigos e colegas da pós-graduação Tais Berbet e Diego Guimarães pelo constante companheirismo e ajuda nos momentos de dúvida e ansiedade.

Por último, à todos aqueles que contribuíram para a pesquisa, abrindo portas e compartilhando experiências. Muitos deles que constituíram e trabalharam na Paisagem Vernacular. Por serem numerosos tive de incluí-los em uma lista de agradecimentos ao final do trabalho.

Os geógrafos que hoje analisam essas paisagens vernaculares levantam, a seu respeito, algumas questões importantes. Por que formas que não foram concebidas para serem belas nos comovem por sua elegância e por sua harmonia? (CLAVAL, 2004, p.52).

FRANK, Bruno. 2020. **A Paisagem Vernacular no Norte Pioneiro PR: reconhecimento, interpretação e análise.** 2020. 123 f. Tese de Doutorado (Pós-graduação em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

RESUMO

Uma Paisagem Vernacular é aquela associada ao cotidiano e expressam seus objetivos e intenções. Embora considerada comum, pouca atenção tem sido dada a esta categoria da Paisagem Cultural no Brasil. Sua natureza banal torna difícil seu reconhecimento e preservação. Porém a partir do inventário dos padrões gerais das paisagens-tipo é possível reconhecer permanências, continuidades e rupturas. A proposta desta tese é reconhecer e propor um método para reconhecimento e interpretação e análise. Para isso discutimos os principais quadros teóricos de pesquisa dentro dos estudos de Paisagem Cultural. Com base neste levantamento bibliográfico e nas experiências observadas no trabalho de campo elaboramos um quadro de análise dos principais processos e fatores essenciais na análise e interpretação dos componentes na Paisagem Vernacular. Para esta pesquisa utilizamos como recorte histórico-Geográfico o Norte Pioneiro do Paraná, mais especificamente as cidades de Abatiá, Jacarezinho, Jundiá do Sul, Cambará, Barra do Jacaré e Santo Antônio da Platina tendo como foco de análise a zona rural em trabalhos de campo desenvolvidos entre 2016 e 2019.

Palavras-chave: Paisagem vernacular. Paisagem-tipo. Permanência e continuidade. Norte do Paraná.

FRANK, Bruno. 2020. **The Vernacular Landscape in the Norte Pioneiro PR: recognition, interpretation and analysis.** 2020. 123 p. Doctoral thesis (Pós-graduação em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

ABSTRACT

A Vernacular Landscape is one associated with everyday life and expresses your goals and intentions. Although considered common, little attention has been paid to this category of Cultural Landscape in Brazil. Its banal nature makes recognition and preservation difficult. However, from the inventory of the general patterns of the typical landscapes, it is possible to recognize permanencies, continuities and ruptures. For the purposes of this thesis is to recognize and propose a method for recognition and interpretation and analysis. In order to do this, we discuss the main theoretical research frameworks within the studies of Cultural Landscape. Based on this bibliographical survey and on the experiences observed in the field work, we elaborated a table of analysis of the main processes and essential factors in the analysis and interpretation of the components in the Vernacular Landscape. We conducted this research in historical-geographical area know as Norte Pioneiro (pioneering region in norther Paraná State), more specifically the cities of Abatiá, Jacarezinho, Jundiá do Sul, Cambará, Barra do Jacaré and Santo Antônio da Platina, with the focus of analysis on the rural area in field work. developed between 2016 and 2019.

Key-words: Vernacular landscape. Landscape-type. Permanence and continuity. North of Paraná state.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Categorias da Paisagem Cultural de acordo com a The Cultural Landscape Foundation (TCLF)12
- Figura 2** – William Hoskins em frente à uma típica Paisagem Inglesa. A presença dos "*enclosures*" e das áreas de pastagens. O aspecto bucólico descrito por Hoskins e desenvolvido ao longo de muitos anos de uso intensivo do solo. Fonte: Universidade de Leicester-CLH, Sem data.....22
- Figura 3** – Visões da Paisagem Vernacular: Montanha azul, a estrada, os elementos dominantes e as cores. Desenho de J.B Jackson. Road to Blue Mountain, New Mexico, 1986. FONTE: FLS, 2019.....28
- Figura 4** – Exemplo de função e uso em Paisagem Vernacular. A sede no alto oferece controle visual da propriedade e estábulos. Área de pastagem com o uso de cercas para contenção dos animais. Algumas árvores reforçam o caminho de acesso enquanto a presença de mata utilitária serve de proteção do sol, vento, etc.. Fazenda de criação São Diogo, Jacarezinho-PR. Setembro de 201943
- Figura 5** – Exemplo de significado e simbolismo. São Francisco de Assis, santo padroeiro da cidade abençoa os que seguem para o trabalho na lavoura. Jundiá do Sul – PR. Setembro de 2019.....44
- Figura 6** – Diagrama de avaliação geral. Org.: FRANK; YAMAKI 202046
- Figura 7** – Componentes e elementos na definição de paisagens culturais. (Yamaki et al 2013 apud Yamaki 2011)49
- Figura 8** – Exemplo de interação entre Paisagem, paisagem-tipo e componentes da paisagem-tipo. Fonte: Autores, 201950
- Figura 9** – Norte Pioneiro: expansão e povoamento. Compilado a partir de BERNARDES, 1952 E MUSSALAN, 1974.....56
- Figura 10** – “A casa solitária”. Edificações isoladas e sem construções de apoio e pomar são comuns na zona rural da região. Bairro Água dos Coqueiros, Cambará, Maio de 201758

- Figura 11** – Dois ramos de uma mesma família compartilham uma mesma propriedade. Isso resulta em grande número de edificações organizadas em torno de uma praça ou estrada. Em primeiro plano, casa avarandada, isolada. Sítio Mineiros, Barra do Jacaré, maio de 2018.....59
- Figura 12** – Noção de imersão e de profundidade. O relevo plano facilita a mecanização e o plantio de trigo. Campo de cultivo de Trigo na Vila Japonesa. Cambará – PR. Junho de 201460
- Figura 13** – Tipo de entroncamento comum na estrada rural. Cruzamento da estrada para Dakal (usina), em direção ao Bairro Dourado e Barra do Jacaré-PR. Maio de 2016.....60
- Figura 14** – Paisagem com cultivo de cana-de-açúcar em início. Vista a partir do Espigão próximo a Santo Antônio da Platina (PR 431). Setembro de 2019.....61
- Figura 15** – Uma vista comum a partir da estrada rural. Sede da fazenda no centro, cercada por árvores. Ponto de convergência de vários caminhos: Estradas e carreadores. Distrito de Monte Real, Santo Antônio da Platina - PR. Setembro de 2019.....62
- Figura 16** – Exemplo de modulação da produção agrícola em faixas identificadas e separadas por carreadores. Conjuntos de vegetação e fases diferentes de ocupação do solo. Santo Antônio da Platina-PR. Setembro de 2019.....63
- Figura 17** – Transição campo-cidade em Santo Antônio da Platina. Vista a partir do distrito de Platina. Propriedades rurais nas franjas urbanas com loteamentos menores e grandes fazendas de criação. árvores nos limites de propriedades e áreas de preservação permanente. Santo Antônio da Platina-PR. Setembro de 2019.....64
- Figura 18** – Fases diferentes de plantio da cana-de-açúcar e carreadores. Alternância entre áreas de plantio e de pastagem. Próximo ao distrito de Monte Real-PR65
- Figura 19** – Caminhos rurais internos. Contornos de estradas antigas obedecem ao relevo e seguem o espigão, dando impressão de profundidade. Abatiá-PR. Setembro de 2019.....66

Figura 20 – Árvores isoladas como elemento de marcação e de limites. Plantação de cana-de-açúcar na PR-431. Santo Antônio da Platina. Setembro de 2019.....	67
Figura 21 – Extensos campos de cultivo de cana-de-açúcar. Árvores enquanto componentes de ordem e demarcação. Cruzamento da Estrada da DAKAL, rumo à usina de cana-de-açúcar. Cambará - PR. Maio de 2016.....	68
Figura 22 – Tronco remanescente de uma grande árvore junto da antiga venda do Braz com a igreja São João ao fundo. Bairro Pau 'd alho. Jundiaí do Sul-PR. Setembro de 2019	68
Figura 23 – Estrada definida por cercas de madeira. No topo de morro ao fundo, eucaliptos. Bairro Bocaína. Santo Antônio da Platina-PR. Setembro de 2019.....	69
Figura 24 – Palmeiras na estrada da Fazenda Água do Bugre, uso de palmeiras imperiais como elemento de ordem na entrada da Fazenda. Cambará - PR. Maio de 2017	70
Figura 25 – Vista da porteira com pilar e tijolos na Fazenda Água da volta. Uma das mais antigas na região. Área de pasto e criação: Cocho estábulos e pequenos tanques. Santo Antônio da Platina-PR. Setembro de 2019.....	71
Figura 26 – Pequenos tanques na pastagem. Fazenda São Diogo. Santo Antônio da Platina. Setembro de 2019.....	72
Figura 27 – Casas de madeira alinhadas ao longo de caminho de acesso em fazenda de café. Antiga colônia de trabalhadores da fazenda. Fazenda Água do Bugre. Cambará-PR. Maio de 2016.....	73
Figura 28 – Fazenda Água das Antas. Fonte: MONBEIG (1984, p.63, adaptado)	74
Figura 29 – Pastagem e áreas de cultivo e preservação se intercalam em antigas fazendas de café. Fazenda Amélia Abatiá – PR. Setembro de 2019.....	75
Figura 30 – Tipos mais comuns de caminhos e organização de fazenda e suas edificações. Exemplos regionais.....	76

Figura 31 – Sede de Fazenda com um morro como pano de fundo. Uma imensa árvore marca os arredores da sede. Fazenda Bonança. Bairro Monjolinho. Jacarezinho – PR. Setembro de 2019.....	77
Figura 32 – Exemplo de uma fazenda de criação com um morro como marco. A sede rodeada de pomar e cerca de madeira com porteira se destacam no primeiro plano. Jacarezinho-PR. Setembro de 2019	78
Figura 33 – Paisagens: A relação com o relevo	79
Figura 34 – Fazenda Maravilha, um tipo de Fazenda Encosta de Morro. Jacarezinho- PR. Autor, 2016	80
Figura 35 – Fazenda do Bugre (em Cambará) representa o tipo Topo de Morro. Ocupa toda a encosta. Possui uma avenida central e ruas laterais. Sede e edificações centrais concentradas e casas de colonos.....	80
Figura 36 – Colônias na Fazenda Água do Bugre com casa do administrador no ponto alto. Cambará – PR.....	81
Figura 37 – Fazenda de criação São Diogo. Santo Antônio da Platina – PR. Cerca junto à estrada de acesso com as edificações concentradas na parte baixa. Presença de rotatividade de pastos tendo como área de confinamento as cercas. As cercas seguem margeando a sede da fazenda na parte baixa da propriedade onde cercas definem áreas de rotação de confinamento de gado	82
Figura 38 – Antigas casas de colônia na Fazenda São Thomé definem o “centro”. Autor, 2017	83
Figura 39 – Horizonte da produção agrícola: Cafezais em Abatiá-PR	84
Figura 40 – Tipo comum de entroncamento tendo a capela como epicentro de bairro rural. Capela São Pedro. Bairro Taquaral. Cambará - PR. Maio de 2016	85
Figura 41 – Bairro rural Brejão em Cambará. A implantação em local alto e visível no entroncamento na estrada favorece a visualização e demarca o território. Capela Santo Antônio. Maio de 2016.....	86
Figura 42 – Permanência de antigo oratório em meio a plantação de soja. Ruínas Bairro Taquaral. Maio de 2017.....	87

Figura 43 – Rede de capelas e igrejas. Distanciamento e área de influência. Exemplo a partir do município de Barra do Jacaré – PR.....	87
Figura 44 – Os três tipos mais comuns de pequenas propriedades encontradas. Autor, 2017	89
Figura 45 – Exemplo de acesso, circulação e disposição de componentes. Bairro Guabiroba- Distrito de Monte Real- Sto. Antônio da Platina-PR.....	89
Figura 46 – Visão moderna da diferença de áreas medidas em hectares, médias de chácara, sítio e fazenda. Fonte: Autor, 2019	90
Figura 47 – Traçado e organização do espaço rural	91
Figura 48 – Estrada no espigão delimitada por cercas de toras. Sítio São Luís. Bairro Dourados. Maio de 2016.....	92
Figura 49 – Sítios em Jacarezinho - PR. Na primeira foto a cerca é interrompida na entrada. Dois caminhos, um levando à casa e outro as edificações anexas: Bairro rural de Cachoeira. Na segunda foto, porteira para os Sítios Nossa Senhora de Fátima e São José. Motivos religiosos e caminho de acesso. Bairro Água feia. Jacarezinho-PR. Setembro de 2019	94
Figura 50 – Sítios com moradias e edificações anexas no bairro Bocaína em direção à Jundiáí do Sul. Nota-se o grande número de plantas utilitárias. Devido à proximidade com a cidade de Santo Antônio da Platina é utilizada como residência principal mais do que como espaço de trabalho. Jundiáí do Sul-PR. Setembro de 2019	95
Figura 51 – Pequenas propriedades em Santo Antônio da Platina	96
Figura 52 – Antiga edificação que fazia parte de uma pequena propriedade e hoje encontra-se isolada em estrada secundária. Bairro Esperança. Cambará - PR. Setembro de 2019. Comparação entre as imagens do Google Earth 2002 e 2019. Permanências. (GOOGLE, 2020)	99
Figura 53 – Sequência da trajetória geral da pesquisa	101
Figura 54 – Componentes gerais das invernadas e características e qualidades do antigo povoado de Invernada em Bandeirantes-PR	115

Figura 55 – Vista de Jundiáí do Sul-PR: análise de pequenos municípios	116
Figura 56 – Invernada grande em Santo Antônio da Platina.....	117
Figura 57 – Componentes da Paisagem Vernacular na zona rural de Monte Real-PR.....	118
Figura 58 – Sítio em Cambará: usos do espaço. Maio de 2016.....	119
Figura 59 – Panorâmicas. Santo Antônio da Platina e Cambará. Maio de 2016 e Setembro de 2019.....	120
Figura 60 – Leitura inicial geral (a partir da observação de campo). Parcialmente baseado em FUMAGALLI 2011 e Swanwick 2002.....	122
Figura 61 – Outro modelo de ficha de avaliação de trabalho de campo. Parcialmente baseado em Broads 2003 e Clement 1999	123

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Exemplo de abordagem de alguns temas da Paisagem Cultural sob diferentes prismas. Organizados a partir de alguns exemplos de abordagem. Os temas não são necessariamente estanques em suas escolas/abordagens e a afiliação foi definida em seu caráter mais geral.....	7
Tabela 2 – Diferenças entre o "Engenheiro" e o Bricoleur	14
Tabela 3 – Compilação dos elementos a serem observados na Paisagem Vernacular e autor/obras de referência	40
Tabela 4 – População total rural e urbana na região. Inclui as cidades próximas para obter ter um panorama geral. IPARDES, 2018.....	121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADETUNORP	Agência de desenvolvimento turístico do Norte do Paraná
ASLA	American Society of Landscape Architects
CLF	Center of Local History- University of Leicester
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
ELCAI	European Landscape Initiative
FLS	Foundation for Landscape Studies
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOMOS	International Council on Monuments and Sites
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
NPS	National Park Service
PV	Paisagem Vernacular
TCLF	The Cultural Landscape Foundation
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 PAISAGEM CULTURAL: CONCEITO, APLICAÇÕES E CATEGORIAS	3
1.1 ORIGEM E TRAJETÓRIA HISTÓRICA	5
1.2 TEMÁTICAS DA PAISAGEM CULTURAL	6
1.3 AS QUATRO TENSÕES NOS ESTUDOS DA PAISAGEM	8
1.4 CATEGORIAS DA PAISAGEM CULTURAL	11
2 A PAISAGEM VERNACULAR	13
2.1 O CONCEITO E SEUS DESDOBRAMENTOS	13
2.2 INTERPRETES: CARL SAUER, J.B JACKSON E WILLIAM HOSKINS	15
2.3 TEMPO E QUESTÃO NACIONAL	34
2.4 SÍNTESE DAS ABORDAGENS FUNDAMENTAIS	36
2.5 QUADRO GERAL DE ANÁLISE	38
2.6 COMPONENTES E SIGNIFICADOS NA PAISAGEM VERNACULAR	42
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E INVESTIGAÇÃO DE CAMPO	45
3.1 ASPECTOS E QUALIDADES E OBSERVAÇÃO EM CAMPO	47
3.2 CRITÉRIOS PARA CLASSIFICAÇÃO E INVENTÁRIO	50
3.3 PROCEDIMENTOS GERAIS E TRABALHO DE CAMPO.....	51
3.4 SÍNTESE REGIONAL E A FICHA DE AVALIAÇÃO.....	53
4 A PAISAGEM VERNACULAR NO NORTE PIONEIRO	53
4.1 BREVE HISTÓRICO.....	54
4.2 BAIRROS RURAIS	57
4.3 FAZENDAS	70
4.4 CAPELAS: CENTRALIDADE FÍSICA E SIMBÓLICA NO MUNDO RURAL	85
4.5 SÍTIOS, CHÁCARAS E PEQUENAS PROPRIEDADES	88
4.6 CONTINUIDADES E MUDANÇAS NA PAISAGEM DO NORTE VELHO	96

5	TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIA DE PESQUISA	100
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: REAPRENDER O TEMPO	102
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
8	ANEXOS.....	113

Introdução

Em viagens pelo interior deparamos com uma paisagem contínua, campos de cultivo e pastagens sem fim, pequenas edificações e aglomerados espalhados. A sequência de imagens rápidas vistas da janela do automóvel não permite um olhar mais atento aos elementos da Paisagem. Permite, todavia, reconhecer características gerais do conjunto.

Outra forma de se observar estes trajetos é observar outdoors, estabelecimentos a beira da estrada e identificar padrões nos imensos campos de plantio. E talvez, em algum momento, sentir-se tentado a explorá-las, seguindo as estradas de terra próximas à rodovia. Onde será a sede desta imensa fazenda? Por que as casas ficam acima do nível do chão? E por fim, quem seriam os responsáveis por estes campos, estes caminhos e estas construções?

São perguntas desta natureza que motivam o estudo da chamada Paisagem Vernacular. Suas continuidades, rupturas e transformações podem ser lidas a partir da história do lugar e encontram-se associadas com as condicionantes do território.

Concordando com a epígrafe escrita por Paul Claval, a Paisagem Vernacular me parecia banal, nada espetacular, porém, apesar disso bela e agradável. Mostrava-se como traços de um passado rural que teimava em se fazer valer, através da repetição, das narrativas que dela se constituíram. Todos podem ter vivenciado algo parecido ao olhar pela janela do ônibus para a aparente homogeneidade dos campos.

Após compreender a estrutura e os significados destes campos, suas construções e estradas é possível estabelecer comparações entre lugares, usos e acontecimentos. Desvendar uma narrativa e vinculá-la à Paisagem. Será que daqui a cinquenta anos, elementos desta paisagem ainda serão visíveis?

De forma geral, internacionalmente o termo PV está associado com a rusticidade ou as características regionais específicas (ASADPOUR, 2017). Para a *Cultural Landscape Foundation* (EUA), Paisagem Vernacular é: “[...] uma Paisagem Cultural que evoluiu através do uso de pessoas cujas atividades ou ocupação a moldaram. Assim as atitudes de indivíduos, famílias, grupos ou

comunidades que refletem sobre aspectos culturais, físicos e biológicos de seus cotidianos (TCLF, tradução nossa, adaptado, 2018)".

Esses aspectos são capturados quando nos perguntamos por que "[...] as construções eram construídas para conservar as colheitas, abrigar os animais, debulhar os grãos no abrigo dos portões da granja, ou para, sobre uma área adequada, proteger os instrumentos de trabalho e alojar as pessoas (CLAVAL, 2012, p.269, adaptado)".

Mas de que forma podemos identificar padrões familiares ou comuns nas Paisagens Vernaculares? Encontram-se ao longo dos caminhos? E de que forma se relacionam com variáveis culturais, geográficas e históricas. Enfim: o que faz com que tais Paisagens sejam consideradas Vernaculares?

Nos Estados Unidos, assim como na Inglaterra, existe uma tradição mais consolidada de estudos da Paisagem Vernacular. No Brasil, o tema tem recebido pouca atenção dos acadêmicos e as pesquisas na Geografia são escassas.

A Paisagem Vernacular é considerada como uma Paisagem que tenha se constituído ao redor das **atividades** no uso cotidiano e cujas características se associem com soluções caseiras, com base na tradição ou no uso de técnicas consolidadas com o tempo e seu impacto na organização da Paisagem. Propomos que, os componentes em uma Paisagem Vernacular são reconhecíveis, pois sua lógica de difusão espacial segue uma tradição, originária de indivíduos e grupos que de forma constante remodelam determinado ambiente.

Existem padrões, pontos, linhas e conjuntos identificáveis em uma Paisagem Vernacular. Seus limites são mapeáveis e podem se repetir em mais de uma localidade oferecendo "pistas" que como afirma J.B Jackson (1984) são capazes de revelar significados destas paisagens.

A interpretação da Paisagem Vernacular é também uma maneira de construir uma narrativa cronológica que possa valorizar a permanência e a resiliência (capacidade de voltar à forma original).

Em suma, nossa pesquisa tem como objetivo a decodificação dos elementos mais comuns na zona rural da PV no Norte Pioneiro e o estabelecimento de um método para sua leitura e interpretação. A opção pelo Norte Pioneiro do Paraná e sua zona rural decorre do fato de que ali as transformações são mais lentas. Assim como do próprio processo de consolidação da ocupação na região, que teve na agricultura e na pecuária a suas principais atividades econômicas.

A forma como escolhemos para abordar o tema foi utilizar o conceito de Paisagem-Tipo. Uma paisagem-tipo é uma unidade de análise que apresenta uma combinação de aspectos naturais e/ou culturais semelhantes e que podem ocorrer em mais de um lugar. As constatações da literatura especializada e os trabalhos de campo revelam um objeto de estudo de natureza interdisciplinar que procuramos sintetizar a fim de propor um método de leitura e interpretação.

Agrupamos diferentes tendências teóricas e suas aplicações nos estudos de Paisagem Cultural (como categoria ampla de Paisagem) tratada no Capítulo 1 e da Paisagem Vernacular, cujas discussões teóricas e quadro geral de análise são tratados no Capítulo 2. Já no capítulo 3 procuramos estabelecer algumas rotinas e diretrizes para o trabalho de campo e identificação/classificação da PV, enquanto no capítulo 5 trazemos como o estudo de caso, o Norte Pioneiro do Paraná.

1. Paisagem Cultural: Conceito, aplicações e categorias

Quando observamos o quadro geral da Paisagem Cultural da qual a Paisagem Vernacular é um de seus **ramos**, é indispensável compreender de quais tradições de pesquisa¹ emergem seus conceitos e com quais questões fundamentais e autor dialogam ou procuram contrapor.

¹ Estou empregando este termo no sentido de: “[...] as tradições de pesquisa têm certo número de teorias específicas, sendo algumas delas contemporâneas e, outras, sucessoras temporais de teorias anteriores. Toda tradição de pesquisa evidencia compromissos metafísicos e metodológicos que no seu conjunto caracterizam a tradição de pesquisa e a distinguem das outras. Cada tradição tem, portanto, teorias diferentes e específicas que se desenvolvem numa história que se estende ao longo de um considerável período de tempo (SALVI; BATISTA, 2009)”.

Antes devemos compreender que, embora nossa pesquisa se insira dentro dos estudos em Paisagem Cultural, existe ampla discussão a respeito da categoria Paisagem (sem o complemento “cultural”) que é analisada de formas diferentes dependendo da área².

Entendemos Paisagem Cultural como representativa de um “[...] trabalho conjunto da natureza e do homem. Ilustram a evolução da sociedade e seu povoamento ao longo do tempo, influenciadas por condicionantes físicas ou oportunidades dadas pelo ambiente natural e as forças sociais, econômicas e culturais, tanto internas, quanto externas. (UNESCO, 2012, p.14, tradução nossa)”.

Em artigo publicado em 1949 “A Paisagem e o sistema lógico da Geografia”, Hans Bobek e Josef Schimithüsen procuraram sistematizar a essência da chamada geografia da paisagem “(BOBEK; SCHIMITHÜSEN, p.77-78)”. Em suas colocações, a despeito da distância de tempo, os autor ecoam tanto os métodos quanto as abordagens no estudo da Paisagem³. Assim, geógrafos Culturais, críticos, fenomenológicos ou pós-estruturalistas encontram-se de alguma forma “[...] fazendo abstrações de suas peculiaridades individuais ou da trama de relações observadas (idem, ibidem, adaptado)”.

Este leque de interpretações e tradições de pesquisa (algumas consolidadas em “escolas”) conduzem para além da Geografia. A Paisagem Cultural enquanto conceito não é tema exclusivo da Geografia (embora muitos geógrafos o queiram). A própria ideia de Paisagem pressupõe uma ambiguidade terminológica, sendo utilizada como sinônimo de lugar ou de território (FUMAGALLI, 2011).

² A respeito dos estudos de Paisagem na Geografia, principalmente a partir do enfoque da Geografia Física, assim como das escolas da Geografia ver (BARBOSA e GONÇALVES, 2014) e PASSOS (2013).

³ Toda Paisagem seria “Cultural”, pois se encontra de uma forma ou de outra captada pelo olhar humano. Singh (2011) aponta que a própria concepção de paisagem Cultural seria uma maneira de enxergá-la, pois virtualmente, todas as paisagens já foram afetadas, em alguma medida ou pela ação ou pela percepção

1.1 Origem e trajetória Histórica

O termo Paisagem ganha significado a partir da pintura, apresentando panoramas ou o campo de visão do artista a partir de um determinado enquadramento⁴ que se espalham pela Europa a partir do Século XV. Este termo tem origem do holandês *landschap* (CLAVAL, 2007) e na Geografia foi um dos primeiros temas a serem observados sob o prisma da cultura. A Paisagem permanece, em grande medida como síntese⁵ dos fatores sociais.

No século XX, Carl Sauer passa a utilizar o termo em seu sentido mais reconhecido atualmente. Sua principal contribuição vem na forma da análise da morfologia da Paisagem (que possuía semelhanças com o ciclo geomorfológico de William Davis). Sauer é pai da Geografia Cultural produzida dentro dos padrões de referência da chamada “escola de Berkeley”⁶ predominante na análise cultural nos anos 1910-1940 (WYLIE, 2007).

Quando os pressupostos da moderna ciência surgiram, houve um relativo enfraquecimento da Paisagem, enquanto categoria geográfica, o que ocorreu a partir dos anos 50 (MOREIRA 2008; JACKSON 1989), porém o ressurgimento no interesse de seu estudo retornaria a partir da década de 1970, que passa a se interessar por cada vez mais por questões subjetivas e do cotidiano. Uma de suas tarefas reside em mostrar como “os sistemas de valores se traduzem pelas articulações específicas do social (BOBEK; SCHIMITHÜSEN, 2004, p.78)”.

Com os avanços tecnológicos e a discussão a respeito do status científico da Geografia em comparação com as outras Ciências “duras”, a Nova Geografia (ou pragmática, científica) predominou por quase metade do século XX. Desta forma, a natureza antropocêntrica deixa seu lugar para as análises

⁴ Um exemplo disso é que a pintura de paisagens pastoris se torna um dos gêneros de pintura mais duradouros e ambíguos que ocupa um lugar central na evolução do pensamento ambiental do ocidente (CLAVAL, 2007).

⁵ Esta capacidade em sintetizar os elementos pode ser observada em postulações recentes como a “*Middle Landscape*” (CAVANAUGH 2007) que vê nas novas tecnologias a criação de um novo “lugar” de relacionamentos como uma zona transitória na intersecção do real com o virtual que não necessariamente se sustenta nos espaços físicos tradicionais.

⁶ A escola de Berkeley é fortemente influenciada pela Antropologia Cultural de Franz Boas, Robert Lowie e Alfred Kroeber nos Estados Unidos que entendiam a Antropologia como a “história natural das culturas” (JACKSON 1989). Tais idéias ganharam força no início do século XX, chegando inclusive a influenciar intelectuais brasileiros como Gilberto Freyre.

estatísticas (BEZZI; CAETANO, 2011). Por isso, a Paisagem Cultural enquanto tema, perde força nas décadas de 1950-1960, porém ressurge na década de 1970 com a nova onda de geógrafos humanistas.

Diversas abordagens epistemológicas surgem neste período. O ressurgimento encontra várias matrizes teóricas vinculadas às tradições filosóficas ou às Geografias nacionais: Fenomenologia, abordagem materialista, pós-estruturalismo, paisagem como um texto, dentre outras. Encontramo-nos em meio aos desdobramentos deste grande leque epistemológico. Por isso: “[...] não é de se estranhar que as abordagens a respeito da Paisagem sejam amplas e nem sempre bem definidas. Grande parte dos grupos de interesse que lidam com o mesmo território veem diferentes paisagens. O significado muda de acordo com o contexto e experiência dos que a utilizam (ANTROP, 2013, tradução nossa, p.13)”.

1.2 Temáticas da Paisagem Cultural

Os estudos de Paisagem Cultural não são exclusividade de uma disciplina. Os diferentes campos do conhecimento costumam adequar suas particularidades, temas e métodos de estudo a um objeto de estudo interdisciplinar e de acordo com Groth os estudos de paisagem Cultural “[...] enfatizam mais na história de como as pessoas utilizavam o espaço comum [...] de forma a estabelecerem uma identidade, articularem suas relações sociais e derivarem sentido cultural (GROTH, 1997, p.2, tradução nossa, adaptado)”.

Existem alguns temas associados às epistemologias/ abordagens específicas. Por exemplo, na Geografia humanista crítica (de inclinação marxista) predomina a visão da “Paisagem como um véu” que pode servir para mascarar certas realidades sociais, e os estudos dariam conta de descobri-los. Nas abordagens denominadas de pós-estruturalistas a Paisagem é vista como um texto e caberia ao pesquisador desvendar os códigos e símbolos (WYLIE, 2007).

Quadro 1 Exemplo de abordagem de alguns temas da Paisagem Cultural sob diferentes prismas. Organizados a partir de alguns exemplos de abordagem. Os temas não são necessariamente estanques em suas escolas/abordagens e a afiliação foi definida em seu caráter mais geral.

Temas comuns relacionados aos estudos de Paisagem Cultural (alguns exemplos)			
Temas Tradicionais	Temas com abordagem fenomenológica	Temas marxistas ou Críticos	Temas “pós-modernos”
Paisagem e Geografia Histórica	Experiências da Paisagem (estética, sonora, simbólica, religiosa, etc)	Paisagem como reflexo das fases do capitalismo	Paisagem e gênero
Gênese e estrutura da Paisagem	Paisagem através da literatura	Paisagem e organização social das classes	Minorias e representação na Paisagem
Significados simbólicos atribuídos à Paisagem			
Paisagem e passagem do tempo	Organização comunitária	Formação Sócio-espacial como formadora da Paisagem	Paisagem como um texto
Paisagem e culturas regionais	Relações de poder e construção da Paisagem		
Fonte: Realizado por meio da pesquisa na base Periódicos (CAPES, 2019) e em: CLAVAL, 2007; ANTROP, 2013; WYLIE, 2007. Organizado por FRANK, YAMAKI, 2019.			

Existem variações entre áreas de conhecimento com foco em suas práticas particulares. Antropólogos encontram na vida social e nos hábitos os elementos estruturadores da vida social materializados na Paisagem. Arquitetos preocupam-se com as edificações (tipo e arranjos) e os significados associados. Geógrafos por sua vez enfatizam questões como difusão (como estes

tipos se espalham pelo território) assim como as variáveis econômicas e sociais envolvidas.

1.3 As quatro tensões nos estudos da Paisagem

O estudo da Paisagem “[...] pode ser visto como sobreposição de ideias, interpretações e representações [...] torna-se assim, teatro de modificações do ambiente operante em função do uso do recurso do território e das transformações da Paisagem pelo Homem (PASSOS, 2013, p.47)”.

Em sua obra “*Landscape*” (2007) John Wylie apresenta o que denomina quatro “tensões” associadas ao estudo da paisagem, e que estão presentes nas teorias e aplicações no campo de estudo. São elas: (1) Distância e a proximidade (*distance/proximity*); (2) habitar/observar (*inhabitation/observation*); (3) Visão/ chão (*eye/land*) e (4) Natureza e cultura (*culture/nature*).

A **primeira tensão** apontada pelo autor é a da relação entre a distância e a proximidade. A pergunta básica é: Olhar apenas a janela ou olhar o jardim?

Não podemos deixar de considerar que, ao adotarmos uma relação ou um ponto de vista em particular, fechamos parcelas de outras características ou formas de se ver a Paisagem. Um paralelo pode ser realizado entre o olhar do artista e o que está sendo retratado. O olhar do artista, argumenta Wylie (2007), “entra” na paisagem em seu sentido cênico. No entanto a paisagem em si difere da relação do artista, uma vez que “a própria ideia de paisagem implica separação e observação” (WILLIAMS apud WYLIE 2007). Isso significa, em linhas gerais, que o entendimento da paisagem acaba por nos posicionar a certa distância: uma forma de observar a partir de um determinado “ponto de vista”.

A **segunda tensão** começa com a seguinte pergunta: “Estamos olhando a Paisagem ou a estamos habitando? Paisagem é tudo que está em nossa volta (WYLIE, 2007, p.4)”.

A partir desta pergunta, o autor retrata a tensão entre vivência e observação. O autor entende que não se excluem mutuamente, a observação em

si pode tornar-se “vivência” (idem, p.5). Esta tensão estende-se às formas diferentes de se analisar e interpretar a paisagem. Estão presentes em autor como Carl Sauer e William Hoskins p.ex.:

[...] Geógrafos como Carl Sauer ou historiadores da Paisagem como W.G Hoskins baseavam seus trabalhos na observação em primeira pessoa ou na observação de campo acima de tudo. De certa maneira a autoridade que possuíam ao falar de uma Paisagem implicava que a haviam experimentado, tocado, explorado ou vivido nela. E embora fossem entusiastas defensores dos valores e méritos de certas paisagens e tenham permanecido durante grande período imerso no campo, parte de seus escritos (e grande parte de seu apelo) reside em uma forma muito particular de observação empírica e neutra. Eles são especialistas da observação: Eles procuram um ponto específico, observam uma vista de modo imparcial e conseguem formar uma síntese muito ampla do que observam (idem, p.5-6. Tradução nossa)⁷.

Na década de 1970, enquanto a geografia humana procurava uma saída dos primados das ciências de campo, alguns geógrafos passam a enfatizar as qualidades da paisagem, tais como o campo de significados, práticas culturais e valores, no que ficaria conhecido como Geografia Humanista (HOLZER, 2013). As epistemologias apontam caminhos diferentes das tradições anteriores⁸:

Uma tensão percorre esta dualidade, pois sinaliza diferentes abordagens para o estudo da paisagem - diferentes epistemologias. E assim se abre uma lacuna nos estudos contemporâneos da paisagem, uma lacuna entre o observar e habitar, entre a interpretação crítica das paisagens artísticas e literárias e o envolvimento fenomenológico da prática cultural da paisagem (WYLIE, 2007, tradução nossa, p.6)⁹.

⁷ [...] geographers such as Carl Sauer and landscape historians like W.G. Hoskins based their work above all on first-hand observation, on observation-in-the-field. In a way, their ability to speak authoritatively about landscape was predicated upon their having lived it, touched it, explored it on foot – inhabited it, that is. But, at the same time, while they might have been passionate advocates for the value and worth of specific landscapes, and while they might have spent extended periods immersed in the field, much of Sauer’s and Hoskins’s writing – and much of its power – is rooted in a particular mode of neutral, empirical observation. They are expert observers: they stand back and take a detached view, and so they are able to bring together a wide-ranging synthesis.

⁸ Esta tendência surge como contraposição ao neopositivismo da New Geography, com base na fenomenologia de inspiração husserliana (CAMPOS, 2011).

⁹ A tension so threads through the couplet observing/inhabiting, because it signals different approaches to the study of landscape – different epistemologies. And thus a gap opens up in contemporary landscape studies, a gap between observing and inhabiting, between the critical

A **terceira tensão** também diz respeito à concretude ou a materialidade da Paisagem, trata-se da dualidade entre olhar e chão/superfície¹⁰. Isso nos leva, a conclusão de que a paisagem é ao mesmo tempo, o fenômeno em si mesmo e nossa percepção dele é um fato objetivo, mas também pode ser encontrado no “olho de quem vê e molda-se no universo da percepção e imaginação humanas” (WYLIE, 2007, p.7). Assim, a paisagem não é somente algo que vemos, mas também uma maneira de enxergar as coisas ou uma forma particular de perceber o mundo a nossa volta.

Isso significa que “(...) criar uma paisagem é olhá-la de uma determinada maneira. E nosso olhar para as coisas é uma questão cultural, pois vemos o mundo de formas particulares (idem, 2006, p.7, adaptado)”. Isto implica que os estudos da Paisagem, envolvem a compreensão do “olhar” e as diferentes variáveis culturais que fazem parte dele. Esta tensão apresenta outro contraste importante: o da Paisagem imaginada (*imaginative landscapes*) como da paisagem real (*real landscapes*).

Como não é possível dominarmos os sentidos e a percepção dos indivíduos, resta-nos a elaboração de hipóteses com base no material que nos é dado. Esta tensão também incorpora o contraste entre uma visão cartesiana (da paisagem como objeto) com uma abordagem fenomenológica que a considera tanto objeto quanto sujeito.

A **tensão final** e mais importante é aquela entre natureza e cultura que se encontra no âmago dos estudos da paisagem na Geografia Cultural. Quando encarada radicalmente ou como se fossem entes distintos cria problemas teóricos e práticos, como por exemplo: “[...] a questão de onde devemos colocar uma linha entre os dois se torna imbuída de dilemas políticos, morais e éticos. Em algum momento foram os humanos parte da natureza? Se

interpretation of artistic and literary landscapes and the phenomenological engagement of cultural landscape practice

¹⁰ Trata-se de uma dualidade entre *eye* e *land*, que traduzimos por olhar e superfície de acordo com o significado mais próximo ao texto. Uma tradução exata implicaria Olho (*eye*) e Terra (*land*).

foram, como e quando eles se separaram dela? (WYLIE, 2007, tradução nossa, p.10)¹¹”.

Como observamos, as tensões apontadas por John Wylie relacionam-se diretamente com as **diferentes** abordagens de pesquisa, definições, tradições e posições filosóficas e políticas. Em suma, influenciam de sobremaneira a forma como efetivamente enxergamos a Paisagem.

1.4 Categorias da Paisagem Cultural

Nesta seção nos preocupamos com as diretrizes estabelecidas pelas organizações nacionais e internacionais e em como elas subdividem a Paisagem Cultural em subcategorias. Esta seção tem como objetivo inserir nosso objeto de estudo em um quadro geral das diferentes categorias/ramos da Paisagem Cultural.

Existem algumas divisões em categorias gerais da Paisagem Cultural que variam de autor/instituição. Podemos citar as agências norte-americanas como a National Park Service dos Estados Unidos (CLEMENT, 1999) ou no caso Europeu, a *European Landscape Foundation* (ELCAI) assim como a própria UNESCO.

Utilizamos como base para nossa discussão a **classificação** da *The Cultural Landscape Foundation*, uma entidade sem fins lucrativos com sede nos Estados Unidos e dedicada à memória e pesquisa de temas ligados ao patrimônio histórico, é reconhecida pela ampla documentação da Paisagem Vernacular e endossada pela *American Society of Landscape Architects*. A TCLF divide a Paisagem Cultural em quatro categorias: (1) Paisagens Projetadas (*designed landscapes*); (2) Paisagens Vernaculares; (3) Lugares Históricos e (4) Paisagens Etnográficas (TCLF, 2019).

¹¹ [...] the issue of where one draws the line between the two becomes fraught with political, moral and ethical dilemmas. Were humans once part of nature? If so, how and when did they separate themselves off from it



Figura 1- Categorias da Paisagem Cultural de acordo com a The Cultural Landscape Foundation (TCLF).

Paisagens Projetadas (*Designed landscapes*)

São paisagens projetadas intencionalmente por arquitetos, paisagistas ou engenheiros. Exemplos de paisagens projetadas incluem ruas, avenidas, praças e parques considerados importantes.

Paisagens Etnográficas

De acordo com Hardesty (2000) a Paisagem Etnográfica “reflete o sistema de significados, ideologias, crenças, valores e visões de mundo compartilhado por um grupo de pessoas (HARDESTY, 2000, p.171)” A “[...] paisagem etnográfica é carregada de simbolismos, sendo, portanto, de leitura e avaliação complexa (YAMAKI, 2016, p.10)”. Podemos incluir colônias de imigrantes no Brasil.

Lugares Históricos¹²

A definição de lugares históricos (*Historic sites*) e se associam especificamente com Paisagens que tenham sido palcos de grandes batalhas, propriedades de figuras notórias etc.

¹² Existe uma tradição nos Estados Unidos de associação de eventos à lugares específicos onde estes ocorreram, daí o uso de lugares históricos e não Paisagem Histórica como seria o caso em outras classificações como a da Unesco por exemplo.

2. A Paisagem Vernacular¹³

A primeira seção deste capítulo dedica-se ao significado da palavra Vernacular, seus usos assim como os **critérios de demarcação** da Paisagem Vernacular. A segunda parte traz um quadro geral dos principais estudos e características associadas à Paisagem Vernacular.

No sistema de Registro Nacional dos Estados Unidos (*National Register Bulletin*), por exemplo, uma paisagem é considerada vernacular quando é “[...] resultado de antigas atividades, usos do solo e escolhas humanas do passado. Podem demonstrar um arranjo específico de recursos ligados mais ao uso da terra do que um projeto consciente (projetado) e são em sua maioria, rurais. (CLEMENT, 1999, p.6, tradução nossa, adaptado)”.

2.1 O conceito e seus desdobramentos.

A palavra *vernacular* tem origem no latim *verna* e estava associada com a denominação do local de nascimento dos escravos, durante o período de dominação romana, evoluindo conceitualmente para características de idioma e de lugar.

Em **termos gerais**, associa-se às seguintes definições: “(1) forma natural ou informal do idioma em um determinado grupo; (2) Arquitetura específica vinculada ao estilo local; arte, danças, músicas, etc. praticado por pessoas comuns (CAMBRIDGE DICTIONARY, 2018, adaptado)”. Podemos também afirmar que existe certo consenso que aponta para algo como:

[...] rural, caseiro ou tradicional (...). Costumeiramente empregada na arquitetura, como construções "não projetadas" por arquitetos, mas sim por artesãos, construída com técnicas locais, materiais locais, e com um ambiente específico em consideração: clima, tradições, e economia—predominantemente rural. (JACKSON, 1987, p.84, adaptado).

¹³ Esta seção é parte do artigo intitulado “Paisagem Vernacular- reflexões teórico-metodológicas inspiradas no Norte Pioneiro do Estado do Paraná” que se encontra no prelo. Algumas informações foram complementadas para a tese assim como o conteúdo fora adaptado ao formato.

Na arte, é utilizado para definir um efeito *naive*, casual, ligado às práticas cotidianas e senso estético pessoal, como nas soluções simples de decoração domiciliar (ALEXANDER, 2012). Esta conexão manifesta-se com maior precisão nos pequenos espaços de nossas cidades e refletem soluções caseiras. Um paralelo, segundo Domingues (2009) poderia ser realizado entre o engenheiro e o *bricoleur*. A figura próxima é a do *bricoleur* semelhante ao faz-tudo no Brasil.

Tabela 2- Diferenças entre o "Engenheiro" e o Bricoleur

Diferenças entre o "Engenheiro"-Ciência e o Bricolage-<i>Bricoleur</i>	
Ciência/"engenheiro"	Bricolage/bricoleur
Rigor;precisão	Divergência
Especialização	Não-especialização
Uso ilimitado de instrumentos	Limitação instrumental e improviso
Tudo tem uma única função	Tudo pode servir para tudo
Conceito como instrumento de pensamento/trabalho	Signo como instrumento
Criação através da realização de um projeto	Criação através da reconstrução
Inovação inventiva	Descoberta inovadora
Descoberta inovadora	Inovação inventiva
Sistema	Jogo
Jogo	Ritual
Fonte: DOMINGUES 2009 apud Sturken; Cartwright 2001 e MORRIS 1993.	

De certa forma, o vernacular lida com questões do “[...] aqui e do agora, da vida cotidiana mais dos que das abstrações teóricas. É, decididamente, a linguagem das ruas e da casa (WRIGHT, 1998, adaptado, tradução nossa)”.

Na antropologia, uma cultura vernacular está relacionada com as formas culturais, organizada por pessoas comuns, alheias a uma cultura “de elite” (HOURIGAN, 2015). Por este motivo, **antropólogos** se interessam menos pelos aspectos das estruturas da edificação do que os **arquitetos**, preocupando-se mais com o relacionamento das famílias com a moradia, aspectos simbólicos da

decoreção, pertencimento ao lugar, estrutura social e status ou nas crenças representadas por santuários (OLIVER, 2006).

Na **Arquitetura**, o vernacular representa as qualidades características de um lugar expressos no estilo, período ou grupo e as necessidades de suas atividades econômicas e de moradia. Essa concepção encontra-se firmada no coração da concepção da Paisagem Vernacular. O enfoque reside, em grande medida, na técnica ou nas práticas construtivas, nas propriedades dos materiais, e nos princípios estruturais que estão por trás de determinadas soluções arquitetônicas (OLIVER, 2006).

Em conjunto, podemos **definir** a Paisagem Vernacular como uma Paisagem que tenha se constituído ao redor das atividades do cotidiano (sejam econômicas ou não) e cujas características se associem ao uso. Tais paisagens podem ter evoluído organicamente, a partir de adições residuais do tempo ou a partir de diretrizes gerais de organização do território (dimensão de lotes, traçado de estradas, p.ex.), mas sem perder os contornos próprios dos indivíduos ou grupos que as realizaram. Podem também apresentar significados e simbolismos associados à estes mesmos grupos ou atividades

2.2 Interpretes: Carl Sauer, J.B Jackson e William Hoskins¹⁴

Escolhemos trabalhar com estes autor uma vez que eles desenvolveram abordagens metodológicas e teorias que nos ajudarão na definição do escopo e dos limites para o estudo da Paisagem Vernacular. Mesmo que, em muitos casos, isso não fizesse parte de suas pretensões iniciais.

Neste capítulo procuramos fazer a sobreposição suas contribuições, a fim de formar um arranjo satisfatório das linhas gerais para o avanço da discussão deste tema. Optamos por abordar cada um dos autor em ordem cronológica. Isto não implica que tenham sido contemporâneos, mas suas contribuições são datadas em períodos específicos e que, em conjunto, possuem

¹⁴ Esta seção é parte do artigo intitulado “A Paisagem Vernacular segundo a perspectiva de Sauer, Hoskins e Jackson” publicada no Vol.18 (2018) da Revista Caminhos de Geografia. Algumas informações foram complementadas para a qualificação assim como o conteúdo adaptado ao formato.

semelhanças no trato da pesquisa e nas principais contribuições teóricas que os aproximam de uma tradição em comum.

Procuramos demonstrar o papel destes autor e suas abordagens para o entendimento da Paisagem Cultural de forma geral e a Paisagem Vernacular em particular.

Carl Sauer (1889-1975), geógrafo teuto-americano, é considerado como um dos patronos e principal expoente do conceito de Paisagem Cultural. William George Hoskins (1908-1922), historiador britânico que se especializou na formação da Paisagem em sua terra natal. Suas contribuições notabilizaram-se nos estudos de história local e na valorização da paisagem regional. Finalizamos pela análise dos principais pontos na obra do norte-americano John Brickerhoff Jackson (1909-1996), crítico literário e responsável por cunhar o termo Paisagem Vernacular.

O empirismo poético de Carl Sauer (1889-1975)

Debaixo de tudo aquilo que estou a dizer está a convicção de que a Geografia é, antes de tudo, conhecimento adquirido pela observação. Em outras palavras, o treinamento principal do geógrafo deve vir, sempre que possível através do trabalho de campo. Excursões e trabalhos de campo são o melhor aprendizado. [...] A pé, dormir ao ar livre, sentar-se no campo durante as manhãs, observar as estações são maneiras próprias para intensificar a experiência, desenvolvendo melhor capacidade de apreciação e observação. (Sauer, 1963b, p.400, tradução nossa, adaptado).

Carl Sauer foi um precursor importante para a Geografia humanista, (mesmo que não tenha sido identificado com esta linha), pois ressaltava aspectos do mundo vivido em suas análises, combatendo assim uma mentalidade positivista que predominava na Geografia da época (GADE, 2014). Utilizava em suas análises, um traço fenomenológico como método para captar o significado das paisagens (HOLZER, 2016). Colocando em retrospectiva a visão e o estilo de Sauer ainda são muito fortes na Geografia cultural e estão na base de muitas das metodologias utilizadas na classificação e identificação de paisagens

culturais. Existe uma aproximação sutil entre a “unidade da natureza” de Humboldt e a “conexão” e “ordem dos fenômenos” de Sauer como na passagem a seguir:

Nós insistimos em um lugar para uma ciência que encontra seu campo inteiramente na paisagem, na base da realidade significativa da relação corológica. Os fenômenos que compõem uma área não estão simplesmente reunidos, mas estão associados ou interdependentes. Descobrir esta conexão e ordem dos fenômenos em área é uma tarefa científica e, de acordo com a nossa posição, a única à qual Geografia deveria voltar suas energias (SAUER, 2000 [1955], p.17).

Para ele, a paisagem deve ser objeto central da Geografia e a revitalização da corologia a partir da valorização da percepção foi fundamental para o avanço da Geografia Cultural. Essa descrição atenta a observação era:

Colocando em termos “sauerianos”, o objetivo é descrever a morfologia, isto é, o perfil, a forma e a estrutura de uma determinada paisagem. E ao realizar isto revelar as características, traçado, distribuição e a eficácia das culturas humanas que a desenvolveram e a habitaram (WYLIE, 2007, p.23, tradução nossa)¹⁵.

O espírito empirista de Carl Sauer está presente em seu trabalho mais conhecido: “*A morfologia da Paisagem (1925)*” em que sugere a equação clássica para interpretação da paisagem: “Uma paisagem cultural é produzida a partir de uma paisagem natural por um determinado grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio e a Paisagem Cultural, o resultado (SAUER, 1963, p.343, tradução nossa)”. Esta definição possui semelhanças com o ciclo de evolução natural da paisagem proposto por William Morris Davis. Em síntese, os postulados da morfologia da paisagem conforme expressos por Sauer são:

- Que existe uma unidade de qualidade orgânica ou quase orgânica; ou seja, uma estrutura para a quais certos componentes são

¹⁵ .To put this in Sauerian terms, the task was to describe the morphology – that is, the shape, form and structure – of a given landscape, and in so doing to reveal the characteristics, trace, distribution and effectivity of the human cultures that had inhabited and moulded it (WYLIE, 2007, p.23).

necessários, esses elementos componentes sendo chamados de “formas” nesse estudo.

- Que a semelhança de forma em estruturas diferentes é reconhecida em função da equivalência funcional, as formas sendo então “homólogas”; e
- Que os elementos estruturais podem ser dispostos em série, especialmente em seqüência de desenvolvimento, indo de um estágio incipiente a um estágio final ou completo. (SAUER, 2000 [1955], p.31).

Seguindo o receituário comum da chamada escola de Berkeley, Sauer enxerga a cultura como um artefato, de natureza supra orgânica, da qual poderiam se extrair os padrões presentes naquelas sociedades. Seu interesse com os elementos físicos ou materiais na Paisagem (artefactuais), dedicando pouco interesse às questões não materiais, como as qualidades simbólicas e outras características que não poderiam ser lidas diretamente da paisagem (JACKSON 1989 p.19).

Sauer costumava delimitar regiões ou áreas de influência de uma determinada cultura com traços comuns ou similares. Começava por uma densa e extensa leitura dos processos históricos, levando em conta os aspectos legais e as mudanças institucionais. Esse caminho metodológico será compartilhado por Hoskins e por Jackson.

Sauer observava as habilidades de adaptação (medindo sua capacidade) dos indivíduos e as técnicas e produtos da transformação da “Paisagem Natural” em Paisagem Cultural. Neste ínterim definia os parâmetros básicos para a interpretação da Paisagem:

O Geógrafo pode descrever a paisagem individual como um tipo ou provavelmente uma variante de um tipo, mas ele tem sempre em mente o **genérico** e tem como procedimento a **comparação**. [...] É certo que na seleção de características genéricas da paisagem o geógrafo é guiado somente pelo seu próprio julgamento de que elas são características, ou seja, repetitivas; que elas estão organizadas em um padrão, ou possuem qualidade estrutural, e que a paisagem precisamente pertence a um **grupo específico na série geral** das Paisagens. (SAUER, 2004, p.24-25, adaptado).

A própria noção de caráter de paisagem, embora não sistematizada aparecerá em Sauer. Nos estudos comparativos, a metodologia de

identificação de uma Paisagem, a identidade associada ao caráter ou a personalidade é objeto central do processo de catálogo:

A identidade da paisagem é determinada, antes de mais nada, pela visibilidade da forma [...] O caráter da paisagem do alagado descrito acima [há uma descrição de paisagem feita por terceiros como exemplo] é determinado primeiramente pela presença da areia, do pântano e da vegetação típica. O fato mais importante sobre a Noruega, fora sua localização, provavelmente é que quatro quintos da sua superfície são constituídos por montanhas estéreis, sem condições de rebanhos, uma condição diretamente significativa, dada a sua extensão (SAUER, 2004, p.28).

Será em Sauer que aparecerá o protótipo da idéia de paisagem-tipo (SAUER, 2004). Tornaria unidade básica do sistema comparativo em muitas metodologias de pesquisa em Paisagem Cultural, principalmente aquela adotada por agências de conservação como a *Heritage Foundation* p.ex (EUA).

Em seu artigo “A educação do Geógrafo”, Sauer ressalta a importância do nome dos lugares: “O vocabulário geográfico temático e local de cada idioma é um substrato particular de aprendizagem que ainda espera exploração, tanto para a identificação de variações do fenômeno como para visões culturais alternativas” (SAUER, 2000 [1956], p.141).

Em boa parte da literatura acadêmica, Sauer encontra-se muitas vezes sob a mira de críticas, com foco sempre na questão de seu entendimento “supra orgânico” da cultura, realizados principalmente pela “*New Cultural Geography*”. Autor como James Duncan e Peter Jackson (1989) adicionam ainda outra crítica: a de seu pouco engajamento social e político. Porém, a leitura inversa poderia ser feita: eram seus críticos que se preocupavam demasiadamente com engajamento político e social. Uma outra crítica recorrente é a de que seus trabalhos privilegiavam mais as origens da instituição das culturas ao invés de compreender as dinâmicas das mudanças sociais.

Tais críticas acabaram ecoando no Brasil e podem ter contribuído para o congelamento da leitura e do estudo de suas obras que, com exceção de alguns textos clássicos nem sequer foram traduzidas. No Brasil, Carl Sauer foi objeto de apreciação em livro organizado por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato

Corrêa, intitulado “Sobre Carl Sauer” (ROSENDHAL; CORRÊA, 2010) que reúne uma série de ensaios do autor, assim como apontamentos de seus críticos.

Price e Lewis (1993) acreditam que é injusto criticar Sauer apenas através do prisma da Paisagem e da Geografia Cultural. Sua obra foi prolífica e abrangente e sua tradição de pesquisa foi continuada por gerações seguintes.

Nos Estados Unidos, as pesquisas com Paisagem Cultural sempre foram muito associadas com as ciências de campo, mais até do que com as ciências sociais. Isto reflete na preocupação com a evidência material, visível, empírica de uma cultura na paisagem e por isso são comuns os estudos a respeito da distribuição espacial das formas construídas e dos artefatos. Para John Wylie (2007), aqueles que carregaram o legado de Sauer se mostraram capazes de descrever, porém incapazes de explicar os padrões e os relacionamentos.

As críticas direcionadas a um tipo específico de descrição empírica e de metodologia de campo continuam sendo associadas ao legado de Carl Sauer. Isso significa, no entanto, que este legado continua vivo, especialmente nos Estados Unidos (WYLIE, 2007). Segue se fortalecendo como contraponto às visões alternativas.

Sua linha de força reside na importância do quadro geral da geografia física, da morfologia da Paisagem e o reconhecimento da centralidade que o trabalho de campo possui para os estudos de Paisagem Cultural. Essa é sem dúvida, uma falha em muitos estudos contemporâneos, que se preocupam mais com aspectos exteriores ou simbólicos, em detrimento do estudo mais sistemático proposto por Sauer. Seus trabalhos exibem uma preocupação com o concreto, com o tangível. Isto fica claro em suas análises sobre as paisagens fronteiriças entre México e Estados Unidos, artigo intitulado “*The personality of Mexico*” (SAUER, 1941) que constitui leitura indispensável e fonte de inspiração para os estudos em Paisagem Cultural.

Seu estilo é central para os estudos de Paisagem Vernacular, ressaltando-se a importância do estudo morfológico e do trabalho de campo. Primeiramente, a observação de campo permite observar as mudanças ocorridas na Paisagem e contrapô-las com períodos pretéritos. A tradição iniciada por

Sauer para o estudo da Paisagem Cultural teve continuidade nas pesquisas de seus discípulos (GADE, 2014):

Por último, a preocupação com a estrutura morfológica da paisagem, seus atributos físicos e as potencialidades advindas da relação com os homens atenta para o papel central, nos estudos de Paisagem Vernacular, da adaptação e transformação associadas às necessidades econômicas ou sociais do cotidiano.

Nostalgia e densidade temporal em William George Hoskins (1908-1992).

A vista a partir do quarto em que escrevo estas últimas palavras é pequena, mas servirá como um epítome da paisagem pura e gentil da Inglaterra. Circunscrita da forma que é, com suas árvores fechadas, fechando-se aproximadamente a meia milha daqui, ela contém em detalhes, um pouco de cada era, dos saxões até o século dezenove. Uma casa esteve neste lugar desde o ano 1216, quando o bispo de Lincoln ordenou um vigário para este lugar, mas foi reconstruída consecutivamente, terminando em 1856. Próxima ao jardim, inclinándose junto ao rio, encontra-se as já velhas e inúteis macieiras, sucessoras daquelas que cresceram durante o reinado de Charles I. O *Glebe Terrier* [documento histórico da igreja que retratava mudanças ano a ano no lugar] falava em 1634 de “um pomar, um quintal e dois pequenos jardins”.(HOSKINS, 1967, p.233, adaptado, tradução nossa).¹⁶

William George Hoskins foi um historiador britânico que lecionou na *London School of Economics* durante grande parte de sua vida. Tornou-se relativamente famoso em seu país como produtor e apresentador da Série *Landscapes of England* produzida pela BBC nos anos 1970 (BBC, 1976). Seu impacto foi muito forte nos estudos de história regional (DYER et AL 2011) e de história local (foi o fundador da cátedra de História local) embora seja praticamente desconhecido da Geografia brasileira.

¹⁶ The view from this room where I write these last pages is small, but it will serve as an epitome of the gentle unravished English Landscape. Circumscribed as it is, with tall trees closing it in barely half a mile away, it contains in it in detail something of every age from the Saxon to the nineteenth century. A house has stood on this site since the year 1216, when the bishop of Lincoln ordained a vicarage here, but it has been rebuilt over and over again, and last of all in 1856. Down the garden, sloping to the river, the aged and useless apple trees are the successors of those that grew here in the time of Charles I, when the glebe terrier of 1634 speaks of “one orchard, one backside, and two little gardens.”



Figura 2- William Hoskins em frente à uma típica Paisagem Inglesa. A presença dos "enclosures" e das áreas de pastagens. O aspecto bucólico descrito por Hoskins e desenvolvido ao longo de muitos anos de uso intensivo do solo. Fonte: Universidade de Leicester- CLH, Sem data.

Na Inglaterra são comuns as associações semânticas entre os termos Paisagem, história, ruralidade e nostalgia (WYLIE, 2007). Hoskins procurou unificá-los em sua interpretação da transformação das paisagens regionais em sua terra natal. Por isso transmite forte dose de nostalgia e de melancolia pontuadas por um forte senso de temporalidade (palimpsesto e História). Demonstra certa concepção idílica originária nas artes e na literatura dos séculos XVIII-XIX. No fragmento abaixo, em suas palavras, um relance de seu estilo o autor aborda as mudanças ocorridas na região de Burslen na Inglaterra, onde as olarias tradicionais estavam sendo substituídas por complexos industriais:

Esta triste imagem de uma paisagem industrial merece ser posta sob uma lupa. Há uma igreja, reconstruída em 1717, quando a indústria de cerâmica florescia com 43 pequenas manufaturas familiares até que foram engolidas pela revolução industrial. Por todo o lugar as moradias encontram-se em meio a sujeira de chaminés e com a característica forma de garrafas, surgindo em meio aos telhados. Uma escurecida igreja anglicana, que congrega uma grande população vitoriana encontra-se no meio da vista. Terrenos abandonados ocupam parte da cena. É uma paisagem sem forma, densa e apagada pela fumaça. A fotografia foi tirada em um dia favorável [refere-se a fotografia do livro] ou não seria possível tirá-la de forma alguma. Imagine nascer em meio a essa feiúra: ou pior ainda ser enterrada junto a ela. (HOSKINS, 1967, p.174. Tradução nossa).¹⁷

¹⁷ This sad Picture of an industrial landscape should be examined under a powerful reading-class. There is the church, rebuilt in 1717, when the pottery manufacture was flourishing with 43 small

Em seu magnum opus “*The making of the English Landscape*” (1967) publicada originalmente em 1957, o autor aborda, dentre outros temas: a continuidade, as permanências da Paisagem na Inglaterra. Em grande medida flertava como uma concepção de paisagem mais arqueológica do que cênica, no entanto isso era reflexo de sua visão pessoal e formação que atentava aos “ciclos históricos” visíveis na paisagem. Sobre o livro, Wylie (2007) comenta:

The Making of English Landscape não aborda tópicos de região a região, mas sim cronologicamente, traçando evoluções, revoluções e continuidades ao longo das demarcações tradicionais da História Britânica (Celtas, Romanos, idade das trevas, Inglaterra georgiana e dos Tudor's e a revolução industrial) enfocando alguns aspectos aqui e ali. O que emerge, no entanto, é um intenso senso de temporalidade da Paisagem Inglesa, a profundidade, a complexidade e a riqueza de cada era cultural. Desta forma, a concepção que Hoskins possui da Paisagem é arqueológica ou geológica do que cênica. A paisagem é um conjunto de camadas verticais de uso e habitação construídas ao longo do tempo (WYLIE, 2007, p. 31-32, tradução nossa)¹⁸.

A identificação das camadas residuais da história inglesa reconstitui o caráter regional de cada Paisagem. Parte da análise dos projetos de organização do território vindos da coroa britânica assim como aqueles surgidos organicamente e presente nos traçados e na arquitetura local.

Partindo de Meinig (1979b) podemos afirmar que existem duas características básicas ou corolários presentes na obra de W.G Hoskins. São:

manufactories, carried on by families until they were superseded in the Industrial Revolution. Next to the churchyard, children play around the Board School. All around their homes lies intermingled with the filthy potbanks with their characteristic bottle shapes rising above roof-tops. A blackened Anglican Church, to cater for the enlarged Victorian population, stands in the middle of the view. Derelict ground occupies much of the scene. It is a formless landscape, usually thickly blanketed with smoke. The photograph was taken on a favourable day or it could not have been at all. Imagine being born amid this ugliness: or worse still, buried among it.

¹⁸ The Making of the English Landscape thus approaches its topic not region by region but chronologically, charting evolutions, revolutions and continuities along the grooved track decreed by the conventional demarcations of British history (Celts, Romans, Dark Ages, Tudor and Georgian England, the Industrial Revolution), while spatially darting here and there. What emerges, therefore, is an intense sense of the temporality of the English landscape, the depth, richness and complexity granted by sheer cultural age. In this way Hoskins's conception of landscape is archaeological or geological rather than scenic. The landscape consists of vertical layers of use and inhabitation, it has been built upon over time (HOSKINS, 1967, p.31-322).

1. A paisagem deve ser compreendida como uma forma da história e deriva diretamente de seu entendimento histórico.
2. Sua análise da Paisagem é sempre um estudo das localidades. Detalhes (procura por evidências nos objetos, conjuntos, etc.).

Hoskins escreveu também uma série de guias de viagem com essa concepção. Em *Devonshire Guide* (HOSKINS, 1964), por exemplo, o autor adota um tom sintético a respeito da história local ao mesmo tempo em que procura introduzir as curiosidades locais, como culinária local e grandes acontecimentos com uma espécie de paisagem-tipo específica da região.

Assim a paisagem se incorpora ao lugar e a localidade. Ao mesmo tempo é vista no sentido de *layers* (camadas) de uso e habitação. Em outras palavras, isto implica que a análise da paisagem é sempre um estudo das localidades, com ênfase “nos detalhes factuais, a procura por evidências visíveis nos campos, cercas, grupos de edificações o posicionam dentro de uma determinada escala, a análise da paisagem é uma forma de história local (WYLIE, 2007, p.33, tradução nossa, adaptado)”.

Esta abordagem de cunho localista e sua leitura através de camadas são de importante contribuição para o estudo da paisagem vernacular na medida em que nela se tornam visíveis as sobreposições do tempo, associando-se aos períodos históricos, acontecimentos ou diretrizes governamentais. E suas investigações começavam sempre pelo nome dos lugares. De acordo com Hoskins:

Podemos mergulhar em uma infinidade de nomes de lugares (e mesmo assim existe um sabor característico em cada região da Inglaterra) na delicada complexidade das estruturas neurais de estradas e vielas, a estrutura de vilarejos e povoações, as românticas fazendas do interior, igrejas perdidas em meio aos campos, os padrões estabelecidos pelos contornos ou a forma como os limites definidos pelas dioceses encaixam-se nos outros. Podemos dissecar mentalmente tais mapas, peça por peça, e ao fazermos isso, aprendemos muito sobre a história local, conhecendo ou não o país (HOSKINS, 1967, p.76, tradução nossa).¹⁹

¹⁹ One dwells upon the infinite variety of the place-names (and yet there is a characteristic flavor for each region of England), the delicate nerve-like complexity of roads and lanes, the sitting of the villages and hamlets, the romantic moated farmsteads in deep country, the churches standing alone in the fields, the patterns made by the contours or by the way the parish boundaries fit into one another.

Hoskins foi muito importante para o debate sobre a preservação histórica e inspirou muitos autor e fundações conservacionistas. Chamou a atenção para a necessidade da preservação da Paisagem Inglesa a nível nacional. Tal posição foi considerada antimoderna, relegando a uma posição marginal nas geografias culturais modernas (WYLIE, 2007).

J.B Jackson (1909-1996) e o olhar sobre a Paisagem Vernacular

Podemos ficar desconcertados com o design de nossas cidades ou com os campos que as pessoas cultivam e a arquitetura pode ser diferente de tudo o que encontramos. No entanto, os campos, as cercas e as casas são fáceis de compreender, em um só relance podemos compreender que papel desempenha. São com estes elementos comuns que devemos começar nossos estudos. Das particularidades podemos cuidar depois. O familiar serve como um ponto de partida, ele reafirma para nós que por mais incomum que nos possa parecer uma paisagem, ela não é inteiramente estranha e se relaciona com todas as outras paisagens. A natureza humana satisfaz seus desejos de diversas formas, mas as necessidades são essencialmente semelhantes em todos os lugares (JACKSON, 1984, p.11, tradução nossa)²⁰.

J.B Jackson foi um marco central dos estudos de Paisagem Vernacular, pois não só cunhou o termo como foi seu principal intérprete nos Estados Unidos. Sua obra adota um estilo ensaístico, à tradição dos estudos literários, sua área de formação original.

Grande parte destes ensaios foi reunida em diversas obras e traziam reflexões publicadas na revista *Landscape* (editada por ele) assim como conferências e comentários na mídia, grande parte reunida em livros ou ensaios

One dissects such a map mentally, piece by piece, and in doing so learns a good deal of local history, whether or not one knows the country itself.

²⁰ We may be baffled by the layout of towns and the crops the people raise, and the architecture may be unlike anything we have encountered, but the fields and fences and houses, for instance, are easy to understand; we have only to look at them once to see the role they play. It is with such commonplace elements that we should begin our study. The unique features can be taken care of later. The familiar serves as a point of departure; it reassures us that however strange the landscape may appear to be, it is not entirely alien and is related to every other landscape. Human nature satisfies its needs in many ways, but the needs are everywhere essentially the same. (JACKSON, 1984, p.11).

(JACKSON: 1970; 1984; 1987; 1994; 1997). Sobre a importância da revista *Landscape* (editada por Jackson) escreveu Sauer:

O espírito da *Landscape* (revista) é quieto, sensível, observador e muitas vezes sutil. Eu acho difícil defini-la para além de sua procura pela vida humana em algum estado de encantamento. O que a revista proporciona tanto para mim quanto para outros é a apreciação das pessoas (e comunidades) que vivem satisfeitos e esclarecidos (ecologicamente balanceados) em sua própria maneira (cultura) em qualquer lugar, hoje, no passado ou olhando para um desejoso futuro (SAUER in DENEVAN e MATHEWSON 2009, p.391 [1960], tradução nossa, adaptado)²¹.

Seu impacto na Geografia norte-americana é de difícil avaliação, uma vez que não seguiu uma carreira acadêmica tradicional. Nos Estados Unidos ficou conhecido como o "Guru da Paisagem" (GRIMES, 1999). Foi alçado a uma condição totêmica por autores como D.W Meinig e Robert Riley. Seu credo o fez ser abraçado pelos geógrafos humanistas da década de 1970.

Em suma, sua concepção de Paisagem se refere ao mundo material e ao cotidiano, mas sem ignorar os aspectos simbólicos, originários, em grande medida da formação humanista e literária do autor. Wylie (2007) aponta que a própria abordagem de J.B Jackson não era comum, principalmente nos meios acadêmicos, pois:

[...] o tema dominante de sua escrita é que o termo "paisagem" pertence ao mundo material da vida cotidiana em comum – um mundo de casas, carros, estradas, calçadas, quintais. Aquele mundo habitado por aquilo que Jackson entendeu como norte-americanos comuns: pessoas que vivem distantes dos centros metropolitanos de poder ou das teorizações abstratas. O sentido de que este mundo – que ele passou a denominar de "Paisagem Vernacular" – estava sendo negligenciado, omitido ou até tratado com desdém por acadêmicos, planejadores e políticos. Isto deu ímpeto e direção a seus trabalhos. Em seus ensaios na Revista *Landscape*, procurou desmistificar o linguajar especialista ou as

²¹ The spirit of *Landscape* is quiet, sensitively observant and often subtle. I find it hard to define beyond its search for humanity living in some sort of state of grace. What the magazine gives to me and others is appreciation of people (communities) living contentedly and with enlightenment (ecologically in balance) in their own fashion (culture) anywhere, now or in the past, or looking ahead to a desired future. You have thus provided a place for those planners who consider what the old Romans called the *genius loci*, the harmonious joining of people and place. (...)The mechanistic view of life is not enough; man does not live by bread alone. Keep reminding us of the quality of his dwelling on Earth. (SAUER in DENEVAN e MATHEW 2009, p.391 [1960])

perspectivas remotas ao mesmo tempo em que ressaltava o valor e a riqueza das formas indígenas e vernaculares da vida americana. Suas palavras são bem claras: “Nós não somos espectadores, a paisagem não é uma obra de arte. É um produto temporário de muito suor, trabalho duro e de pensamento sincero” (WYLIE, 2007, p.43, tradução nossa)²².

Jackson contrapõe o que chama de *Paisagem Vernacular* com o que denomina *Public Landscape* (Paisagem Pública). O termo original era Paisagem Política, no entanto em outros escritos, Jackson revisa o termo “Political Landscape” por conta de sua associação com a política partidária, passando a denominá-la de Public Landscape (1997). Dada a natureza do próprio conceito de “público” em nosso idioma, achamos que uma tradução mais adequada para este conceito seja Paisagem Imposta ou Sobreposta (relacionadas a projetos externos).

A Paisagem Imposta é constituída de projetos externos e portadores de expressões simbólicas de poder ou dominação, quase sempre levadas a cabo por uma instância superior (um governo, uma autarquia, por exemplo). Definem os limites e as estruturas de alguns componentes centrais na Paisagem (uma grande autoestrada, os limites de um Estado, ou província por exemplo.).

Para J.B Jackson, a capacidade de discernir entre uma Paisagem Vernacular, de outra Paisagem qualquer, reside em dois aspectos fundamentais: funcionalidade e flexibilidade. Isso implica na adoção de soluções curtas e práticas. E como na arquitetura Vernacular estão quase sempre associadas à frugalidade, simplicidade e a um senso de comunidade (JACKSON, 1987). Por isso, para ele o primeiro foco de estudo deve ser a casa, pois é ela que ancora as atividades que acabam interferindo na Paisagem. De acordo com Meinig (1979b) existem alguns princípios básicos na obra de J.B Jackson:

- (1) Paisagem ancorada na vida humana;
- (2) Paisagem é unidade e deve ser compreendida em termos do mundo vivido;

²² The spirit of Landscape is quiet, sensitively observant and often subtle. I find it hard to define beyond its search for humanity living in some sort of state of grace. What the magazine gives to me and others is appreciation of people (communities) living contentedly and with enlightenment (ecologically in balance) in their own fashion (culture) anywhere, now or in the past, or looking ahead to a desired future(SAUER in DENEVAN e MATHEWSON 2009, p.391 [1960],)

- (3) O primeiro e fundamental elemento a ser analisado é a casa.
- (4) Especial atenção aos elementos vernaculares, principalmente aqueles representados pela arquitetura vernacular;
- (5) No sentido abrangente toda Paisagem é simbólica; Paisagens inevitavelmente mudam.

Em seus ensaios procurou dar voz aos novos arranjos que surgiram nos Estados Unidos do pós-guerra e notadamente nas novidades do novo cotidiano como arranha-céus, auto-estradas, estacionamentos, parques de trailer, etc.

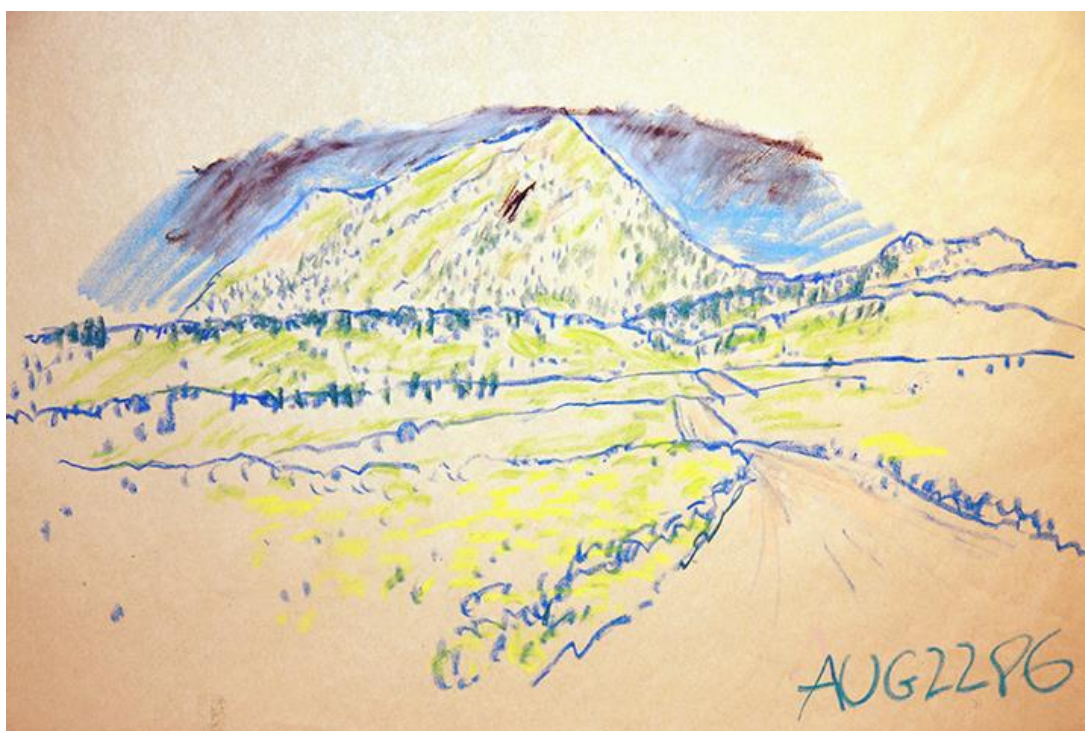


Figura 3- Visões da Paisagem Vernacular: Montanha azul, a estrada, os elementos dominantes e as cores. Desenho de J.B Jackson. Road to Blue Mountain, New Mexico, 1986. FONTE: FLS, 2019.

Jackson percebia a Paisagem tanto como fruto de simbolismo como quanto materialidade concreta. Por isso seu estilo é mais especulativo, mais discursivo do que sistemático. Sobre as técnicas e ensaios do J.B Jackson como aponta Horowitz (1997):

[...] Seus ensaios estabelecem ligações entre os elementos cotidianos da paisagem com temas maiores da história e da Cultura. Ele estabelece como construímos nossas cidades e nosso campo revelando a sociedade e a cultura. De maneira implícita, acaba definindo o que iria mais tarde proclamar: “Paisagem é a história possível”. Demonstra

como as paisagens manifestam nossos conflitos, como o imperativo humano para a criação da paisagem, em especial a paisagem doméstica é a “recriação do céu na terra”. (HOROWITZ, p.X, 1997, tradução nossa, adaptado)²³.

Para J.B Jackson as fronteiras e limites visuais de uma paisagem são centrais na comparação de espaços, pois estabilizam os relacionamentos pessoais e interpessoais. Concepções que são transferidas para sua manifestação física. Em outras palavras, a fronteira serve para isolar e proteger pessoas e objetos. Segundo Jackson:

O típico espaço produzido em uma paisagem pública (paisagem política) seja uma fazenda, um vilarejo ou uma nação, provavelmente possui próximo o seu centro estruturas independentes cercadas de uma área de amortecimento com limites visíveis, e a comunicação entre esta estrutura (ou uma coleção de estruturas) e o mundo exterior é formalizada de alguma maneira por pórticos, portões ou alguma entrada. Como poderíamos esperar este tipo de fronteira protetiva era comum na Grécia. (JACKSON, 1984, p.14, tradução nossa).

Essas diferenças na organização espacial da Paisagem fornecem razões do por que e como os humanos se apropriam da Paisagem, uma vez que: “As diferenças na organização espacial decorrem em grande medida, da forma como classificamos e separamos coisas, pessoas e ocupações (JACKSON, 1984, p.28)”.

A Paisagem norte-americana de seus ensaios adquire personalidade e uma interpretação de qualidade literária. Sua leitura é atenta aos valores (como os de uma sociedade, de uma época, etc.), pois em suas palavras:

Cada época enxerga o mundo à sua maneira e possui suas próprias noções de beleza, redescobrimo a paisagem. Encontramo-nos em meio a tal redescoberta; Quais valores antigos devemos descartar e quais

²³ [...] His essays link the common everyday elements of the landscape to broad themes of history and culture. He establishes that the way we build our cities and countryside reveals our society and our culture. Implicitly, he states what he later explicitly proclaimed: “Landscape is history made possible”. He demonstrates how landscape makes manifest our strivings, how the basic human motive for creating landscape, especially the domestic landscape, it is “the recreation of heaven on earth”. (HOROWITZ, p. X, 1997).

devemos preservar? (JACKSON, 1970, p.43, tradução nossa, adaptado)²⁴.

Outro traço desta internalização entre indivíduo e paisagem está na formação e consolidação de identidades particulares. Desta forma, a projeção de ambições e de projetos sociais coletivos encontram-se dependentes do instinto humano da associação e da mesma maneira “que dizemos que não há som a menos que exista um ouvido para registrá-la, devemos assumir que não há identidade a menos que exista alguém para reconhecê-la (JACKSON, 1970, p.146, tradução nossa, adaptado) “

Como intérprete seu intuito era enxergar tais paisagens, não pelo prisma de engenheiros ou arquitetos, mas pela ótica das pessoas comuns. É com isto em mente que ele procura enxergar elementos banais como banners, letreiros e as autoestradas, como afirma Jackson (1984):

Nenhum destes letreiros ou estruturas possuiu uma identidade fundamental: eles procuram estabelecer uma espécie de identidade existencial, criando diálogos curtos “Olhem para mim!” eles dizem, e nós respondemos, “Nós te enxergamos, você é uma placa de cerveja (ou um drive - in)”. São como aqueles adolescentes, mais comuns no ocidente, que vestem suas identidades em seus cintos ou nas costas de suas jaquetas. (JACKSON, 1984, p.148, tradução nossa, adaptado)²⁵

De certa maneira o método de pesquisa de Jackson, centrando na pesquisa inicial de fontes primárias de informação e na vivência de campo é uma continuação das abordagens de autor como Sauer. A diferença reside em grande medida no uso que realiza das fontes, Jackson utiliza-se de um estilo semelhante ao da crítica literária pontuando pontos-chave e realizando inferências a partir do diálogo com outras áreas tais como a Filosofia e a História. Um exemplo disso é

²⁴ Each age sees the world in its own manner and has its own notions of beauty; each of them rediscovers the landscape. We ourselves are in the midst of such a rediscovery; what old values are we likely to discard, what are we likely to retain? (JACKSON, 1970, p.43).

²⁵ None of these signs and structures possesses an essential identity: they seek to establish a kind of existential identity by setting up a brief dialog “See me!” they cry; and we answer, “I see you; you’re a root beer stand (or a drive-in movie).” They are like those teenagers, more numerous in the west, who wear their identity carved on their belts or on the backs of their jackets.”(p.148)

que, para ele, a importância de deixar um legado na Paisagem decorre de impulsos fundamentais de ser/estar no mundo:

Cada um de nós sente a necessidade de algo permanente no mundo à nossa volta da mesma forma que desejamos uma identidade permanente para nós mesmos. Não se trata simplesmente da satisfação de um impulso humano fundamental de ser parte de uma ordem que é mais duradoura do que nós: uma ordem moral ou ética que transcende nossa existência individual. A geração dos Românticos lidava com essa sensação através do sentimento de união com a natureza. O que temos nós para por em seu lugar? (JACKSON, 1970, p.152, tradução nossa, adaptado).

A diferença reside no tipo de interpretação das motivações e dos desejos das comunidades que idealizaram, criaram e viveram as paisagens. É a intenção ou não da criação do lugar e do espírito associativo que constituem a riqueza de sua análise. De acordo com Weldon (2012):

Devido à complexidade da natureza humana, visões e identidades diferentes emergem na Paisagem. Estas identidades muitas vezes contrastam e são guiadas por princípios e objetivos diferentes. O fazendeiro é motivado pelo lucro em sua empreita e irá manipular sua terra buscando o plantio que for mais lucrativo, enquanto o trabalhador focará mais em completar sua tarefa junto à paisagem. O que Jackson propõe é que as identidades nunca atingem coesão, mas que existem sempre em estado de tensão. Esta tensão é então repassada e manifesta na Paisagem através de padrões no uso do solo. (WELDON, 2012, p.12, tradução nossa, adaptado)²⁶.

Existe uma forte influência de J.B Jackson nas publicações da NPS - *National Park Service* (FREY, 2013). Jackson se preocupava com um “senso do tempo”, o que o aproximava de Hoskins (WELDON, 2012). E é nesse senso de tempo que justifica estudar o Vernacular a partir daquilo que se torna familiar no “espírito dos lugares”.

²⁶ Due to the complexity of human nature, different views and identities emerge on the landscape. These often-contrasting identities are guided by different principles and goals. The farm owner is driven to see profit in his enterprise and will manipulate the land in such a manner as to grow the most profitable crop, whereas a worker is focused on completing the task at hand within the landscape. Jackson proposes that the identities never achieve cohesion, but instead always exist in a state of tension. The tension is then made manifest on the landscape in land use patterns (WELDON, 2012, p.12).

Em outras palavras, J.B Jackson foi um autor pioneiro na definição do significado de Paisagem Vernacular e a sintetizar um esquema interpretativo da história dos Estados Unidos na Paisagem. Assemelha-se a importância que Hoskins teve na Inglaterra. Esta abordagem reassegurou para si, o papel de intérprete da paisagem do cotidiano.

Síntese dos autores e contribuição ao estudo da paisagem Vernacular

Podemos resumir a contribuição dos autor estudados a partir de temas e palavras. Em J.B.Jackson (vernacular, comum, popular), W.G. Hoskins (história, densidade temporal) e a de Carl Sauer (morfológica). Essas “escolas”²⁷ foram aprimoradas ou tiveram continuidade, renovando-se a cada geração (WYLIE 2007).

Tanto Sauer, Hoskins, como Jackson, desejavam retirar toda a noção de que a paisagem fosse puramente estética, tratando a paisagem de forma coerente e estruturada. Ao fazer isso, revitalizaram as técnicas formais de análise e estudo da Paisagem presentes na Geografia Física, especialmente na Geomorfologia.

Tanto em Hoskins quanto em Jackson é comum o uso de fontes locais e históricas de informação tais como catálogos e censos antigos, além de poesias e mitos locais. Isso servia ao propósito de compreender a movimentação das pessoas, a colonização e as novas demarcações e limites que se incorporavam as camadas da Paisagem. Em Sauer reaparecem os estudos que procuram “reorganizar os fatos do lugar” (HOLZER, 2016, p.39). Assim como Sauer, os três autor resgatavam a toponímia como componente significativa para o aprendizado da paisagem.

²⁷ Verifica-se a influência de Sauer em autor como Daniel Gade p.ex. William Hoskins é muito presente nos estudos de Geografia Histórica e uma figura influente no discurso de preservação da Paisagem. Já em J.B Jackson teve enorme influência na Geografia Humanista, principalmente no mundo anglófono.

Sauer e Hoskins são descritos como *insiders*. Neles reside um senso de proximidade, empatia e pertencimento com ênfase nos detalhes e na descrição da paisagem.

Em J.B Jackson há uma preocupação que os seres humanos possuem de constituírem um lar duradouro e de transmitirem suas experiências e vivências através da Paisagem.

O relativo desconhecimento de autor como Jackson e Hoskins no Brasil decorre em grande medida da falta de traduções em língua portuguesa, assim como do apelo localista, que enfatiza as paisagens de seus países de origem. Ou, no caso de Sauer, devido à distância temporal de suas publicações que podem ter contribuído para o relativo esquecimento acadêmico.

No entanto, as lições aprendidas em suas obras (tais como estilo, metodologia e interpretação) podem alimentar diversas pesquisas e muitas de suas reflexões a respeito da Paisagem Cultural. Possuem caráter universal.

Isso ocorre a despeito de Hoskins e J.B Jackson não terem elaborado teorias formais, esquematizadas já que tanto as teorias e os métodos não são explicitados claramente ao longo dos textos. Isto é diferente do caso de Carl Sauer, que sempre se preocupou com um caráter “sistemático em suas teorias.

Defendemos que, a centralidade da pesquisa da história local, seguido de trabalhos de campo orientadas pelos primados da informação visual, podem servir de base para a interpretação e valorização da Paisagem Vernacular.

Nesta seção procuramos delinear parte das ideias destes autores com o objetivo de prover as bases para a consolidação de nosso método de interpretação e análise, além de chamar a atenção da importância destes autores para a Geografia Cultural contemporânea.

2.3 Tempo e questão nacional

É verdade que as coisas são destruídas pelo tempo; seu ser é durar e, portanto resistir, mas durar não é, justamente, permanecer no tempo? Não é precisamente *no* tempo e em virtude do mesmo, que as coisas reais são? [...] Finalmente se é certo que o tempo passa e o seu modo de ser consiste em passar ou fluir, é preciso não se esquecer que ele é também alguma coisa que **fica** que se conserva e se acumula; e a isso denominamos de *idade* que é algo rigorosamente real e positivo (MARÍAS, 1966, p.123).

No universo de significados possíveis da Paisagem Vernacular se encontra associado à **experiência acumulada** e à continuidade e **uso** (RILEY, 1987) ²⁸. Por isso, a questão do “tempo” do Vernacular é fundamental para nosso entendimento do que é Paisagem Vernacular. Na visão de autor como J.B Jackson (1970) a Paisagem Vernacular pode ser considerada como “tudo à nossa volta”. Chamemos essa abordagem de visão **generalizante** da Paisagem Vernacular.

Já nossa abordagem segue em outra direção. Acreditamos que a Paisagem Vernacular deve possuir certa historicidade para ser classificada como tal. Se tudo é Vernacular não haveria necessidade de se atribuir nenhum tipo de característica e o termo paisagem contemporânea preencheria este vácuo. Chamemos essa segunda visão de **específica**.

De acordo com o sistema de registros de localidades históricas dos Estados Unidos, cujo trabalho em preservação é referência, para algo ser considerado “histórico” deve possuir mais de cinquenta anos (CLEMENT, 1999; SHERFY; LUCE, 1979) ou menos tempo caso seja excepcionalmente importante (MCLELLAND et al, 1999). Na carta sobre Arquitetura Vernacular do ICOMOS (1999) a definição de Paisagem Vernacular enfatiza os aspectos funcionais (utilitários) na vida cotidiana e ao mesmo tempo um recorte da história da sociedade (*Vernacular Heritage*).

Exemplifiquemos: No Reino Unido, associa-se o fim das tradições vernaculares com o início das ferrovias em 1840. Tal visão advém de uma

²⁸ Riley nota que alguns autor preferem utilizar termos como comum (*common*), ordinário (*ordinary*) ou doméstico (*domestic*) ao invés de Paisagem Vernacular (RILEY, 1987).

suposição (incorreta) de que o construtor dessas edificações utiliza-se apenas de materiais locais (OLIVER, 2006).

Isso ocorre porque há uma ênfase nos pequenos agentes. O que os leva (em grande medida como o fazem os antropólogos) a considerarem a Paisagem Vernacular, como resultado de comunidades ligadas a determinados grupos ou restritas a materiais construtivos locais e na cultura predominante (destes grupos) como síntese destas concepções.

Ao transpormos a discussão para o caso brasileiro, esta visão se torna incoerente com o próprio processo de transmissão de tipos de edificação e sistemas construtivos. É um processo semelhante ao da difusão de inovações. Por essa razão, o "quando" se torna relativo. Um paralelo pode ser realizado com a discussão a respeito das chamadas arquiteturas nacionais. De acordo com Neasa Hourigan (2015), cada país possui sua arquitetura nacional e em suas palavras:

[...] uma conclusão clara e definitiva da pesquisa realizada em diferentes países e regiões é que estas interpretam o vernacular de diferentes maneiras. Nos países do "Novo Mundo" a desintegração relativa do ambiente construído levou a caracterizações muito mais abrangentes do vernacular como uma arquitetura do dia-a-dia. Em países consolidados a mais tempo a tendência é enfatizar a preservação de tipologias artesanais ou não profissionais. Concluo que estas compreensões paralelas da natureza do objeto são tanto uma definição válida como um indicativo da natureza do próprio objeto (HOURIGAN, 2015, p.28, tradução nossa, adaptado)²⁹.

Em seu aspecto individual uma construção vernacular somente existe em comparação com outra que lhe dá suporte³⁰ (por similaridade de tipo arquitetônico ou sistema construtivo). O mesmo pode ser dito da Paisagem Vernacular: ela só existe quando comparada à outras.

²⁹ [...] there is one clear and defining conclusion from the research undertaken- different regions and nations interpret the concept of vernacular in markedly diverse ways. In 'New World' states the relative dearth of existing built fabric has led to a far more progressive characterization of the vernacular as the architecture of the everyday while longer established nations cling to the preservation of a handmade, non-professional typology. It is the conclusion of this author that this parallel understanding of the subject matter is both a valid definition and indicative of the nature of the subject matter itself (HOURIGAN, 2015, p.28).

³⁰ Em termos de comparação, de acordo com Sangiorgi (2008), as edificações Vernaculares rurais são moldadas de acordo com (a) limites dos recursos locais (impostos pelo meio); (b) produtividade agrária; (c) O layout depende do ambiente natural de fatores sociais como a segurança p.ex.

Neste sentido, podemos afirmar que, dentro das demais categorias existentes de Paisagem Cultural há uma Paisagem Vernacular com características especificamente brasileiras, ou paranaenses que, por sua vez podem ser divididas em subtipos. No entanto, a Paisagem Vernacular não pode ser considerada como tudo à sua volta. Implica em algumas questões relevantes à sua apreciação, que serão discutidas adiante.

2.4 Síntese das abordagens fundamentais

Geógrafos possuem preocupação com a utilização de uma teoria sistemática para o entendimento da Paisagem Cultural mais do que urbanistas ou historiadores (GROTH, 1997), a despeito de um interesse maior na temática por parte de arquitetos e urbanistas³¹.

Em artigo intitulado “*Vernacular Landscape*” (1987), Robert Riley procura traçar linhas gerais para o estudo da Paisagem Vernacular que considerava como um campo pouco aberto e que padecia de uma teoria sistemática³². Riley aponta três abordagens nos estudos da Paisagem Vernacular: a) estudos evolutivos; b) funcionais e c) percepção e significado.

A) Abordagens evolutivas são mais rigorosas e técnicas e são escritas por autor acadêmicos de forma integrada. Porém suas análises econômicas são fracas e existe pouca consistência dos aspectos políticos associados à constituição da Paisagem (idem, ibidem).

B) Já as abordagens consideradas funcionais, por sua vez, possuem forte contribuição de etnólogos urbanos e enfatizam o uso social em elo

³¹ Uma pesquisa no portal de periódicos da Capes com o termo “*Vernacular Landscape*”, por exemplo, em um universo de 49 pesquisas, durante os anos de 2017-2019. Dos países com mais estudos, destaque para os Estados Unidos, Inglaterra, Arábia Saudita e China.

³² Interessante observar que na conclusão de seu artigo Riley acreditava que em alguns anos toda a discussão se tornaria obsoleta, confiando na capacidade de consolidação da Paisagem Vernacular como campo de estudos. 33 anos depois o termo ainda não se popularizou ou adquiriu consistência ou continuidade acadêmica. Em certa medida, nosso trabalho é parte desta discussão iniciada há três décadas.

com o ambiente físico. Sua fragilidade aponta Riley (1987) está na falta de conexão com as pesquisas de *design-behavior*.

C) A abordagem de percepção e significado apresenta maior flexibilidade no uso de teorias e métodos. Possuem também a vantagem de enfatizar mais os aspectos afetivos do que visuais na paisagem, inspirando-se em bases fenomenológicas. Infelizmente compreendem pouco o efeito do tempo e da exposição nas culturas e nos indivíduos. Um dos problemas associados a estes estudos, é que podem sair facilmente do controle, tornando-se ensaios estéreis ou desviando-se totalmente do foco na Paisagem para outros temas ou tornarem-se “incrustados em uma rede incestuosa de publicações acadêmicas (idem, p.147)”.

É importante distinguir uma paisagem etnográfica de uma paisagem vernacular. Em linhas gerais, a Paisagem etnográfica é, ou foi em algum momento uma Paisagem Vernacular (do cotidiano), mas está associada a um determinado grupo étnico do qual se distingue claramente. Uma Paisagem etnográfica pode ser considerada uma PV em seus países de origem. As Paisagens Etnográficas “[...] são tipicamente paisagens vernaculares que contém aspectos naturais ou culturais associados a pessoas que as consideram patrimônio (CLEMENT, 1999, p.6-7)”.

Existe uma familiaridade desconexa, pois os elementos constituintes da paisagem o que a difere de outras categorias como a Paisagem Histórica p.e.x. (CLEMENT, 1999; WELDON, 2012). No entanto, o processo de documentação, os padrões e a distribuição são semelhantes aos aplicados às paisagens regionais (RILEY, 1987).

Explicadas as abordagens, podemos dividir os **estudos** em dois tipos básicos: (1) **Em função da Evolução** (*Works of evolution*): expressão da identidade pessoal, aspirações ou domínio territorial (os trabalhos de Hoskins, Sauer e outros geógrafos culturais encontram-se aqui); (2) **Em função do Significado** (*Works of Meaning*): como expressão de pertencimento a sistemas de valores externos (RILEY, 1987).

No que tange aos métodos, Robert Riley (1987) distingue dois

tipos de metodologias de análise no estudo da Paisagem Vernacular: (1) integrada e (2) interpretativa³³. Na visão integrada, o foco do estudo é uma paisagem-tipo específica e segue procedimentos mais ou menos esquematizados de coleta e catalogação e geralmente inclui fatores arquitetônicos, sociais, econômicos e políticos (RILEY, 1987). O viés interpretativo, por sua vez, é mais livre. Costuma associar conjuntos de paisagens ou seus componentes simbólicos como representativos de uma determinada região (p.ex. Paisagens de consumo, paisagens simulacro, etc.). Sendo assim, possuem um conteúdo mais especulativo do que factual. O problema destas interpretações é que se tornam intocáveis através da repetição sem a devida investigação da coerência e veracidade das análises (RILEY, 1987). Na seção a seguir procuramos traduzir estas questões fundamentais e autores em procedimentos metodológicos.

2.5 Quadro geral de análise

Terminadas estas reflexões teóricas, podemos avançar na construção dos parâmetros a serem analisados em uma Paisagem Vernacular. No entanto, restam ainda algumas perguntas: Como percebemos a Paisagem Vernacular em nosso próprio "tempo"? E quais critérios são necessários para que uma Paisagem, em seu conjunto seja considerada "Vernacular"?

Na visão de J.B Jackson este termo englobaria desde os subúrbios, a cidade empresarial, o campo de trailers, áreas de resort e condomínios p.ex. e constituem uma definição generalizante de Paisagem Vernacular. Isto marcará uma diferença fundamental entre a sua abordagem para a nossa, mais específica, centrada na passagem do tempo. Apesar desta diferença de critérios de classificação, seus ensaios, temas e métodos de análise alicerçaram e inspiraram nossos próprios parâmetros de pesquisa. Este processo que começa

[...] ao investigar os fatores sociais, topográficos e tecnológicos que determinaram sua economia e seu modo de vida. No entanto,

³³ Vale à pena ressaltar que estas características são dadas pelo conjunto geral da análise, podendo existir pontos de convergência entre si.

suspeito que nenhuma paisagem, seja ela vernacular ou não, pode ser compreendida se não a percebermos como uma organização do espaço, ou indagarmos quem é dono ou utiliza os espaços, como foram criados e como se transformaram. Muitas vezes são os aspectos legais que nos servem de insight; o relacionamento entre o camponês ou o aldeão e o pedaço de terra em que trabalha (JACKSON, 1987, p.150, tradução nossa, Adaptado)³⁴.

De sua afirmação podemos extrair três fatores ou grupo de fatores: (1) Tecnológicos e topográficos associados à Paisagem (casa construída em ponto alto, plantio a meia encosta ou caminhos que permitam a utilização de tratores p.ex.); (2) Tipo de produção: Se é uma paisagem rural, tipicamente associada ao plantio de café p.ex. Em outras palavras, como efetivamente se encontra organizada em torno do (3) os aspectos legais que regulam o espaço (diretrizes de uso do solo, parcelamento ou legislação pertinente).

Em nosso enquadramento, o estudo do fator “tempo” é demarcatório na fronteira entre o Vernacular e o Histórico. Ao desvelar a “história” na Paisagem ou em como aspectos e valores se reflete neste ou naquele arranjo a “[...] história nos interessa. Ou seja, realizamos o que fazemos, e produzimos o que produzimos, porque nossos fazeres e produtos são heranças de nosso passado..., uma grande parte da paisagem cotidiana foi construída por indivíduos no passado, cujos gostos, hábitos, tecnologias, opulência e ambições foram diferentes das nossas hoje (LEWIS, 1979, p.79)”.

Este processo de inventário e julgamento do “tempo” deve sempre ser realizado em comparação com o período histórico em que se desenvolveram as principais linhas de estruturação da Paisagem tais como diretrizes de povoamento, abertura de fazendas e caminhos, introdução de atividades econômicas impactantes, etc. No entanto, de forma geral, permanecerá relativamente livre durante os inventários. Em paisagens vernaculares há uma gradual relação entre a localidade, o solo, o clima e os indivíduos.

³⁴ [...] by investigating the topographical and technological and social factors which determined their economy and their way of life, but in the long run I suspect no landscape, vernacular or otherwise, can be comprehended unless we perceive it as an organization of space; unless we ask ourselves who owns or uses the spaces, how they were created and how they change. Often it is the legal aspects of the landscape that give us the clearest insight, especially into the relationship between the peasant or villager and the piece of land he works (JACKSON, 1987, p.150).

Tabela 3- Compilação dos elementos a serem observados na Paisagem Vernacular e autor/obras de referência.

Síntese geral de características e componentes da Paisagem Vernacular compilada a partir de autor de referência

Processos e fatores	
Ocupação e diretrizes legais	Legislação concernente e diretrizes governamentais de ocupação (decretos, leis, etc.). Natureza de colonização de companhias ou do Estado.
Relação com ambiente natural	Como dialogam com o ambiente "natural" (convívio, domínio, eliminação, remodelamento).
Grupos ou agentes	Indivíduos ou grupos por trás da concepção da Paisagem ou do "olhar" que a idealizaram (microcosmo, relações com o ambiente).
Mobilidade e mudança	Fenômenos de dispersão cultural. Não necessariamente voluntária
Senso de tempo	Como elementos associados a determinados períodos, estilos ou épocas expressos objetiva ou subjetivamente na paisagem
Forma ou componentes da forma	
Limites ou fronteiras	A função política dos limites ou fronteiras não é definir uma área homogênea, mas sim de proteger o objeto que cercam.
Disposição dos componentes na Paisagem	Hierarquia e posição dos elementos constituintes da Paisagem (moradias no topo ou pastos à meia encosta p.ex.)
Edificações ou conjunto de edificações	Material construtivo e tipologia arquitetônica do "conjunto".
Caminhos ou vias de conexão	Sistemas de estradas locais, lógica de implantação e impacto das estradas na ordem social.

Fontes consultadas: (ALANEN, 2000; GROTH, 1997; HOSKINS, 1967; JACKSON, 1979, 1984, 1992, 1997; RILEY, 1987).

Pode ser difícil datar uma Paisagem Vernacular com exatidão, pois sua natureza flexível permite diversas mutações na forma original, incluindo inovações construtivas e novas composições (FREY, 2015). No entanto, existe um padrão de **consagração pelo uso**, que tem continuidade na permanência do uso da técnica original.

Existem padrões, linhas e manchas que são identificáveis em uma Paisagem, pois seus limites são mapeáveis, e não são necessariamente exclusivas de uma localidade ou região. Enquanto soluções funcionais, artesanais que refletem o próprio grau de especialização da população responsável pela sua idealização e materialização atingem ares "históricos". Enquanto isso o "novo" Vernacular, seria algo que:

[...] não possui a pátina de época ou a tradição que definia modelos antigos, "primitivos" (e/ou extintos), não eram mais do que consequência natural de padrões culturais distintos e de comportamentos da sociedade. Contrastando com definições anteriores, no entanto era decididamente barulhento, visualmente penetrante e predominantemente comercial (ALEXANDER, 2011, p.35)³⁵.

Há, assim, certo "ar" nostálgico (Wright, 1998) no estudo da Arquitetura Vernacular e este sentimento acaba muitas vezes por ser acompanhado por uma urgência no sentido de preservação histórica e, não é a toa que se tornaram comuns em países que passam por uma intensa urbanização como China, Índia e Arábia Saudita. Esses trabalhos procuram inventariar desde antigos povoados a estabelecimentos rurais tradicionais³⁶.

³⁵ This vernacular didn't have the patina of age and tradition that had defined older, "primitive" (and extinct) models, but it was no less an outgrowth of distinctive cultural patterns and behaviors of society. In contrast to past definitions, however, it was decidedly loud, visually pervasive, and dominantly commercial.

³⁶ São exemplos destes trabalhos sobre Paisagem Vernacular e preservação: Na China (BAI e XIAO, 2013), (HUANG e XI, 2014) e (LI, 2015). E na Arábia Saudita (SALEH, 2001; 2003).

2.6 Componentes e significados na Paisagem Vernacular

Os componentes de uma Paisagem Vernacular são reconhecíveis porque sua lógica tradicional de estrutura espacial e de difusão segue um arranjo específico de elementos ou traços culturais, originais ou não, do repertório de indivíduos e grupos, moldados ao longo do tempo. E no decorrer do processo analítico, o papel da **percepção** é fundamental, mas adiciona uma dificuldade extra: a de traçar uma linha de interesse sobre quais informações são essenciais e quais são meros fatos isolados.

Existem cinco qualidades/características centrais na definição de uma Paisagem Vernacular: 1) a funcionalidade, 2) flexibilidade (capacidade suportar mudanças) 4) o uso, 4) o tempo (passagem) e o 5) significado.

Entendemos por função a destinação ou o “para que serve” determinado componente na Paisagem. Na medida em que esta paisagem se estrutura em torno do cotidiano, do trabalho a pergunta que se deve fazer é como ela reflete sua função? Sua “funcionalidade” explica as formas de organização.



Figura 4-Exemplo de função e uso em Paisagem Vernacular.. A sede no alto oferece controle visual da propriedade e estâbulos. Área de pastagem com o uso de cercas para contenção dos animais. Algumas árvores reforçam o caminho de acesso enquanto a presença de mata utilitária serve de proteção do sol, vento, etc.. Fazenda de criação São Diogo, Jacarezinho-PR. Setembro de 2019.

Na Paisagem Vernacular podemos compreender “flexibilidade” como a capacidade que uma paisagem possui de incorporar e desincorporar alterações. Como por exemplo, em mudanças sazonais, o hábito de intercalar produção, replantio de pastos etc. como o na fig.4.

Por tempo, compreendemos a passagem histórica do tempo. É possível observar esta passagem a partir da cor das telhas envelhecidas, pequenas edificações que incorporam adaptações e incrementos assim como porteiras ou placas antigas.



Figura 5- Exemplo de significado e simbolismo. São Francisco de Assis, santo padroeiro da cidade abençoa os que seguem para o trabalho na lavoura. Jundiá do Sul – PR. Setembro de 2019.

As modificações impulsionadas pelo uso formam padrões que são passíveis de estudo através da identificação dos aspectos transformativos associados com atividades econômicas assim como significados práticos e valores subjetivos (fig.5). Sobreposições, transformações bruscas, jardins que se expandem ou retraem, uma paisagem em mudança, a que ritmo? E o que queremos dizer com isso?

Uma capacidade de resiliência muito forte (resposta as transformações, capacidade de voltar ao original) está presente nesta paisagem. Da mesma forma que uma definição de Paisagem Vernacular não pode ser "tudo a nossa volta" (J.B Jackson), pressupõe-se que o uso e a continuidade orientam essa capacidade. É o tempo que justifica a possibilidade de interpretação da Paisagem Vernacular.

3. Procedimentos metodológicos e investigação de campo.

Acredito que qualquer paisagem, seja ela Vernacular ou não, não pode ser compreendida a menos que nos perguntamos a respeito de quem usa estes espaços, como eles foram criados e como eles podem mudar. Muitas vezes são os aspectos legais da Paisagem que nos dão os insights necessários, principalmente quando pensamos no relacionamento do camponês ou do morador de uma vila com o pedaço de terra em que ele trabalha (JACKSON, 1987, p.150)³⁷.

Neste capítulo discutiremos as técnicas de pesquisa em Paisagem Cultural que nos serviram de base, elencando aqueles procedimentos que se mostraram mais úteis para a análise da Paisagem Vernacular. Algumas das reflexões discutidas aqui são desdobramentos do capítulo 02.

Em nosso esquema, os relatórios e fichas de campo são essenciais à formulação de hipóteses. Estas fichas e o conteúdo dos relatórios foram moldados a partir das diretrizes essenciais, estudadas na fundamentação teórica. O estilo descritivo a ser adotado na caracterização das Paisagens-tipo é pessoal (embora inspirado em autor de referência).

A natureza reflexiva das observações em campo forma base essencial na análise dos estudos em Paisagem Cultural do qual importamos grande parte do traçado metodológico³⁸.

Procuramos elaborar nossas diretrizes metodológicas de acordo com um amálgama de teorias e métodos que são sintetizados especificamente para a análise da Paisagem Vernacular, mas que podem servir de base para as demais vertentes. Para isso preparamos uma proposta de análise e interpretação. Existem também paralelos com pesquisas executadas anteriormente (FRANK, YAMAKI 2016, 2014, 2013; FRANK, GABRIEL e YAMAKI, 2013; YAMAKI, 2015).

³⁷ I suspect no landscape, Vernacular or otherwise, cannot be comprehended unless we perceive it as an organization of space; unless we ask ourselves who owns or uses these spaces, how they were created and how they can change. Often it is the legal aspects of the landscape that give us the clearest insight, especially into the relationship between the peasant or villager and the piece of land he works (JACKSON, 1987, p.150).

³⁸ Andreotti (2013) destaca a existência de uma arte de descrição da Paisagem e tendo como base os trabalhos de Herbert Lehmann (1901-1971) aponta como essenciais: “1-Valorização estética; 2-Contribuição dos elementos culturais; 3-Participação espiritual; 4-Análise Histórica; 5-Processo Temporal; 6-Amálgama Psicológico e 7-Cromatismo (ANDREOTTI, 2013, p.30, adaptado)”.

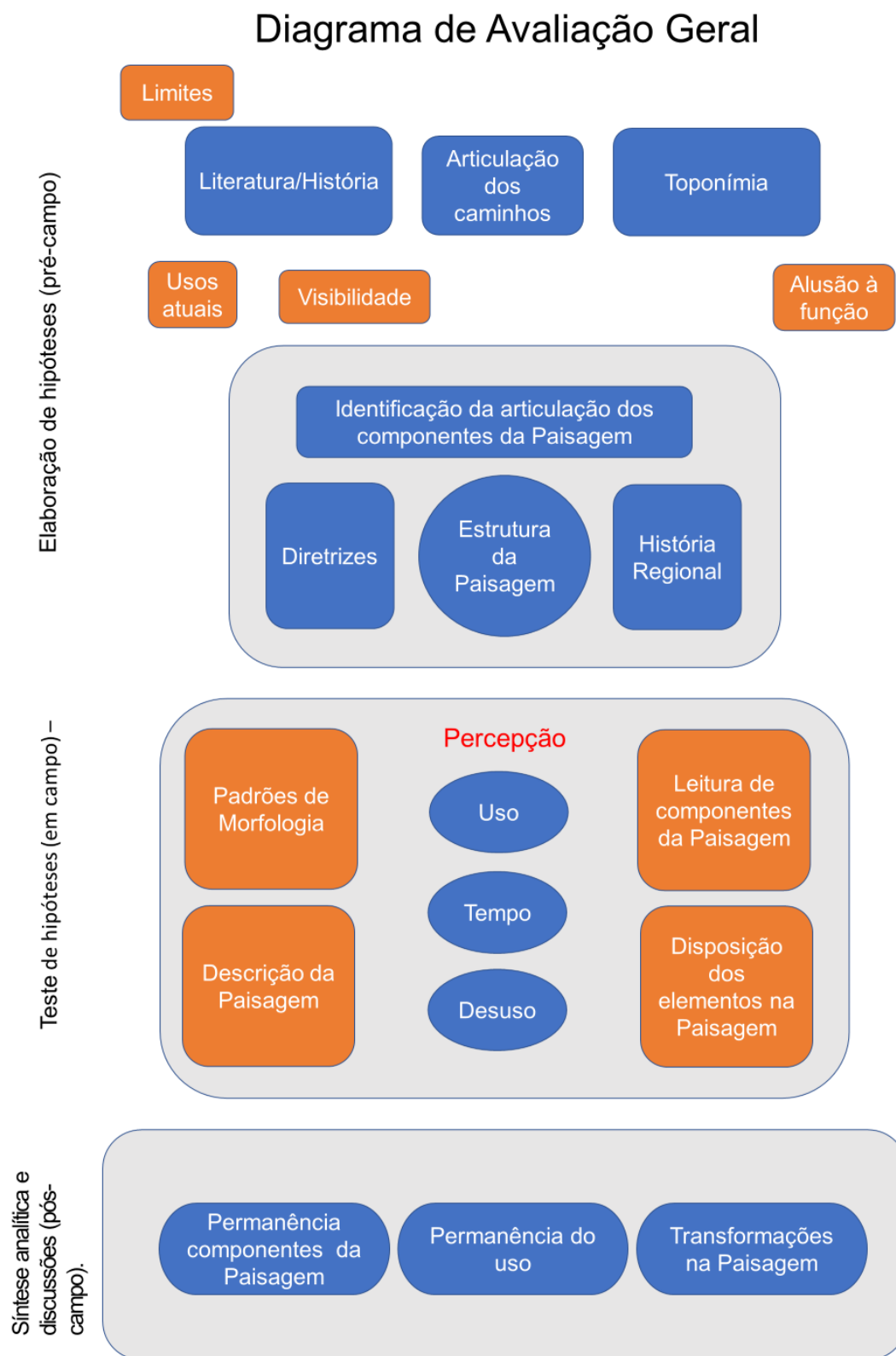


Figura 6- Diagrama de avaliação geral. Org.: FRANK; YAMAKI 2020.

3.1 Aspectos e qualidades e observação em campo

A análise envolve interpretação dos significados, funções e consequências das ações humanas ou das práticas institucionais e suas implicações. A utilização de censos e informações de cenário econômico³⁹ é importante enquanto indicativo dos processos atuantes. Paul Claval (2005) ressalta a falta de atenção ao papel do cenário econômico nos estudos de Paisagem Vernacular⁴⁰ que são fundamentais para o estabelecimento de hipóteses de gênese, propagação e decadência. Uma vez que a Paisagem Vernacular lida diretamente com os incentivos de agentes econômicos e suas consequências para a organização do espaço geográfico, é possível raciocinar com base nestes termos de reconstrução histórica de suas condicionantes.

Durante a realização dos trabalhos de campo o papel da observação, registro e apontamento. Por exemplo, pequenos fatos cotidianos servem como pistas, mas se não agregam grande valor à Paisagem (temos em mente casos excepcionais p.ex.) devem receber um peso proporcional como fonte de informação.

A coleta de dados em campo é na maior parte, desestruturada em dois sentidos: (a) primeiramente, não envolve seguir uma forma fixa e detalhada de pesquisa, no começo. (b) Segundo lugar, as categorias que são utilizadas para interpretar o que fazem ou falam não são construídas através da coleção de dados, mas através da coleção de registros de observação e questionários. São, ao contrário, geradas através do processo de análise de dados.

Foca geralmente em poucos casos, de pequena escala, talvez um padrão simples de pessoas. Isto serve para facilitar estudos mais profundos (OLIVEIRA 2006).

³⁹ Utilizamos como indicadores essenciais os dados fornecidos por agências oficiais como IBGE ou informações compiladas a partir de órgãos regionais como IPARDES e ITCG. Informações a respeito de censos históricos podem ser fornecidas por estudos específicos na área de demografia. Notadamente o estudo de MUSSALAN (1971).

⁴⁰ A partir de nosso itinerário metodológico procuramos abranger esse escopo na forma de pesquisa “pré-campo” que alimenta nossas hipóteses e orienta a pesquisa em campo (inclusive fichas de avaliação, fotografia e entrevistas).

Ancorada no cotidiano, a paisagem vernacular reflete estas preocupações. É neste sentido que devemos nos dedicar ao estudo de um sistema de caminhos.

É importante considerar os seguintes aspectos na análise: (a) Preocupação com a identificação da continuidade, elos; (b) Compreensão das camadas; (c) Densidade Temporal (d) Espírito do lugar; (e) Espírito de época.

A resposta a estas perguntas pode dizer muito sobre os indivíduos que idealizaram tais paisagens, seu cotidiano e sua atitude reativa frente ao ambiente, e, a partir daí, podemos conjecturar em cima de disponibilidades reais dos indivíduos em uma dada situação. Trata-se de um exercício de imaginação geográfica. Algumas perguntas são essenciais: Dispunham de que materiais, quais eram seus objetivos e seus limites operacionais⁴¹?

Para organização de nossa análise levamos em conta alguns parâmetros sugeridos por Paul Groth (1997) e de certa forma orientam a “boa pesquisa” em Paisagem Cultural. São eles:

- Paisagens comuns ou cotidianas são importantes e valem a pena ser estudadas uma vez que "são arquivos da experiência social e do significado da cultura" (idem, p.3).
- **Em sua maioria os objetos de pesquisa são urbanos ou rurais, quase sempre focados na produção e no consumo. Nos primórdios, estudiosos preferiam mais as paisagens rurais, pois as mudanças eram sentidas mais solidamente.**
- O contraste entre diversidade e unidade é essencial e continuam no debate da interpretação da paisagem cultural.
- **Os estudos necessitam de fontes tanto acadêmicas quanto populares, de maneira a influenciar o maior número de pessoas.**

⁴¹ Nossa cultura contemporânea possui certa dificuldade em compreender como chegaram até nós determinadas estruturas herdadas do passado. Isso é verdadeiro também a nível pessoal e está relacionada com diferenças de geração e de vivência que impossibilitam um salto na imaginação geográfica. P.ex. Imaginar que todas as estradas eram asfaltadas ou que a velocidade do tráfego fosse semelhante à de nossas auto-estradas, ou mais ainda: não compreender o desafio de travessia ao longo de lombo de animais e toda a logística envolvida na formação do território.

- As várias opções entre teoria e método nos estudos de Paisagem advêm da natureza interdisciplinar do objeto. "Não há um "só" método ou teorias aprovados" (idem, ibidem, p.10).
- **Dentro dos métodos de paisagem cultural, o primado da informação visual e espacial é o tema central, mesmo que toda interpretação seja baseada apenas em dados visuais e espaciais.**

YAMAKI (2013) elaborou um Diagrama para Identificação e Avaliação da Paisagem Cultural, a fim de compreender através dos componentes e elementos que compõem a Paisagem.

Este método partidariza na paisagem, os componentes, atributos e estrutura. O caráter é o resultado da combinação destes elementos. O diagrama possui uma rede de itens mapeáveis.

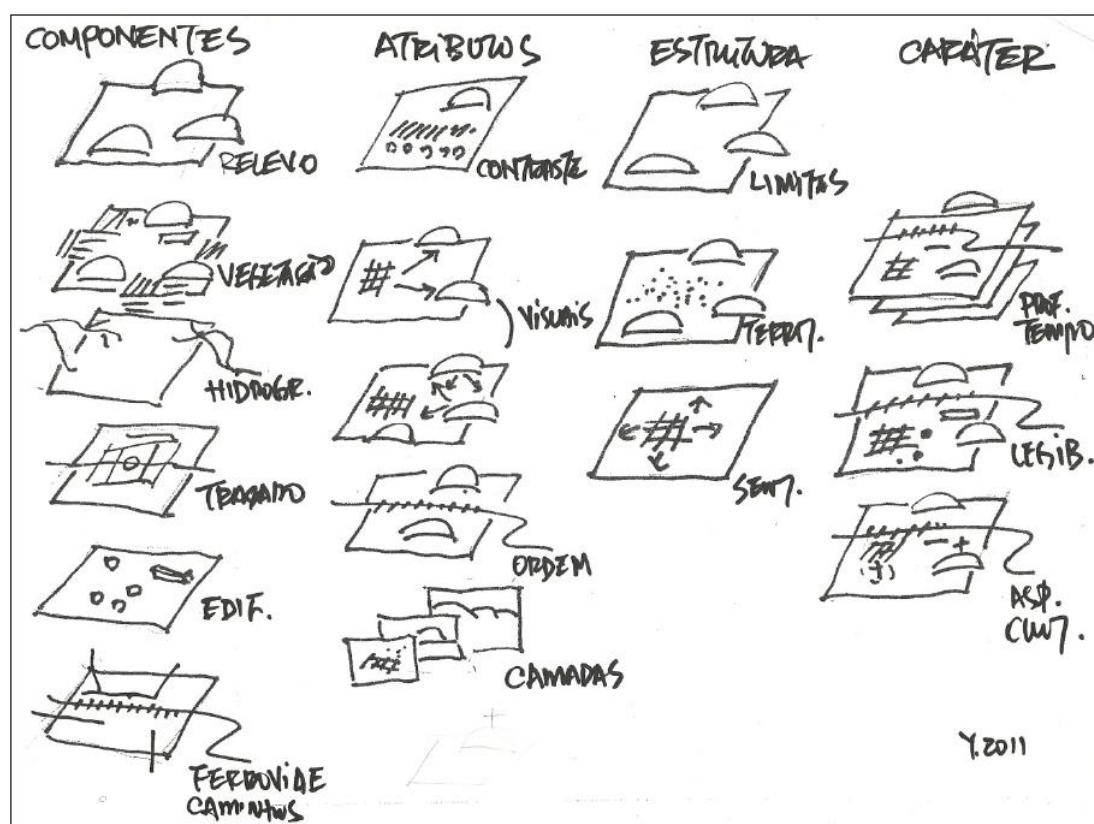


Figura 7- Componentes e elementos na definição de paisagens culturais. (Yamaki et al 2013 apud Yamaki 2011).

Por fim, podemos realizar uma classificação com base em **elementos dominantes** e elementos secundários na Paisagem. Por elementos dominantes destacamos aqueles que sobressaem na paisagem (Montanhas,

morros p.ex.), e centralizam o olhar. Já os elementos secundários são aqueles que complementam (como cercas ou pequenos detalhes p.ex.) Isso pode ser realizado a partir da classificação de uma sequência de imagens.

3.2 Critérios para classificação e inventário.

A Paisagem não se enquadra necessariamente no escopo da região (enquanto categoria), portanto, o uso de regiões administrativas não deve ser tomado como absoluto. Por conta das semelhanças ocorridas na gênese e nos desdobramentos históricos, fisiográficos demos preferência às regiões históricas (p.ex. Norte novo, Norte Pioneiro).

Posto isso, poderíamos mover nossa análise (ou justificar nessa direção) não em relação ao quadro estrito das regiões administrativas, mas no quadro natural e nas fases de ocupação. P.ex.: Do segundo ao terceiro planalto: (a) aspectos da colonização original (e adaptações); (b) resquícios e desdobramentos na forma atual (estado); (c) Procedimentos de classificação e catálogo com base em sua relevância (Social e histórica); (d) Definição de tipos.

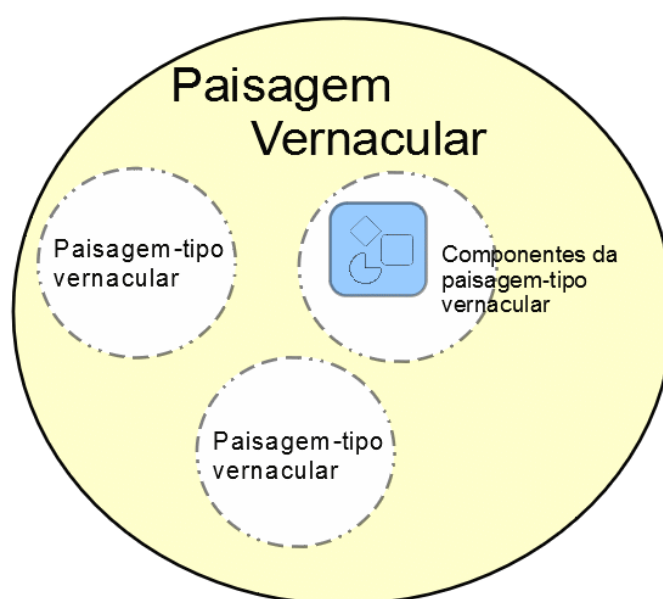


Figura 8- Exemplo de interação entre Paisagem, paisagem-tipo e componentes da paisagem-tipo. Fonte: Autores, 2019.

O recorte histórico oferece algumas dificuldades, pois "muitas" paisagens possuem gênese em períodos anteriores e não são fixas no tempo. Porém tal recorte auxilia na esquematização geral. Nesse sistema, é a forma final que importa ao levantamento (lembrando-se do primado da informação visual).

Um exemplo: caso apenas o recorte histórico seja tomado como critério e este se estenda até a década de 1950, por exemplo, todo o "*New Vernacular*" com seus estacionamentos, restaurantes de fachada reta e galerias estariam relegadas a um segundo plano ou nem apareceriam nos relatórios e fichários de classificação.

As mudanças presentes nas paisagens vernaculares afeta em grande medida sua capacidade de resiliência, isso implica que necessariamente teremos de priorizar as transformações e desdobramentos que se repetem de maneira a extrair padrões que possam ser analisados.

3.3 Procedimentos Gerais e trabalho de campo

Com base nos procedimentos gerais da metodologia proposta por Swanwick (2002) *Landscape Character Assesment*, a estratégia de investigação consiste na compilação de informações que podem ser divididas em: (1) informações colhidas em campo, tais como as descrições a respeito da área (caráter oral), (2) levantamentos de campo (aspectos naturais e de implantação p.ex.) e (3) aquelas referentes ao material documental existente (tais como cartas topográficas, mapas antigos e literatura existente). Em suma: os passos para a documentação pré e pós-campo são basicamente os seguintes (adaptado de HERITAGE VICTORIA, 2009, p.8):

- Área ou contexto ambiental
- Limites
- Padrões culturais e desenvolvimento histórico
- Distribuição de elementos
- Elementos
- Fatores futuramente associados ao processo de inventário

A pré-pesquisa e os trabalhos de campo auxiliam na definição de prioridades e hierarquias entre os elementos. A sua constância (repetição) e os aspectos de significância cultural (HERITAGE 2009, adaptado) está no centro das observações.

A coleta de dados é na maior parte, estruturada em dois sentidos: (a) primeiramente, não envolve seguir uma forma fixa e detalhada de pesquisa, no início. (b) Segundo lugar, as categorias que são utilizadas para interpretar o que fazem ou falam não são construídas através da coleção de dados, mas através da coleção de planilhas de observação e questionários. Foram geradas através do processo de análise de dados *in loco* aliados ao estudo prévio.

É importante considerar os seguintes aspectos no processo de análise (etapa posterior): (a) Preocupação com a identificação da continuidade, elos; (b) Compreensão das camadas; (c) Densidade Temporal (d) Espírito do lugar; (e) Espírito de época⁴². Vale ressaltar que muitos destes aspectos dependem da percepção individual do pesquisador.

Planos e estradas, por exemplo, são componentes mais estáveis, enquanto o uso de solo por sua vez, é mais dinâmico (CONZEN 1969). Após o processo de inventário e documentação, a análise das informações tem como fundamento a **técnica** de sobreposição ou *overlap* (ENGLISH HERITAGE 2012). Sobrepõem-se os levantamentos e informações sobre um mapa base. Tal procedimento permite analisar permanências e continuidades.

No trabalho de campo, junto aos pontos de interesse na fase pré-campo adotamos o método de **amostragem por caminhamento livre**, que é “[...] o mais flexível, os pontos de observação são marcados conforme a variabilidade paisagística da área de estudo, sem seguir um caminho definido (CAVALCANTI, 2014, p.56)”. Este tipo de procedimento é muito comum em estudos de geomorfologia p.ex.

⁴² Por espírito de época entendemos o conjunto de idéias, crenças e objetivos que são típicos dos indivíduos em determinado período histórico. Na paisagem pode se manifestar como visual de época (*look of age*).

3.4 Síntese regional e a ficha de avaliação

Uma avaliação prévia da bibliografia existente permite traçar a “mobilidade” dessas paisagens-tipo. Um processo de pré-avaliação não deverá prescindir de uma “síntese regional”, uma minibiografia da área estudada. Diversas hipóteses podem ser levantadas durante essa fase. De forma resumida compõem-se de: (1) Síntese histórica da região; (2) Dados demográficos; (3) Cartas topográficas e mapas históricos.

As fichas de avaliação, por sua vez, são utilizadas em campo para caracterização individual dos pontos de interesse (paisagens representativas). Esta ficha foi montada tendo como base os aspectos mais comumente associados à Paisagem Vernacular. Deriva de bibliografia específica da área de Avaliação de Caráter de Paisagem cujo trabalho de referência é de autoria de Swanwick (2002).

4. A Paisagem Vernacular no Norte Pioneiro

Neste capítulo faremos análise da Paisagem Vernacular do Norte Pioneiro a partir de suas paisagens-tipo e elementos mais representativos. Utilizamos como recorte a zona rural das localidades que compõem essa microrregião. Esta relação utilizou como critério de demarcação a representatividade, assim como a importância para a constituição da PV regional.

Ao longo do texto procuramos estabelecer conexões entre processos formadores e os aspectos legais, elencando componentes e qualidades. Por fim, vale lembrar que a interpretação se orienta pela “Síntese geral das características e componentes da Paisagem Vernacular” expostos no capítulo anterior.

4.1 Breve Histórico

O Norte Pioneiro faz parte da mesorregião do Norte Pioneiro. Também chamado de Norte velho. Abrange municípios como Cambará, Jacarezinho e Santo Antonio da Platina. Recebe este nome pois foi uma das primeiras áreas de colonização do Norte do estado do Paraná (a colônia militar de Jatahy nas margens do Rio Tibagi em 1850 foi pioneira). O Norte do Paraná esteve sob influência econômica e cultural dos estados de São Paulo e Minas Gerais além da região dos Campos Gerais no Paraná.

Atualmente, grande parte de sua dinâmica econômica gravita em torno da produção agropecuária, com destaque para o café que viu nos últimos 40 anos uma transição produtiva para a cana-de-açúcar e soja e a criação extensiva de gado, principalmente na região de Santo Antônio da Platina (IPARDES, 2018).

Predominam chácaras e sítios compartimentados em áreas de relevo mais acidentado enquanto áreas mais planas permitem a mecanização e abrigam grandes fazendas. Nas áreas de solo mais pobre tende a vigorar a produção pecuária extensiva.

Em síntese, dentre as matrizes que contribuíram para a colonização do Norte do Paraná, e que deixaram grande impacto na configuração da paisagem Norte – Paranaense, podemos destacar: (1) as atividades de tropeirismo e criação de animais que migraram da região dos campos gerais (imprimindo características desta atividade); (2) os fazendeiros e sitianteiros de São Paulo⁴³, que, por conta da proximidade da frente expansão do Estado de São Paulo deram continuidade à expansão rumo ao norte do Paraná; (3) mineiros que ocuparam as frentes próximas ao Estado de São Paulo e estabeleceram um tipo de uso do solo com foco na ocupação do topo das bacias e microbacias⁴⁴.

⁴³ “[...] a fazenda de café é o seu núcleo característico, dela irradiando-se a influência social e política; dela saíram os chamados barões do café, grandes titulares, chefes de gabinete, ministros, senadores do império; em fase de intensa transformação, pelas modificações introduzidas pela criação de gado em zonas decadentes de cafezais e pela industrialização (JÚNIOR, 1960, p.22).

⁴⁴ O impacto dos grupos indígenas é de difícil mensuração uma vez que foram ofuscados pelas iniciativas “brancas” de ocupação do território ou eram agregados à frente de expansão. Sabe-se do reaproveitamento de caminhos antigos ou veredas deixadas pelos índios.

Por último (4) podemos ressaltar a contribuição da cultura dos imigrantes, com grande destaque para os japoneses que, em iniciativas individuais ou por Companhias de Colonização imprimiram na Paisagem elementos de organização e construções que remetem a seus países originários como Assai p.ex. (FRANK; YAMAKI, 2014).

Segundo Yamaki (2017), o processo de ocupação das Terras do Norte, às margens do Rio Paranapanema resulta em grande medida da aplicação de Decretos e Leis de Colonização (6455/1907BR, 218/1907 PR), Planos de Viação e Concessão de Terras Devolutas e Ferrovias. A implantação de núcleos coloniais e patrimônios ou sedes de núcleo colonial segundo decretos e leis definiram como resultado, a localização, o número mínimo de lotes, se serão lotes rurais e urbanos, numeração sistemática entre outros.

São deste período as denominadas “posses” – terras ocupadas antes da Lei de Terras e subdivididas, posteriormente com linhas de divisa retas. Desta grande posse surgem sítios – subdivisão de terras de posse ou fazendas.

Recorte centrado no Norte Pioneiro da expansão de povoamento do Norte do Paraná

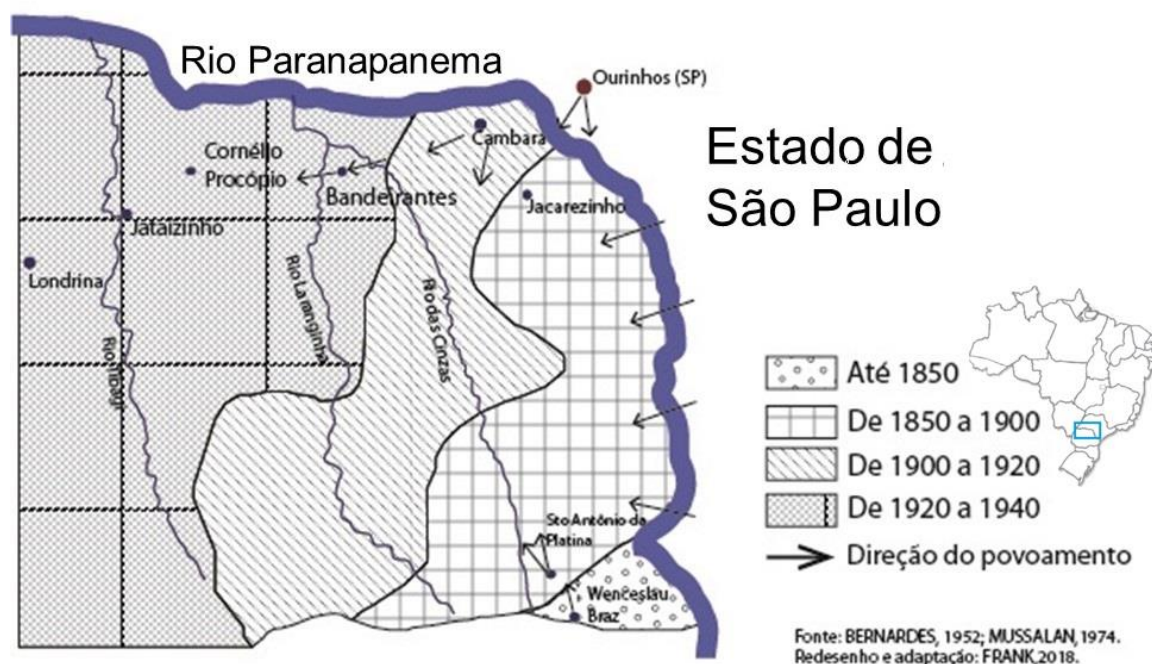


Figura 9- Norte Pioneiro: expansão e povoamento. Compilado a partir de BERNARDES, 1952 E MUSSALAN, 1974.

A paisagem retratada em nossa análise data, grosso modo, do Séc.XVII, resultantes de iniciativas ainda no período colonial até o avanço das frentes colonizadoras e consequente expansão da chamada onda verde⁴⁵ no Norte Pioneiro (TIRICO, 1966).

Pode-se ressaltar que a ocupação do Norte Velho precede a ocupação “oficial”, sendo percorrida e habitada por grupos indígenas como atestam diversos achados arqueológicos (CARSTEN, 2012), assim como narrativas de viagem (FRANK; YAMAKI, 2014).

Outra peculiaridade é o tipo de relevo presente na região com predomínio de serras e bacias sentido NE-SE em sua maioria. Difere daquele encontrado no Estado de São Paulo e nos Campos Gerais, assim como uma zona sedimentar de Wenceslau Braz a Santo Antônio da Platina.

A presença da ferrovia foi um fator crucial. Fazendeiros e sitiantes tomavam decisões de instalação com a proximidade ou possibilidade de atração

⁴⁵ Termo “onda verde” foi popularizado por Monteiro Lobato ao referir-se às grandes extensões dos cafezais paulistas (LOBATO, 1953).

das estações ferroviárias e dos núcleos urbanos próximos, especialmente durante o início do século XX. Para o proprietário isso significa não só o acesso aos mercados, mas à produção e a mobilidade de mão-de-obra.

Os caminhos internos (ou centrífugos) são conhecidos por quem está “dentro”. Denotam a importância da familiaridade dos moradores com o lugar (são raras as placas de identificações). Em antigas fazendas, segundo alguns autor, os cruzamentos de caminhos em pontos altos juntos às áreas agriculturáveis serviam para que os antigos fazendeiros ou administradores percorressem os campos de cultivados a fim de fiscalizar a produção (BENINCASA, 2008).

Dadas as condicionantes externas específicas em cada época, tais como: flutuação de preços, preferências temporais, mudanças de governo, agitações políticas e diretrizes de ocupação, enfatizaremos os momentos marcantes para a consolidação de certa historicidade na Paisagem Vernacular. Ressaltando os fatores mais relevantes em cada um.

4.2 Bairros Rurais

Os bairros rurais são módulos básicos onde encontramos os principais componentes da Paisagem Vernacular. É onde podemos observar padrões nas relações sociais e na organização do espaço. Internamente, estradas e vias de acesso são eixos articuladores.

Um bairro rural, em sua definição mais usual⁴⁶, sociológica e aquela utilizada administrativamente pelos municípios embarca: “[...] como a expressão da **identidade territorial** de um grupo de sítiantes (camponeses) que através do trabalho familiar transforma o meio natural, ou um território anterior, por meio de padrões culturais estabelecendo uma rede de relações (BOMBARDI, 2004, p. 61, adaptado)”.

⁴⁶ Existem outras interpretações formais do que viria a constituir um “bairro rural”, que também pode ser compreendido como um bairro em processo de urbanização, porém distanciados da área urbana (OLIVEIRA e COSTA, 2005).

Na planta cadastral de Cambará (1936) podemos observar que, o traçado geometrizar dos lotes rurais é o mais usual. Ainda hoje podemos observar as antigas estradas nos limites das propriedades.



Figura 10-“A casa solitária”. Edificações isoladas e sem construções de apoio e pomar são comuns na zona rural da região. Bairro Água dos Coqueiros, Cambará, Maio de 2017.

É digno de nota a existência de certa “estética da estagnação”, presente em ruínas e edificações abandonadas por toda a parte, principalmente em antigas fazendas (desmanteladas ou em processo de desmonte gradual). Refletem o esvaziamento demográfico da zona rural, porém, a marca da antiga localização permanece.



Figura 11-. Dois ramos de uma mesma família compartilham uma mesma propriedade. Isso resulta em grande número de edificações organizadas em torno de uma praça ou estrada. Em primeiro plano, casa avarandada, isolada. Sítio Mineiros, Barra do Jacaré, maio de 2018.

Outras transformações refletem no perfil do cultivo. A partir dos anos 1960, fazendeiros e sitiantes passaram a escolher a cultura de plantio com base em sua valorização no mercado e potencial do solo. Do pequeno produtor ao grande fazendeiro compete escolher o tipo de cultivo com base em uma série de variáveis como: o retorno sobre o capital investido, a garantia de preço, cuidados com o solo e com a produção, tempo x retorno, adaptação etc.



Figura 12- Noção de imersão e de profundidade. O relevo plano facilita a mecanização e o plantio de trigo. Campo de cultivo de Trigo na Vila Japonesa. Cambará – PR. Junho de 2014.

O traçado nos campos de cultivo pode ser readaptado a tipos diferentes de plantio (a divisão da produção e o espaçamento permanecem semelhantes no caso de plantas da mesma espécie p.ex.). O mesmo pode ser dito das fazendas, que reutilizavam o pátio de secagem de café e o antigo armazenamento da produção (silos, estoques etc.).



Figura 13- Tipo de entroncamento comum na estrada rural. Cruzamento da estrada para Dakal (usina), em direção ao Bairro Dourado e Barra do Jacaré-PR. Maio de 2016.

As “ruas” de plantio de cana dão impressão de linhas e as terras em preparo para o plantio assim como os blocos concentrados de vegetação sinalizam o constante trabalho (uma área de plantio sempre em ciclos). Já os carregadores internos na zona de cultivo, de terra vermelha, agem como marcadores entre as terras de cultivo.



Figura 14- Paisagem com cultivo de cana-de-açúcar em início. Vista a partir do Espigão próximo a Santo Antônio da Platina (PR 431). Setembro de 2019.

Um olhar rápido pode nos mostrar um extenso horizonte de plantio. As linhas horizontais representadas pelos carregadores intercalam e marcam as diferentes fases de plantio.



Figura 15-Uma vista comum a partir da estrada rural. Sede da fazenda no centro, cercada por árvores. Ponto de convergência de vários caminhos: Estradas e carreadores. Distrito de Monte Real, Santo Antônio da Platina - PR. Setembro de 2019.

Em períodos de colheita (outono-inverno ou inverno-primavera)⁴⁷, a amplitude e profundidade visual se altera, mudando a visibilidade do horizonte, permitindo a visão dos conjuntos (sítios, sedes de fazendas, etc.). Em períodos próximos a época de ápice do cultivo há uma mudança na própria visibilidade destas sedes (plantas mais altas), que são mais difíceis de reconhecer: Paisagem em mutação sazonal.

⁴⁷ O tipo de plantio mais comum de cana-de-açúcar é a de “um ano e meio”, uma alusão ao seu ciclo de vida (de plantio à colheita).

Na figura acima temos um caminho/carreador que demarca os limites de propriedades. É possível também reconhecer nelas, fases da lavoura e as árvores de demarcação de limites.



Figura 16-Exemplo de modulação da produção agrícola em faixas identificadas e separadas por carreadores. Conjuntos de vegetação e fases diferentes de ocupação do solo. Santo Antônio da Platina-PR. Setembro de 2019.

A vegetação pode ser dividida em três tipos: aquelas **utilitárias** ou funcionais, **decorativas** e **simbólicas**. Aspectos que podem ser observados tanto em pequenas quanto em propriedades maiores. Palmeiras podem ser vistas como elemento de demarcação e de ordem na entrada das propriedades ou ao longo das estradas (como limites). Nos campos de cultivo assim como em conjuntos de edificações, árvores de copa larga servem como barreira de proteção nas edificações ou sombra.



Figura 17- Transição campo-cidade em Santo Antônio da Platina. Vista a partir do distrito de Platina. Propriedades rurais nas franjas urbanas com loteamentos menores e grandes fazendas de criação. árvores nos limites de propriedades e áreas de preservação permanente. Santo Antônio da Platina-PR. Setembro de 2019.

Nos sítios são comuns pequenos pomares com plantio de hortaliças, plantas medicinais e outros vegetais. Outras plantas utilitárias incluem: bambuzais (usos diversos) e capim (pastagem de animais).



Figura 18a e 19b: Na primeira imagem: Fases diferentes de plantio da cana-de-açúcar e carreadores. Alternância entre áreas de plantio e de pastagem. Próximo ao distrito de Monte Real-PR. Na segunda fotografia: Plantação jovem de soja em Cambará-PR. Maio de 2017.

Nas vistas apresentadas (fig.20) abaixo é possível acompanharmos as etapas produtivas e uma prática comum no Norte Pioneiro: reservar parte da propriedade (ou toda ela) para criação de animais. Em áreas de solo mais pedregoso e que apresentam maiores dificuldades para a mecanização,

as atividades de criação permanecem como importante fonte de renda para pequenos e grandes proprietários.



Figura 19- Caminhos rurais internos. Contornos de estradas antigas obedecem ao relevo e seguem o espigão, dando impressão de profundidade. Abatiá-PR. Setembro de 2019.

A mudança sazonal promovida pelas etapas da lavoura do plantio à colheita reflete necessidades da própria planta e estratégias de conservação e produtividade do solo

São comuns também, as terras em pousio (a cana p.ex. prejudica o solo se não houver descanso e rotação). Por conta das fases de amadurecimento do vegetal, com cuidados especiais na fase inicial (germinação) e na fase de desenvolvimento da planta. A cana, diferente do café não necessita de sombreamento.



Figura 20-Árvores isoladas como elemento de marcação e de limites. Plantação de cana-de-açúcar na PR-431. Santo Antônio da Platina. Setembro de 2019.

Os bairros rurais são testemunhos da organização e transformação do espaço rural. São o agrupamento de pequenas e médias propriedades, muitas vezes surgidas a partir da subdivisão de antigas fazendas e glebas.



Figura 21- Extensos campos de cultivo de cana-de-açúcar. Árvores enquanto componentes de ordem e demarcação. Cruzamento da Estrada da DAKAL, rumo à usina de cana-de-açúcar. Cambará - PR. Maio de 2016.

A memória preenche os espaços e faz a conexão com o passado. No campo algumas histórias se assemelham: famílias oriundas de São Paulo ou de Minas Gerais. A ascensão e declínio das fazendas de café, por conta de brigas por herança e desmonte da zona rural, são temas comuns em suas biografias. A própria permanência das famílias no campo é resultado da saída dos mais novos para cidade e o arrendamento da terra para proprietários maiores.



Figura 22- Tronco remanescente de uma grande árvore junto da antiga venda do Braz com a igreja São João ao fundo. Bairro Pau 'd alho. Jundiá do Sul-PR. Setembro de 2019.

Muitos elementos comuns apresentam pouca alteração: O sistema de campos de cultivo em si é diferente, mas persiste a presença de

padrões de modulação e localização de estruturas em fazendas, sítios e chácaras. Não somente o aspecto das edificações, mas as soluções simples e práticas, como a conversão de um estábulo em um galpão de armazenagem de equipamentos, o uso de cercas de arame pré-fabricadas no lugar das tradicionais cercas de madeira fincado e arame modificam a forma, mas não o conteúdo.

O mesmo pode ser dito da permanência do traçado das vias de acesso a sítios, fazendas, cercas. Mantém os limites entre propriedades (independente do tipo de pavimentação). J.B Jackson (1984) já apontava para o uso de cercas como elementos de definição dos espaços (“boas cercas fazem bons vizinhos”).



Figura 23- Estrada definida por cercas de madeira. No topo de morro ao fundo, eucaliptos. Bairro Bocaína. Santo Antônio da Platina-PR. Setembro de 2019.

A interpretação de uma Paisagem Vernacular torna-se também um exercício de costura dos retalhos da memória coletiva destas comunidades. Isto ocorre na medida em que podemos vislumbrar nas decisões tomadas quanto ao que produzir e como assim como quando e onde habitar. Percorrer estes bairros rurais permite reconhecer as mudanças capturadas pelas estatísticas.

4.3 Fazendas

Ao serem incorporadas à frente de expansão cafeeira “estilo paulista” a partir do início do século XX, inicia-se o parcelamento e a abertura de grandes fazendas no Norte Pioneiro, com grande fluxo de São Paulo e Minas Gerais. Muitas destas fazendas surgem como empreitadas privadas ou de sociedades limitadas.



Figura 24- Palmeiras na estrada da Fazenda Água do Bugre, uso de palmeiras imperiais como elemento de ordem na entrada da Fazenda. Cambará - PR. Maio de 2017.



Figura 25-Vista da porteira com pilar e tijolos na Fazenda Água da volta. Uma das mais antigas na região. Área de pasto e criação: Cocho estábulos e pequenos tanques. Santo Antônio da Platina-PR. Setembro de 2019.

O Norte Pioneiro teve como diretriz a produção de café e atividade de criação. Mas como o futuro produtor costuma “olhar” para as terras em matas virgens?

A terra, quando é **boa**, o seu mato e vegetais que a cobrem são fortes, densos, de árvores grandes com troncos grossos, de altura elevada e desencontrada, e com espaços entre os pés que facilita o andar. Esta vegetação vista de longe se apresenta de cor verde escura, parecendo azulada e de perto é exuberante. São padrões: Pau d’ alho, o Jequitiba, o Bico de Pato, o Cedro, a Peroba, o Cambará, etc. E são **ruins**, quando o mato e os vegetais são fracos, composto de árvores pequenas, quase todas da mesma altura, troncos finos, roliços. Ramagens baixas e desiguais que dificultam o caminhar. Vista de longe apresenta uma cor verde amarelada pálida. São padrões: Assa-peixe, Angico, Aroeira, etc. (VASCONCELLOS, 1983, p.25, adaptado, negrito nosso).

As fazendas próximas a Jacarezinho e Santo Antônio da Platina costumam apresentar porteiras ou portões de acesso (fig.26). É possível observar edificações como depósitos, moradias ou casa-sede (principalmente em fazendas de criação). Já na região de Cambará este fenômeno é pouco comum. Muitas propriedades sequer possuem porteiras ou quando as tem costumam levar à uma pequena estrada de acesso rumo à casa-sede (principalmente fazendas de cultivo).



Figura 26-Pequenos tanques na pastagem. Fazenda São Diogo. Santo Antônio da Platina. Setembro de 2019.

Em áreas de criação ou com predomínio de pastagem, é comum a presença de pequenos tanques que captam e armazenam de água da chuva. Esses locais servem como pontos de água intermediários para o gado criado de forma extensiva.

Em invernadas ou pastos maiores é recomendável que as pastagens estejam limpas. O que, em termos de boa prática, resulta em paisagens limpas com árvores isoladas para sombreamento animal, conforme as observadas na figura acima. Tal paisagem é comum nos campos gerais. De acordo com Vasconcellos (1983):

As pastagens não devem ser sujas isto é, praguejadas para não abrigarem insetos, mutucas, borrachudos, moscas de berne e varejeiras, facilitando também o carrapato. Não devem ainda ser úmidas (brejos) para evitar a criação e infestação de vermes. [...] Também não devem possuir capões ou moitas de matos que possam ser foco de plantas tóxicas fatais. [...] E quando o terreno está praguejado, deve-se plantar gramíneas perenes (capim elefante, Guatemala, etc.) que crescem rápido e abafam as ervas daninhas (VASCONCELLOS, 1983, p.5, adaptado).

Quanto ao traçado e aos limites originais das fazendas, muito do traçado original é conservado em um formato retangular tendo como referência, elementos de topografia de fácil localização. Escreve Pierre Monbeig (1983) “os

lados alongados são ou linhas de separação das águas entre duas grandes bacias hidrográficas ou cursos d'água assim como espigões e rios dos planaltos ocidentais com os limites principais (MONBEIG, 1983, p.215, adaptado)".



Figura 27- Casas de madeira alinhadas ao longo de caminho de acesso em fazenda de café. Antiga colônia de trabalhadores da fazenda. Fazenda Água do Bugre. Cambará-PR. Maio de 2016.

Como costuma ocorrer, há um desmonte gradual das casas de colonos⁴⁸ em decorrência do esvaziamento da zona rural. Este sistema de colônia ressaltava a importância da proximidade do trabalho com a moradia, muitas colônias eram instaladas no caminho de acesso e saída das fazendas.

⁴⁸ As casas de colonos costumam se encontrar ao longo de uma das vias auxiliares ou da avenida central das fazendas. Podem ser geminadas ou espaçadas umas das outras.

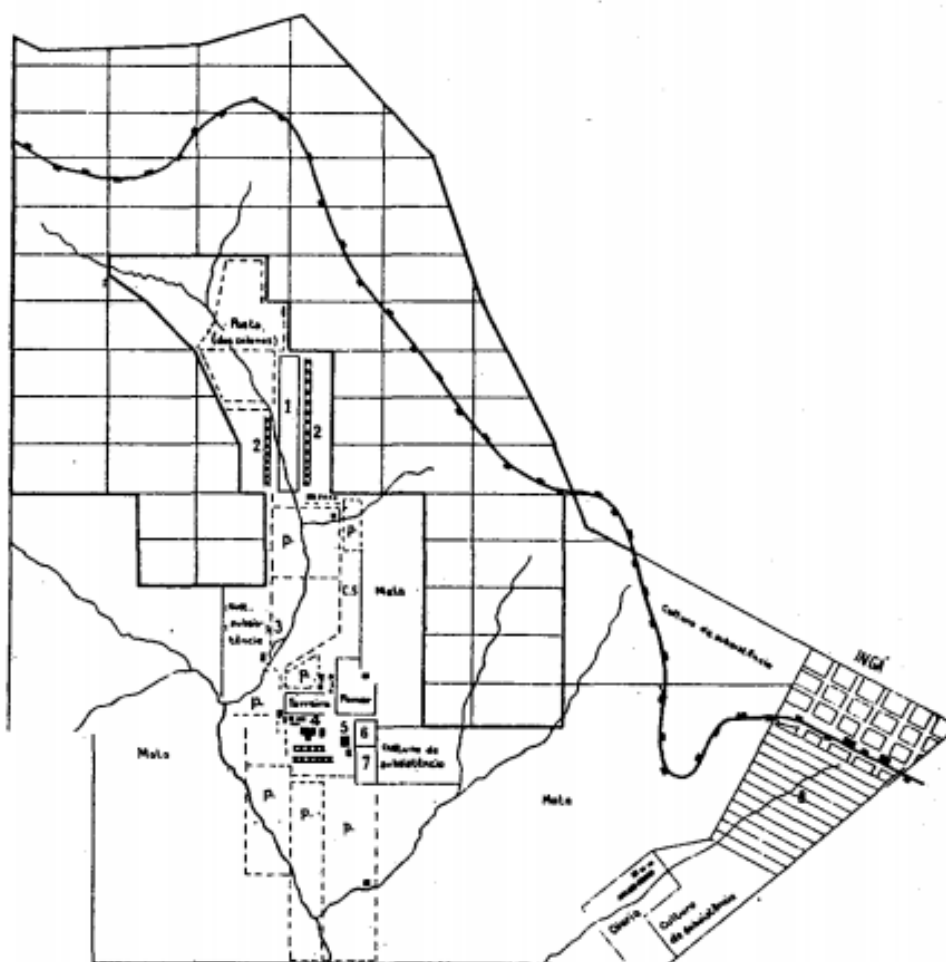


Fig. 24. Planta da fazenda das Antas (norte do Paraná).

- | | |
|---|-----------------------------|
| 1. cercado dos porcos | 5. residência do fazendeiro |
| 2. colônia | 6. gramado |
| 3. reservatório de água para o tratamento do café | 7. luzerna (forrageiras) |
| 4. máquinas para o tratamento do café | 8. cultura de legumes |
| | 9. pastos |

Figura 28-Fazenda Água das Antas. Fonte: MONBEIG (1984, p.63, adaptado).

Pela região, muitas casas de colonos nas antigas fazendas da região foram destruídas para “botar cana” ou porque tinham receio de invasão. A maioria dos donos ou herdeiros moram na “cidade” e alguns em São Paulo. Por este motivo, alguns donos acabam visitando pouco as fazendas que acabam ficando sob cuidados os de um administrador que fiscaliza a produção.



Figura 29- Pastagem e áreas de cultivo e preservação se intercalam em antigas fazendas de café. Fazenda Amélia Abatiá – PR. Setembro de 2019.

Na imagem acima (fig.29) é possível verificar a modulação da atividade cafeeira. Os carregadores em meio à pastagem dividem o foco com os cafezais na fazenda. Outro aspecto recorrente, herdeiro da organização espacial da franja pioneira (MONBEIG, 1984) é a alternância entre faixa de plantio e faixas de pastagem nas propriedades de maior porte.

De forma geral, existem algumas diretrizes gerais que caracterizam as fazendas de café. Dentre elas destacam-se a importância da insolação (nos campos de cultivo e no terreiro) de forma a garantir maior produtividade e para proteger de geadas, o estabelecimento de linhas de geadas, que consistem em uma “[...] linha imaginária que delimita a faixa considerada inapta ou restrita à cafeicultura, pela alta incidência do fenômeno (MESQUITA et al, 2016, p.12)”.

Outra relação importante se dá com as aguadas, pois a “[...] existência e a possibilidade de uso da água é que determinavam o local da

construção de todos os edifícios da sede da fazenda (BENINCASA, 2008, p.35, adaptado)”.

As fazendas de café no norte do Paraná apresentam, de modo geral três conjuntos de componentes diferenciáveis: (1) o conjunto de edificações que forma o núcleo da fazenda, tais como sede e casas de colonos⁴⁹, (2) os anexos ligados à produção como terreiros de secagem p.ex. e (3) as áreas de campos de cultivo (FRANK, YAMAKI 2014b). A casa sede ou os casarões costumam ser implantados “à mineira”. Aproveita o desnível dos terrenos ou em pontos mais baixos. A visibilidade seu principal atributo.

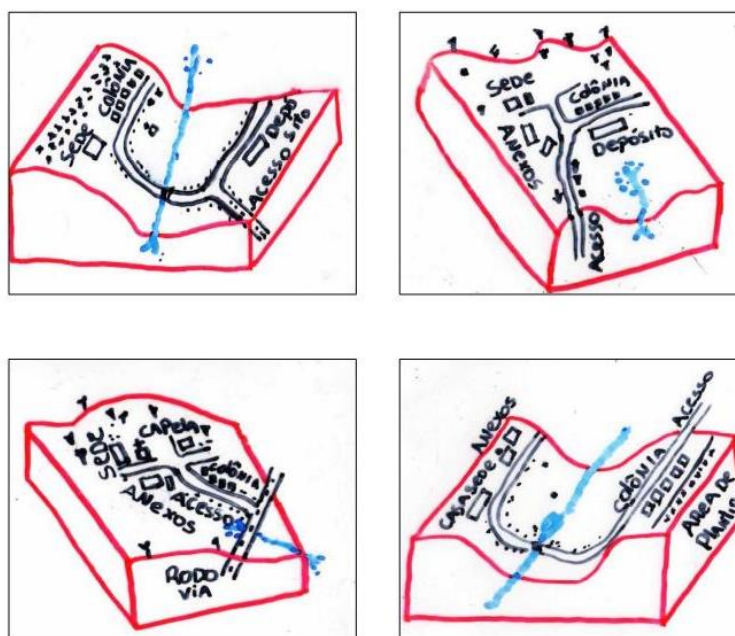


Figura 30- Tipos mais comuns de caminhos e organização de fazenda e suas edificações. Exemplos regionais.

Quanto à organização dos componentes de uma fazenda, foram observados três tipos principais: (1) núcleo em linha; (2) em forma de “U” e (3) em forma de “L”. Um núcleo consiste em um agrupamento de edificações importantes para a manutenção da fazenda, tais como casa-sede, tulhas, capelas, escritórios, etc. que se encontram agrupados em algumas fazendas.

⁴⁹ Para uma referência em termos de tipologia arquitetônica das fazendas de café ver BENINCASA, 2008 e CARRILHO, 1994.



Figura 31- Sede de Fazenda com um morro como pano de fundo. Uma imensa árvore marca os arredores da sede. Fazenda Bonança. Bairro Monjolinho. Jacarezinho – PR. Setembro de 2019.

Esse tipo de fazenda com edificações à meia encosta predomina visualmente sobre toda a área de plantio/ pastagem a partir da estrada. No entanto, a decisão de implantação é também prática: permite que o administrador fiscalize seus domínios à distância.



Figura 32-Exemplo de uma fazenda de criação com um morro como marco. A sede rodeada de pomar e cerca de madeira com porteira se destacam no primeiro plano. Jacarezinho-PR. Setembro de 2019.

Em termos visuais existe um enquadramento entre as edificações da fazenda e os morros circundantes. Algumas propriedades orientam-se pela direção dos morros, tendo-os como ponto focal. Este enquadramento proporciona uma vista agradável da casa-sede e demais edificações.

No primeiro tipo há uma concentração de edificações e pátios em um só caminho, podendo localizar-se no centro da fazenda ou no fundo, próximo ao curso d'água.

O segundo tipo forma um “U”, que em algumas situações pode ser invertido. Geralmente encontra-se junto com um ribeirão próximo ou a jusante da bacia. De um lado do “U” encontra-se a casa sede e edificações anexas. Do outro lado encontram-se as casas de trabalhadores em dois “altos”. O vale forma pastagens naturais e visíveis a partir do caminho de acesso.



Fazenda Santa Amélia com a Pedra Rajada ao fundo.

A relação com o relevo:

Principalmente na região de Jacarezinho e Santo Antônio da Platina a topografia é o componente dominante. As fazendas de criação predominam com seus vastos pastos circundados por morros que são reconhecidos pela população. Nas fotografias os morros se enquadram nos conjuntos de edificações. A vegetação de compôs com árvores esparsas não é original. As gramíneas (*melinis melitifora*) foram trazidas de fora e ocupam grandes extensões das antigas matas. Os topos com cobertura vegetal apresentam resquícios das antigas matas e podem ser utilitárias, servindo para eventuais empréstimos de madeira.

Figura 33- Paisagens: A relação com o relevo.



Figura 34- Fazenda Maravilha, um tipo de Fazenda Encosta de Morro. Jacarezinho- PR. Autor, 2016.

Já no terceiro tipo em formato "L", as edificações encontram-se espaçadas, mais visíveis ao longo da estrada. São implantadas em um alto ou em uma encosta. A localização das moradias também muda, podendo estar próximas ou distantes da zona de cultivo.



Figura 35- Fazenda do Bugre (em Cambará) representa o tipo Topo de Morro. Ocupa toda a encosta. Possui uma avenida central e ruas laterais. Sede e edificações centrais concentradas e casas de colonos.

As moradias ou casas de colônias dos trabalhadores são geralmente mais rústicas e podem se localizar nas proximidade de edificações anexas como depósitos, tulhas, terreiros, etc. Semelhante modulação ocorre nas regiões cafeeiras da alta Sorocabana no Estado de São Paulo (BENINCASA, 2010).



Figura 36-Colônias na Fazenda Água do Bugre com casa do administrador no ponto alto. Cambará - PR.

Poucas são as fazendas que possuem pórticos de entrada. Algumas nem mesmo possuem placa com nome, a comunidade não precisa de placas com nome para reconhecer as fazendas. Muitas antigas estradas que conectavam as fazendas foram fechadas devido à falta de segurança.



Figura 37-Fazenda de criação São Diogo. Santo Antônio da Platina – PR. Cerca junto à estrada de acesso com as edificações concentradas na parte baixa. Presença de rotatividade de pastos tendo como área de confinamento as cercas. As cercas seguem margeando a sede da fazenda na parte baixa da propriedade onde cercas definem áreas de rotação de confinamento de gado.

Assim como na paisagem-tipo invernada, as fazendas de criação extensiva de gado levam em conta os hábitos dos animais, assim como as características de solo e relevo. A pastagem, portanto deve ser recomposta periodicamente através do plantio de gramíneas. “Antes de se tornar um bom produtor de carne ou de leite, o pecuarista precisa se tornar um bom produtor de capim (MELADO, 2016)”.



Figura 38-Antigas casas de colônia na Fazenda São Thomé definem o “centro”. Autor, 2017.

Em conjunto, os exemplos de fazendas que observamos na Paisagem são cruciais para compreendermos como se formou o Norte Pioneiro, seja no período de ocupação do território (os loteamentos em grandes Fazendas p.ex.) ou no desenvolvimento de formas de uso e divisão do solo que formam a base da identidade cultural regional. As transformações ocorrem, sendo que algumas são mais bruscas. Os motivos são variados: esgotamento produtivo, má gestão, espólios de família mal resolvidos assim como processos de compra e venda ou arrendamento.



Permanência de antigas estruturas de plantio de café

De modo geral, a herança cafeeira ainda predomina no DNA da região. Nas áreas de latossolo, o traçado das ruas de café em médias e grandes propriedades produtoras permanece o mesmo. Um visitante de 1940, dificilmente encontraria dificuldade em diferenciá-las. A alternância entre as áreas em preparo para o plantio ou em pousio. Em muitas propriedades maiores há pastagens que convivem com a produção agrícola, sendo separadas por cercas ou barreiras naturais. Trata-se de uma característica de permanência muito forte e que reflete na continuidade de algumas formas de organização social herdeiras do regime de colonato. O “horizonte despovoado” apresenta algumas ilhas de edificações- sítios, casas de fazenda, sedes, etc. Árvores isoladas podem ser resquícios de antigas matas ou servirem de sombra, barreira de proteção ou como elementos de demarcação entre as áreas de cultivo. Padrões, repetições e usos semelhantes em todo o norte pioneiro.

Figura 39- Horizonte da produção agrícola: Cafezais em Abatiá-PR.

4.4 Capelas: centralidade física e simbólica no mundo rural

Pequenas capelas rurais sobressaem no horizonte, algumas em uso e outras em ruínas. Faziam parte de grandes fazendas ou eram edificadas em mutirão pelas comunidades a partir da doação ou subdivisão de um lote. Alguns bairros rurais surgem do desmembramento de antigas fazendas e algumas das capelas continuavam a ocupar a mesma posição, como testemunhas do passado⁵⁰.



Figura 40- Tipo comum de entroncamento tendo a capela como epicentro de bairro rural. Capela São Pedro. Bairro Taquaral. Cambará - PR. Maio de 2016.

Foram encontrados três tipos de relação entre o espaço sagrado e o território: (1) Capelas como marcação dos lugares; (2) Capela como centro do bairro rural; (3) Capela associada à fazenda e (4) Capela não associada (sem relação clara com fazenda ou bairro rural. Também podemos observar pequenos oratórios no estilo igrejinha na entrada de algumas propriedades.

As chaves das portas das capelas ficam de posse de alguns membros influentes do bairro. A manutenção é dividida entre os fiéis e a paróquia, que as mantém sob sua jurisdição. Os serviços de limpeza e jardinagem são realizados pelo grupo de senhoras enquanto os demais reparos (capinagem, consertos) são realizados pela comunidade.

⁵⁰ Vale ressaltar que quando falamos em “mundo rural” ou zona rural estamos abordando “[...] o rural é a cultura (visões de mundo, imaginário, hábitos, estilos de vida, etc.). Agrícola é a economia (produção, preços, mercados, etc.). (DOMINGUES, 2009, p.197, adaptado)”.



Figura 41- Bairro rural Brejão em Cambará. A implantação em local alto e visível no entroncamento na estrada favorece a visualização e demarca o território. Capela Santo Antônio. Maio de 2016.

Existe uma tendência de implantação de capelas em pontos de convergência de caminhos. Localizam-se em pontos de maior visibilidade (pontos altos ou visíveis a certa distância). São componentes centrais na definição da identidade das comunidades e acabam por definir outro tipo de territorialidade. Muitas destas capelas parecem recuperar o sentido da centralidade dos bairros rurais, mesmo que não ocupem o epicentro ou o centro físico.

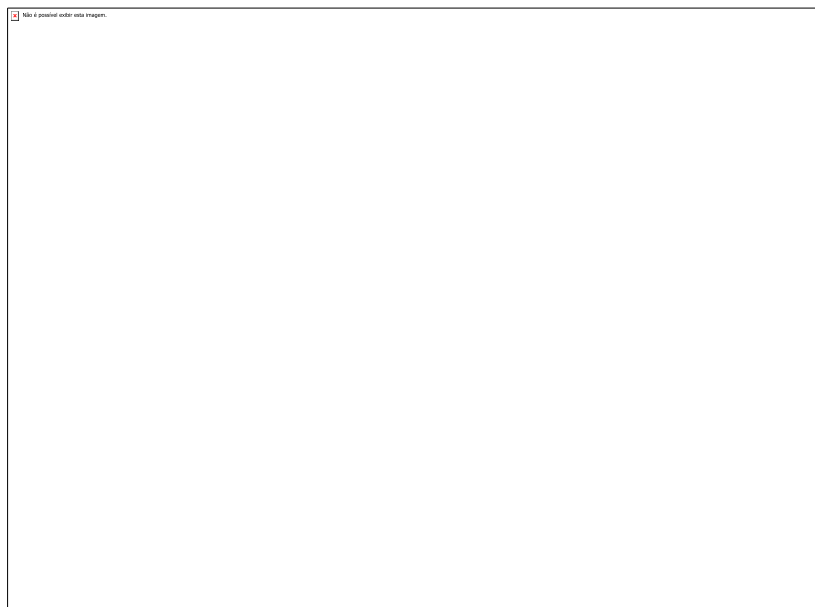


Figura 42-Permanência de antigo oratório em meio a plantação de soja. Ruínas Bairro Taquaral. Maio de 2017.

Esses oratórios eram construídos pelos antigos donos das terras com o objetivo de rezas particulares, homenagens a santos ou como parte do pagamento de graças adquiridas (promessas). Na medida em que as terras são vendidas ou repassadas a outras gerações, algumas capelas e oratórios ficam abandonadas, sem manutenção. Para alguns moradores é sinal de mau agouro derrubá-las propositalmente, devendo encarregar o tempo de fazê-lo.

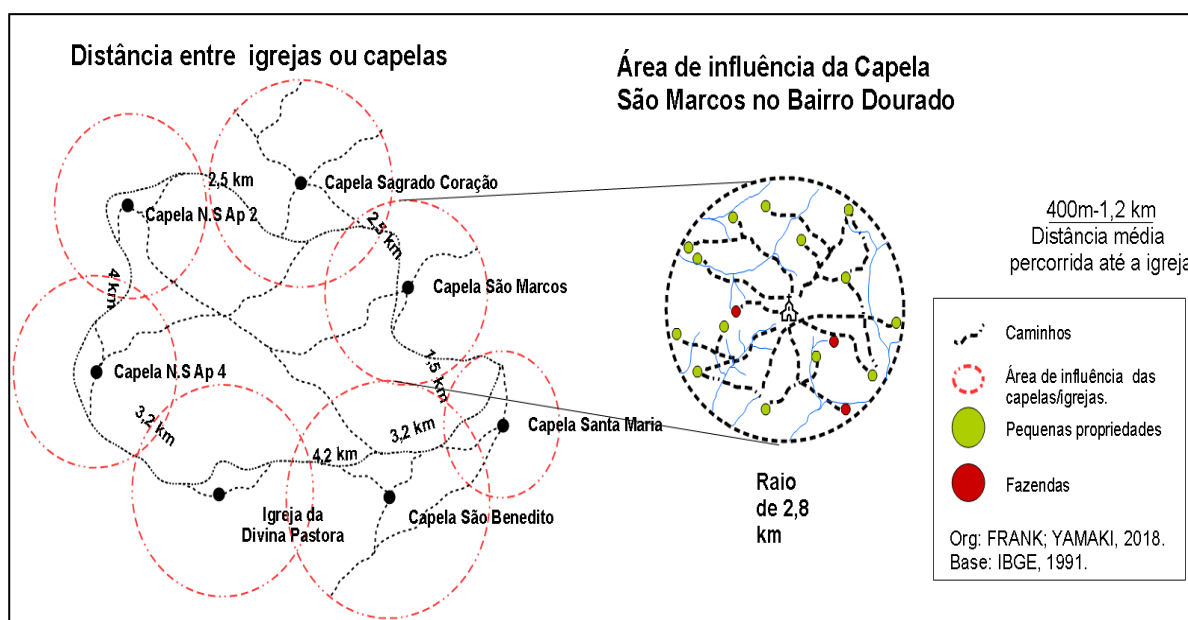


Figura 43-Rede de capelas e igrejas. Distanciamento e área de influência. Exemplo a partir do município de Barra do Jacaré - PR.

O Bairro Dourados (próximo ao município de Barra do Jacaré) apresenta um exemplo recente do surgimento de capelas a partir da dissolução de antigas propriedades. A capela São Geraldo é relativamente nova (1975)⁵¹. Segundo informações de moradores locais, o terreno foi doado pelo Dr. Araújo, herdeiro da antiga Fazenda São Geraldo (então desmembrada e loteada).

4.5 Sítios, chácaras e pequenas propriedades

Não é apenas de fazendas de cultivo ou criação de animais que a zona rural se constitui. Pequenas e médias propriedades chamam a atenção de quem trafega pelas estradas internas nos bairros rurais. Podemos pensar na estrutura de estradas da seguinte forma: (1) estrada rural principal, (2) estradas secundárias, de acesso aos bairros rurais e (3) caminhos de acesso às fazendas.

Vale ressaltar que ao tratarmos dos sítios, utilizamos a definição moderna que é aquela que compreende uma pequena propriedade. No período de colonização e divisão de terras na região, sítios eram unidades subdivididas a partir de uma posse (terras ocupadas antes da Lei de Terras). Muitos contornos e limites dos atuais campos e propriedades advém deste período.

⁵¹ Sua construção foi financiada pelos moradores a partir de doações de empresários conhecidos na comunidade ou cujas famílias tenham saído de lá e prosperado (os nomes dos doadores estão nos bancos externos da capela) enquanto outros doaram em sacas de soja (prática comum de financiamento).

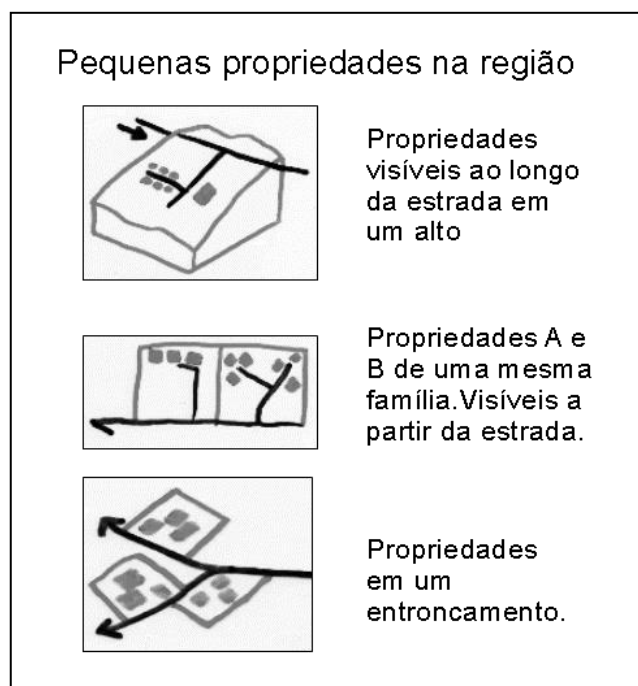


Figura 44- Os três tipos mais comuns de pequenas propriedades encontradas. Autor, 2017.

Em outros casos é possível observar casas novas de alvenaria no meio de um conjunto de casas de madeira. As construções antigas, por sua vez, são convertidas a outros usos.



Figura 45- Exemplo de acesso, circulação e disposição de componentes. Bairro Guabiroba- Distrito de Monte Real- Sto. Antônio da Platina-PR.

Muitas destas propriedades encontram-se ao longo dos caminhos de acesso das propriedades, em pontos altos ou próximas da estrada. Possuem pequenas porteiras ou são totalmente abertas. Cercas rudimentares delimitam casas de madeira envelhecidas pelo tempo e pequenos pomares.

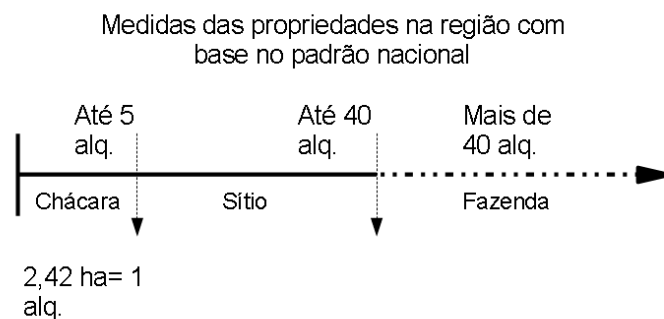


Figura 46-Visão moderna da diferença de áreas medidas em hectares, médias de chácara, sítio e fazenda. Fonte: Autor, 2019.

É possível reconhecer a sequência do surgimento de bairros a partir de antigas fazendas: (1) loteamento e surgimento de grandes fazendas; (2) doação e parcelamento das mesmas e surgimento de bairros rurais com propriedades menores.

Traçado e organização do espaço rural



Lotes com geometria regular. Em áreas mais planas a conexão entre as propriedades por estradas de acesso é facilitada.

Traçado e organização do espaço rural: Bairro Água dos Coqueiros
Cultivo de milho e maços de edificações e vegetação. Estrada ao fundo conecta com outras propriedades.



Figura 47- Traçado e organização do espaço rural.

Em muitas propriedades não há delimitação ou limite claro com a área exterior (cercas, pórticos ou estradas). As edificações encontram-se próximas da estrada principal, quase coladas a ela ou em “altos” que permitem ver a estrada e a chegada de visitantes ou estranhos.



Figura 48- Estrada no espigão delimitada por cercas de toras. Sítio São Luís. Bairro Dourados. Maio de 2016.

A família e a comunidade são laços essenciais no mundo rural. Estas características refletem em formas de organização do espaço nas propriedades. Os interesses/situações das famílias, levando em alguns casos a construção de mais de uma “casa” na propriedade. Isso pode ser explicado quando as:

[...] relações são com a terra, na família, com os vizinhos, na comunidade e com os sujeitos da cidade. Esses indivíduos interagem, especialmente, cultural (psicológica) e economicamente: essas relações são as territorialidades cotidianas. A família organiza a casa de acordo com as características e regras de seu grupo social: as relações de vizinhança influenciam na organização da casa; a comunidade exerce influência com vistas a uma coesão (unidade) do grupo, perpetuando seu patrimônio cultural. (SAQUET, 2011 apud DEMATTEIS ano p.36, adaptado)

Muitas das decisões de implantação são baseadas não somente na estrutura do relevo, mas numa escolha racional de posicionamento: acessos, visibilidade e controle, disponibilidade de água e viabilidade da mecanização agrícola.

É comum que as famílias habitem um mesmo lote. O sítio da figura acima é um destes casos. Pode-se notar como as edificações formam um pequeno “feudo” familiar. Isso se repita em outras propriedades, formando “mini vilas”. Enquanto algumas propriedades aparentam abandono, outras são utilizadas sazonalmente ou nos finais de semana.



Figura 49- Sítios em Jacarezinho - PR. Na primeira foto a cerca é interrompida na entrada. Dois caminhos, um levando à casa e outro as edificações anexas: Bairro rural de Cachoeira. Na segunda foto, porteira para os Sítios Nossa Senhora de Fátima e São José. Motivos religiosos e caminho de acesso. Bairro Água feia. Jacarezinho-PR. Setembro de 2019.

Mesmo com o relativo esvaziamento da zona rural é possível observar nas pequenas propriedades sinais de habitação permanente. Animais de

criação e estimação andam livres pelo terreno. Alguns saem para as estradas, cruzando com carros e transeuntes.



Figura 50-Sítios com moradias e edificações anexas no bairro Bocaína em direção à Jundiá do Sul. Nota-se o grande número de plantas utilitárias. Devido à proximidade com a cidade de Santo Antônio da Platina é utilizada como residência principal mais do que como espaço de trabalho. Jundiá do Sul-PR. Setembro de 2019.

Sítios, chácaras e pequenas propriedades em geral testemunham origens e mudanças no perfil de seus habitantes (na maioria das propriedades que visitei fui recebido por pessoas idosas). Pequenas manifestações do sentimento de pertencimento ao lugar são expressas na Paisagem. Alguns moradores são orgulhosos do pequeno espaço produtivo e oferecem com empolgação o café ali produzido.

Pequenas propriedades em bairro rural



Pequenas propriedades rurais concentradas em direção à Ribeirão do Pinhal

Propriedades concentradas em uma via cruzada em direção à grandes fazendas. Casas de segunda moradia e de empregados de fazendeiros. Ao longe: copas de árvores próximas das casas, em sua grande maioria, avarandadas.

Figura 51- Pequenas propriedades em Santo Antônio da Platina.

4.6 Continuidades e mudanças na Paisagem do Norte Velho

O ritmo constante de modificações e a alta mobilidade da mão de obra tornam a ascensão e queda dos lugares um imperativo comum. Seja na conversão da mata original em cafezais ou em núcleos urbanos, deixa pouco espaço para a solidificação da memória frente ao dinamismo transformador das frentes pioneiras.

Porém, as transformações ocorridas não anularam os principais elementos constituintes da Paisagem Vernacular regional. Capelas, cocheiras, remanescentes de pequenas avenidas de café e antigas pastagens cansadas, dão sentido ao lugar. Recontam a história através das formas passadas. A paisagem, como afirma Berque só “[...] existe na relação com o sujeito coletivo: a

sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de certa lógica (BERQUE, 1998, p.84)".

Em um nível mais estrutural a permanência do traçado e de edificações importantes é complementada pela continuidade de uso e das designações originais. Em uma chave simples é possível compreender a escolha dos lugares a partir das relações entre relevo, água e rede de estradas. Evitar a completa desfiguração resultante do relativo esvaziamento da população da zona rural assim como dos impactos dos processos de modernização agrícola é um dos principais desafios na PV do Norte Pioneiro.





Figura 52- Antiga edificação que fazia parte de uma pequena propriedade e hoje encontra-se isolada em estrada secundária. Bairro Esperança. Cambará - PR. Setembro de 2019. Comparação entre as imagens do Google Earth 2002 e 2019. Permanências. (GOOGLE, 2020).

Uma observação em campo de edificações isoladas em meio à áreas de plantio, aparentemente obliteradas pela monocultura demonstram, no entanto, que a Paisagem Vernacular possui permanências. Na imagem (Fig.52) temos o desmonte de uma pequena propriedade, com uma edificação e um aglomerado de vegetação sobrevivente. Apesar das transformações alguns componentes possibilitam identificar usos passados.

Os nomes de lugares, estradas e histórias contadas pelos moradores são retalhos de informações costurados na memória coletiva. Para isto, a mudança não é necessariamente o problema, a questão é a intensidade e a velocidade em que ocorrem.

Mesmo as transformações mais radicais, deixam, todavia, rastros tênues. Um observador atento a essas mudanças é capaz de enxergar no coração destes lugares elementos de reconhecimento que façam a conexão dos antigos com os novos. Torna-se possível identificar na Paisagem Vernacular seus componentes originários e formular hipóteses de sua transformação.

5. Trajetória e experiência de pesquisa

Quando iniciamos nossa pesquisa sobre Paisagem Vernacular, escolhemos como tema as invernadas, que chamaram nossa atenção, pela primeira vez, em um antigo levantamento de 1932 de autoria de Macdonald.

Esta nossa pesquisa inicial conseguiu, através do reconhecimento de padrões, identificamos uma paisagem-tipo invernada. E, uma vez identificadas, seria possível identificar várias “invernadas” em outros lugares. A paisagem-tipo invernada é considerada parte da Paisagem Vernacular.

Primeiramente nos norteamos pelas diretrizes da Landscape Character Assessment (SWANWICK, 2002), porém o contato direto com o campo e documentação nos levou a desenvolver procedimentos nossos, que embora norteados pelo LCA, compreendia uma versão *abrasileirada* e que respondia aos anseios específicos da pesquisa

Esta pesquisa, que resultou em uma dissertação (FRANK, 2014) e em dois artigos (FRANK; YAMAKI, 2018a; FRANK; YAMAKI, 2018b) representou uma etapa importante em nossa discussão de “como” identificar ou reconhecer uma paisagem-tipo dentro da categoria PV.

Embora os objetivos tenham sido atingidos, algumas questões ficaram em aberto: O que torna uma Paisagem, Vernacular? e o caracteriza uma

Paisagem Vernacular no Norte Pioneiro? Estas questões se tornariam fundamentais para o desenrolar da Tese.

As respostas em grande medida encontram-se nas linhas discutidas por J.B Jackson (1970, 1994, 1997), porém discordávamos a respeito de sua classificação instantânea, quase atemporal, objetos de apreciação do capítulo 2. Procurar compreender onde nos encaixamos com estes autor e adquirir conhecimento/ compreensão da parte analítica da Paisagem (o “como”). E no caso brasileiro, em particular no norte do Paraná o que poderia ser considerado “Vernacular”?

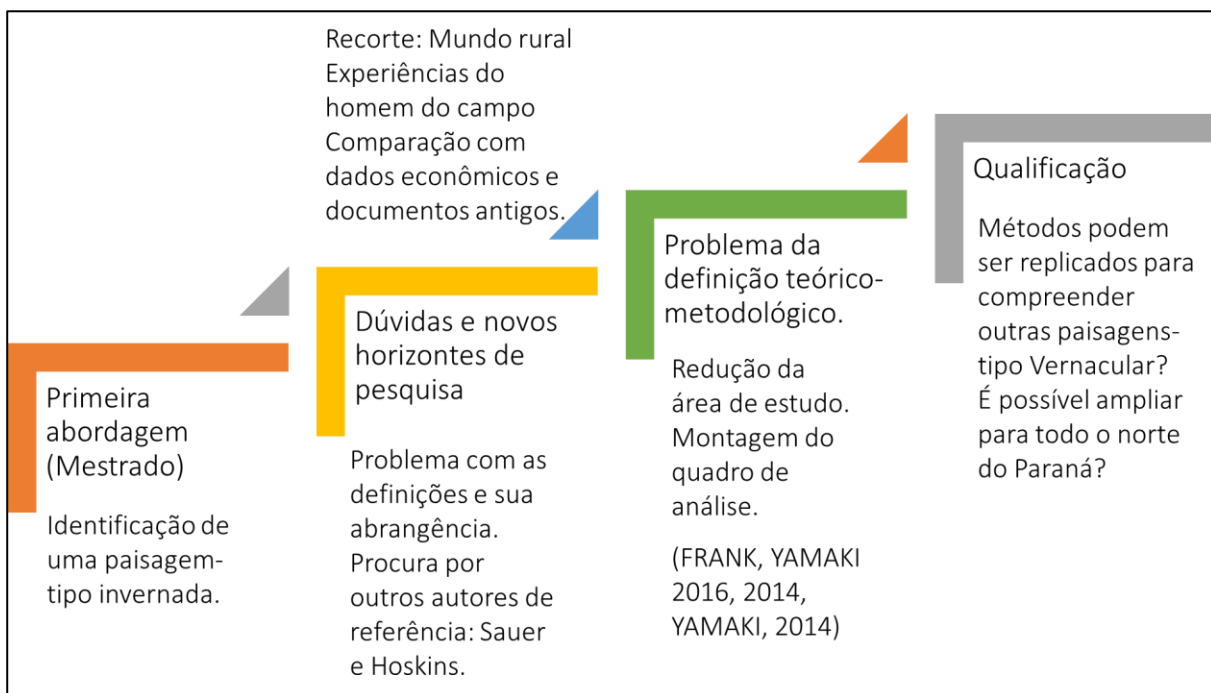


Figura 53- Sequência da trajetória geral da pesquisa.

Na procura de uma diretriz geral para nossa pesquisa, testamos e aprendemos com diversas teorias, seus princípios adjacentes, métodos e aplicações. Seguimos os trabalhos de autor como John Brickerhoff Jackson, Carl Sauer e William George Hoskins. Estes autor nos forneceram respostas assim como novos questionamentos. Estes e os outros autor selecionados nos auxiliaram a estruturar um quadro analítico.

As saídas a campo serviram para auxiliar no teste de hipóteses a respeito da forma como se organiza a Paisagem regional. Para isso contribuíram um sem-número de pessoas que respondiam perguntas tolas como Por que essa

cerca aqui? A casa no alto tem algum motivo? Quem construiu tal coisa... e assim por diante.

Entendida como uma fase de imersão, a estadia na região poderia tomar até uma semana. Tempo necessário para se habituar a cidade, estabelecer conexões, visitar lugares e registrar. Quanto mais campo fizesse, mais claro as coisas se tornavam. Tinha em mente a frase de Besse: "[...] o saber geográfico é a expressão das aventuras de um olhar viajante" (BESSE, 2006, p.82).

Essa aproximação mais próxima com o objeto de estudo me foi fundamental. Um olhar puramente técnico tira todo o conteúdo espiritual, a apreciação estética e a identidade em nome de linhas do tipo: "São apenas campos de plantio que obedecem as demandas e oscilações dos mercados externos". Por sua vez, os autor e experiências que nos inspiraram vão além destas afirmações, existem muitas camadas e campos de significados fora desta percepção.

Podemos apontar como essenciais, na ordem de importância: (1) Trabalho de campo; (2) Teorias e práticas advindas de áreas como História (Patrimônio) e Arquitetura; (3) Memória oral; (4) Leitura de autor clássicos como Sauer, Jackson e Hoskins e (5) Registro fotográfico.

6. Considerações finais: Reaprender o tempo

Cada era enxerga o mundo em sua própria maneira e possui suas próprias noções de beleza, cada era redescobre a Paisagem. Nos encontramos em meio a esta redescoberta: Quais valores tencionamos descartar e quais devemos manter? (JACKSON, 1970, tradução nossa, p.43)⁵².

Existe uma passagem na obra de Hoskins em que ele discute as transformações ocorridas na cidade de North Oxfordshire. Essa passagem trata

⁵² Each age sees the world in its own manner and has its own notions of beauty; each of them rediscovers the landscape. We ourselves are in the midst of such a rediscovery; what old values are we likely to discard, what are we likely to retain?"

das transformações nos jardins e nos campos com uma profundidade de mais de 800 anos. Ele utiliza como referência para explicar a passagem do tempo o famoso “Domesday Book” (registro meticuloso realizado pelo governo britânico em 1086 no país) e as diversas citações e narrativas daqueles que passaram por este lugar ao longo do tempo. Ali estão descritas as “paisagens do passado” a partir do prisma documental de seus autor.

Isso seria difícil de afirmar em nosso país, não somente porque não possuímos um “Domesday Book” ou figuras importantes que tenham registrado lugares e pessoas, mas porque nos falta a tradição escrita de transmissão da História. Em nossa cultura prevaleceu a oralidade na transmissão das histórias, dos lugares e das paisagens.

Poderíamos afirmar que o interesse, o reconhecimento e a valorização da Paisagem Vernacular (assim como na Paisagem Histórica) é típico de “nações antigas”. Com a passagem do tempo historiografada, a identidade constituída ao longo do tempo permite o reconhecimento e sua valorização, algo não compartilhado por “nações jovens” como o Brasil e mais ainda em áreas de ocupação relativamente recentes como no caso do norte do estado. Porém, outras nações “jovens” como Estados Unidos e Canadá se preocupam com a preservação da Paisagem Vernacular.

O ritmo constante de modificações e a alta mobilidade da mão de obra tornam a ascensão e queda dos lugares um imperativo comum. Não há tempo hábil para a solidificação da memória frente às transformações bruscas das frentes pioneiras. Podemos dizer que há componentes que não mudam, outros que mudam muito pouco e há aqueles que se transformam rapidamente.

Isso não significa que seus moradores estejam desligados da realidade que os cercam. Conversando com as pessoas percebemos o quanto se apegam ao lugar, reconhecem as funções do campo e em parte conectam as transformações. Esses “retalhos” passam de uma geração à outra sempre com muito ruído e quase nunca documentados. Procuramos costurá-los através da interpretação desta Paisagem.

De certa forma, compreender estas paisagens aparentemente “banais” é dar voz aqueles que a idealizaram e trabalharam nela e que já se foram

há muito tempo. No futuro, historiadores procurarão por pistas de como pensavam e como eram estes indivíduos através das marcas que legaram na paisagem. Procuramos fornecer subsídios para este processo quase arqueológico.

De acordo com a visão de J.B Jackson (1994) o senso de tempo e o senso de lugar (próximo ao que podemos chamar de *genius loci*) estão mais relacionados aos eventos mais do que as edificações (em comparação com a experiência europeia). Não seria somente a praça p.e.x. (enquanto lugar), mas o hábito de freqüentá-la que garante o senso de tempo e senso de lugar. Quando o evento deixa de existir o sentido começa a se perder.

A permanência de certas práticas dá continuidade a esse sentido de tempo e de lugar. Tanto o hábito quanto a prática são parte do cotidiano e como aprendemos a principal associação da Paisagem Vernacular se dá com essa natureza cotidiana.

Durante o desenvolvimento desta trabalho diversas questões teóricas e práticas surgiram. Procuramos saná-las olhando para as diferentes tradições de pesquisa em Paisagem Cultural. No entanto tão importante quanto autor consagrados foram os trabalhos de campo. Foi no contato direto com as cercas, as lavouras, suas cores e suas pessoas que pudemos traduzir parte do conhecimento para a realidade do norte do Estado. Quem sabe contribuir para um estudo mais sistematizado à procura de outras paisagens, de outros lugares.

7. Referências Bibliográficas

ALANEN, Arnold. Considering the Ordinary: Vernacular Landscapes in Small Towns and Rural Areas in: ALANEN, Arnold; MELNICK, Robert (Org.). **Preserving Cultural Landscapes in America**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000. P.112-142.

ALEXANDER, D. **Spetacular Vernacular**. Minneapolis: Walk Art center, 2011.

ANTROP, M. A brief history of landscape research. In: THOMPSON, I.; WATERTON, E.; HOWARD, P. *The Routledge companion to landscape studies*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2013. p. 12-22.

ASADPOUR, A. Vernacular Landscape: The Transition of the Past Concepts to the Contemporary Context. **The IFLA Middle East Conference (MELAC 2018): Landscape in Transition**, Teerã, p. 1-9, Maio 2018.

BAI, S.; XIAO, S. Study on Protection and Development of Vernacular Landscape of Small Towns during Urbanization. **Advanced Materials Research**, v. 1726-73, p. 4987-4990, 2013.

BARBOSA, L.; GONÇALVES, D. A paisagem em geografia: diferentes escolas e abordagens. **Éliseé- Revista de Geografia da UEG**, Anápolis, p. 92-110, jul/dez 2014.

BBC. **Landscapes of England**. Produção: Peter Jones. Intérprete: W.G Hoskins. 1976. 30 min.

BENINCASA, Vladimir. **As Casas de Fazendas Paulistas**. Revista ComCiência, v. 122, 2010. p. 759-808.

BENINCASA, Vladimir. **Fazendas paulistas: arquitetura rural no ciclo cafeeiro**. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

BERNARDES, L. C. O problema das "frentes pioneiras" no Estado do Paraná. **Revista brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, jul/set 1953. p.335-384.

BERQUE, A. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL (orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, p.84-9, 1998.

BERNARDES, N. Expansão e povoamento no Paraná. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, out/nov 1952. p.427-457.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: sete ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLAKE, K.; SMITH, J. Pueblo mission churches as symbols of permanence and identity. **Geographical Review**, 90(3) 2000. 359-380.

BOBEK, H.; SCHMITHÜSEN, J. **A Paisagem e o sistema lógico na Geografia**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. Paisagem, tempo e cultura. 2°. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 75-83.

BOMBARDI, L. M. **O Bairro rural como identidade territorial: e especificidade**. Revista Agrária, São Paulo, n. 01, p. 55-95, Jul/Dez 2004.

CAETANO, J.; BEZZI, M. Reflexões na Geografia Cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia , Set/Dez 2011. 453-466.

CAMBRIDGE DICTIONARY. **Vernacular**. Cambridge Dictionary, 2018. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/vernacular>>. Acesso em: 28 março 2018.

CAMPOS, R. R. D. Breve Histórico do Pensamento Geográfico Brasileiro nos séculos XIX e XX. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

CARRILHO, M. **As fazendas de café no Caminho Novo da Piedade**. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo). Universidade de São Paulo: São Paulo, 1994.

CARSTEN, A.A. Memorialistas, viajantes e indígenas na bacia do rio das cinzas no Paraná. In: **XI Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça**, 2012, Rio de Janeiro. XI Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça. Rio de Janeiro, 2012. v. 1. p. 1-23.

CAVALCANTI, L. C. D. S. **Cartografia das Paisagens: Fundamentos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2014.

CAVANAUGH, B. The New Middle Landscape in: Miller, Harvey. **Societies and cities in the age of instant access**. Dordrecht: Springer. 2007

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3^o ed. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CLAVAL, P. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. p. 13-75.

CLEMENT, D. **General Guidelines for Identifying and Evaluating Historic Landscapes**. Califórnia 1999.

CONZEN, M.R.G. **Alnwick, Northumberland: A Study in Town Plan Analysis**. Londres: The Institute Of British Geographers, 1969.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo das paisagens humanas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 [1989], p. 92-123.

CULTURAL LANDSCAPE FOUNDATION. **Vernacular Landscapes**. Disponível em: <https://tclf.org/places/learn-what-are-cultural-landscapes/vernacular-landscapes> acesso em 28 de março de 2019.

DEFFONTAINES, Pierre. **Contribution à la Geographie Pastorale de L'Amérique Latine**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1964.

DOMINGUES, Á. **A rua da Estrada: O problema é fazê-los parar**. Porto: Dafne, 2009.

DYER, C. et al. **New directions in local history since Hoskins**. Hatford: Hertfordshire University Press, 2011.

FLS. Drawings of J.B Jackson. **Foundation for Landscape Studies**. Disponível em: https://www.foundationforlandscapestudies.org/slideshows/drawn_to_landscape_the_pioneering_work_of_jb_jackson/slide_1_12.php acesso em 20 de novembro de 2019.

FRANK, B.; YAMAKI, H. **Paisagem Vernacular norte paranaense: tipologia de fazendas e colônias na bacia do rio das Cinzas PR**. In: CICOP-XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado, Bauru, Outubro 2014. 1-12.

FRANK, B.; YAMAKI, H. **Paisagem Vernacular norte paranaense: tipologia de fazendas e colônias na bacia do rio das Cinzas PR**. In: CICOP-XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado, Bauru, Outubro 2014. 1-12.

FREY, L. P. **Effect, form, affect: An exploration of Vernacular Landscape form change using the context of a traditional fishing village**. Tese de doutorado de filosofia apresentada na Universidade da Flórida, Gainesville: 2013. 743p.

GADE, D. **The Continuing Quest to Understand Carl Sauer** in: The AAG Review of Books, v.3, 2014.p.116-121.

_____. **About Landscape**. In: MATHEWSON, K.; DENEVAN, W. M. Carl Sauer on Culture and Landscape: Readings and commentaries. Baton Rouge: LM Press, 2009. p. 38-42.

GRIMES, W. **Brinck Jackson, 86, Dies; Was the Guru of the Landscape**. New York Times, Nova York: Agosto 1999. Disponível em <http://www.nytimes.com/1996/08/31/arts/brinck-jackson-86-dies-was-guru-of-the-landscape.html?pagewanted=all&src=pm> acesso dia 10 de janeiro de 2017.

GROTH, P. Reading the Landscape. In: **Understanding ordinary landscapes**. GROTH,P;BRESSI, T. New Haven: Yale University Press, 1997.

HOLZER, W. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e lugar, território e meio-ambiente**. Revista Território, Rio de Janeiro, n. 3, p. 77-85, Dez 1997.

_____. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Eduel, 2016.

HOLZER, W; ALCÂNTARA, V. **Paisagem Vernacular: aldeamentos salineiros**. Revista Poiésis v. 12, p. 89-100, 2008.

HOROWITZ, L. **Introduction**. In: JACKSON, J. B. *Landscape in sight: Looking at America*. Nova York: Yale University Press, 1997. p. I-XVI.

HOSKINS, W. **The Making of English Landscape**. Londres: Penguin books, 1967.

_____. **The Shell Guide to Devonshire**. Londres e New Haven: Yale University Press, 1994.

HOURIGAN, N. Confronting Classifications - When and What is Vernacular Architecture? **Civil Engineering and Architecture** , Marietta, v. III, n. 1, p. 22-30, 2015.

HUANG, Q.; XI, X. **Vernacular landscape leading the way: the holistic protection and revival of Hani's ancient village under the background of Yuanyang terraced register on the world heritage**. *Advanced Materials Research*, n. 1030-1032, p. 2468-2488, 2014.

ICOMOS. **Carta sobre o Patrimônio Vernacular edificado**. 12^a Assembleia Geral do Icomos. Cidade do México, México, outubro de 1999.

JACKSON, J. B. **Landscapes**. Massachussets : University of Massachussets , 1970.

_____. **A sense of place, a sense of time**. Londres e New Haven: Yale University Press, 1994.

_____. **Landscape in sight: Looking at America**. Nova York: Yale University Press, 1997.

JACKSON, P. **Maps of Meaning: An introduction to cultural geography**. Londres.: Routledge, 1989.

LEWIS, Peirce. Axioms for Reading the Landscape. In: MEINIG, D. W. (ed.). **The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays**. Oxford: Oxford University Press, 1979,

LI, W. **Research on the localization method of protecting traditional village landscape: A case study on Tangyin**. *The International Archives of the Photogrammetry*, p. 289-294, 2015.

LOBATO, M. **A onda verde e o presidente Negro**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1953.

MATHEWSON, K. **Carl Sauer and his critics**. In: DENEVAN, W. M.; MATHEWSON, K. **Carl Sauer on Culture and Landscape: Readings and commentaries**. Baton Rouge: LM Press, 2009. p. p-9-28.

MCLLELAND, L. et al. **Guidelines for Evaluating and Documenting Rural Historic Landscapes**. Washington: National Park Service, 1999 [1989]. Disponível em <https://www.nps.gov/nr/publications/bulletins/nrb30/> acesso dia 18 de fevereiro de 2019.

MEINIG, D. W. **The Beholding Eye: Ten versions of the same Scene** In: MEINIG, D. W. **The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays**. Oxford: Oxford University Press, 1979a.

_____. **Reading the Landscape: An Appreciation of W.G. Hoskins and J.B. Jackson** In: MEINIG, D. W. **The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays**. Oxford: Oxford University Press, 1979b. p.195-245.

MESQUITA, C. M. et al. **Manual do café: implantação de cafezais**: Coffea arábica L. Belo Horizonte: EMATER-MG, 2016. 50 p. il.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. 2. ed. São Paulo:

MORAES, A. C. R. **Território e história no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

MORAES, A. C. R. **Território e história no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

MULLER, N. L. Contribuição ao estudo do norte do Paraná. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, Março 1956. p.55-97.

MULLER, N. L. Contribuição ao estudo do norte do Paraná. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, Março 1956. p.55-97.

NOGUEIRA, Laelia Regina Batista. Arquitetura vernacular e paisagem amazônica: um caminho na busca pelo habitar poético. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 171-180, dez. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 mar. 2017.

OLIVER, P. **Built to meet needs: Cultural issues in Vernacular Architecture.** Oxford: Elsevier, 2006.

PASSOS, M. M. D. **Paisagem e Meio Ambiente: Noroeste do Paraná.** Maringá: Eduem, 2013.

PRICE, M.; LEWIS, M. **The reinvention of cultural geography.** Annals of the Association of American Geographers , 1993. 1-17.

RILEY, R. Vernacular Landscapes. In: ZUBE, E.; MOORE, G. **Advances in Environment behavior and design.** Dordrecht: Kluwer Group, v. I, 1987. p. 129-158.

ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. **Sobre Carl Sauer.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
SALEH, M. A. E. **A Transformation in the Vernacular Landscape of Highlands of Southwestern Saudi Arabia.** International Journal of Environmental Studies, v. I, n. 59, p. 33-59.

SALEH, M. A. E. **Environmental cognition in the vernacular landscape: Assessing the aesthetic quality of Al-Alkhalaf village,** Southwestern Saudi Arabia. Building and Environment, v. 8, n. 36(8), p. 965-979., 2001.

SALVI, R; BATISTA, I. A teoria nos estudos Geocientíficos: Reflexões a partir da análise filosófica da ciência. In: **XII Encontro de Geógrafos da América Latina: Caminando en una América Latina en Transformación.** Montevideo - Uruguai: 2009. v. 1

SANGIORGI, F. The rural Vernacular Habitat, a heritage in our landscape. **Futuropa,** Bruxelas, v. 1, n. A Council of Europe Magazine, p. 4-6, 2008.

SAUER, C. **The Personality of Mexico.** Geographical Review. , v. 31, p. 353-364., Julho 1941.

_____. **A morfologia da paisagem.** In: Paisagem, Tempo e Cultura. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 [1925].

_____. A Educação de um Geógrafo. In: **GEOgraphia,** América do Norte, 2, set. 2000 [1956].

_____. **The Morphology of Landscape.** University of California publications in geography, Berkeley, v. v. 2, no. 2, p. 29-56, 1963 [1925].

SHERFY, M.; LUCE, W. **Guidelines for Evaluating and nominating properties that have achieved significance within the past fifty years**. Washington: National Park Service: U.S. Department of the Interior, v. III, 1979 [revisado 1998].

SOARES, F. S. **Um pioneiro nos sertões do Tibagi**. Salto: Schoba, 2011.

SPIRN, A. **The Language of Landscape**. New Haven e Londres: Yale University Press, 1998.

TIMOTHY, D. Views of the Vernacular: tourism and Heritage of the ordinary. In: KAMINSKI, J.; BENSON, A.; ARNOLD, D. **Contemporary Issues in Cultural Heritage Tourism**. New York: Routledge Press, 2014. p. 32-44.

TIRICO, J. D. Observações Geográficas sobre o Norte Velho. **Boletim de Geografia do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Jan/fev 1966. p.5-8.

UNESCO. **Operational Guidelines for the implementation** of the World Heritage Foundation. UNESCO. Paris, p. 175. 2012.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC. **Operational Guidelines for the implementation of the World Heritage Foundation**. UNESCO. Paris, p. 175. 2012.

WELDON, D. T. **The Vernacular Landscape**: Interpretation of the Tobacco culture at Stratford Hall. Auburn: Dissertação de mestrado em Preservação Histórica Auburn University, 2012.

WRIGHT, G. **On modern vernaculars and J.B. Jackson**. The Geographical Review. , New York, v. 88.4, p. 474-483, Outubro 1998.

WYLIE, J. **Landscape**. Nova York e Londres: Routledge, 2007.

YAMAKI, H. **Terras do Norte**: Paisagem e Morfologia. Londrina: Edições H. Yamaki, 2017.

YAMAKI, H.; FRANK, B. **Paisagem Etnográfica Paranaense - picadas, trilhas, veredas e estradas como componentes de estruturação**. In: 2 Simpósio brasileiro de Cartografia Histórica, Tiradentes, p. 1-15, maio 2014.

8. Anexos

Esta seção é dedicada aos materiais que ficaram fora da versão final da **tese** ou que estão inseridas em artigos ou trabalhos anteriores, mas que possuem valor de referência para nossa pesquisa.

Inserimos nesta seção também algumas sequências com análises das imagens mais representativas da PV Norte Pioneiro.

Um exemplo a partir das invernadas

Transformação e dispersão são comuns na Paisagem Vernacular. Veja por exemplo o efeito que os meios de transporte tiveram sobre as paisagens-tipo invernadas. Invernadas são espaços relativamente bem definidos com características bem específicas tais como um centro mais plano, cercado por morros e cortado por ribeirões calmos, capazes de manter bons pastos. Foram utilizadas como pontos de descanso, recuperação de animais e apoio logístico ao longo de rotas de tropeiros, fundando, inclusive, muitas cidades.

As invernadas tiveram sua função original modificada e acabariam voltando cada vez mais ao cruzamento e melhoria genética de animais (principalmente a partir da década de 1950) na medida em que as antigas rotas de tropeiros perdiam a força para automóveis e ferrovias. Houve uma mudança na função, mas sem o desmantelamento das características que a definem como paisagem-tipo.

No exemplo abaixo se encontram as características de uma paisagem-tipo invernada em um já extinto povoado chamado Invernada no atual município de Bandeirantes-PR.

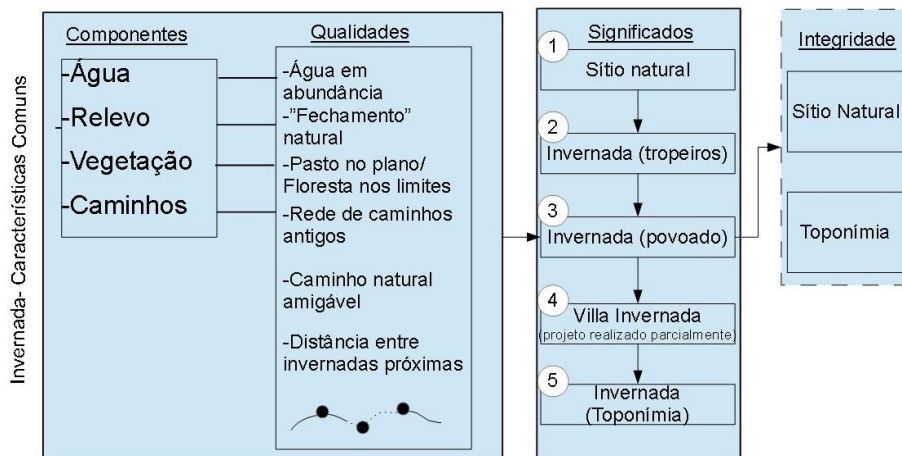


Figura 54- Componentes gerais das invernadas e características e qualidades do antigo povoado de Invernada em Bandeirantes-PR.

Estas permanências, tais como o relevo, traços da rede de caminhos e a presença de ribeirões ou córregos. Assim, subsiste um "DNA" em todas as invernadas, seja na estrutura física, seja na história do lugar ou na continuidade de suas funções.

Vista Jundiáí do Sul: Pequenos municípios

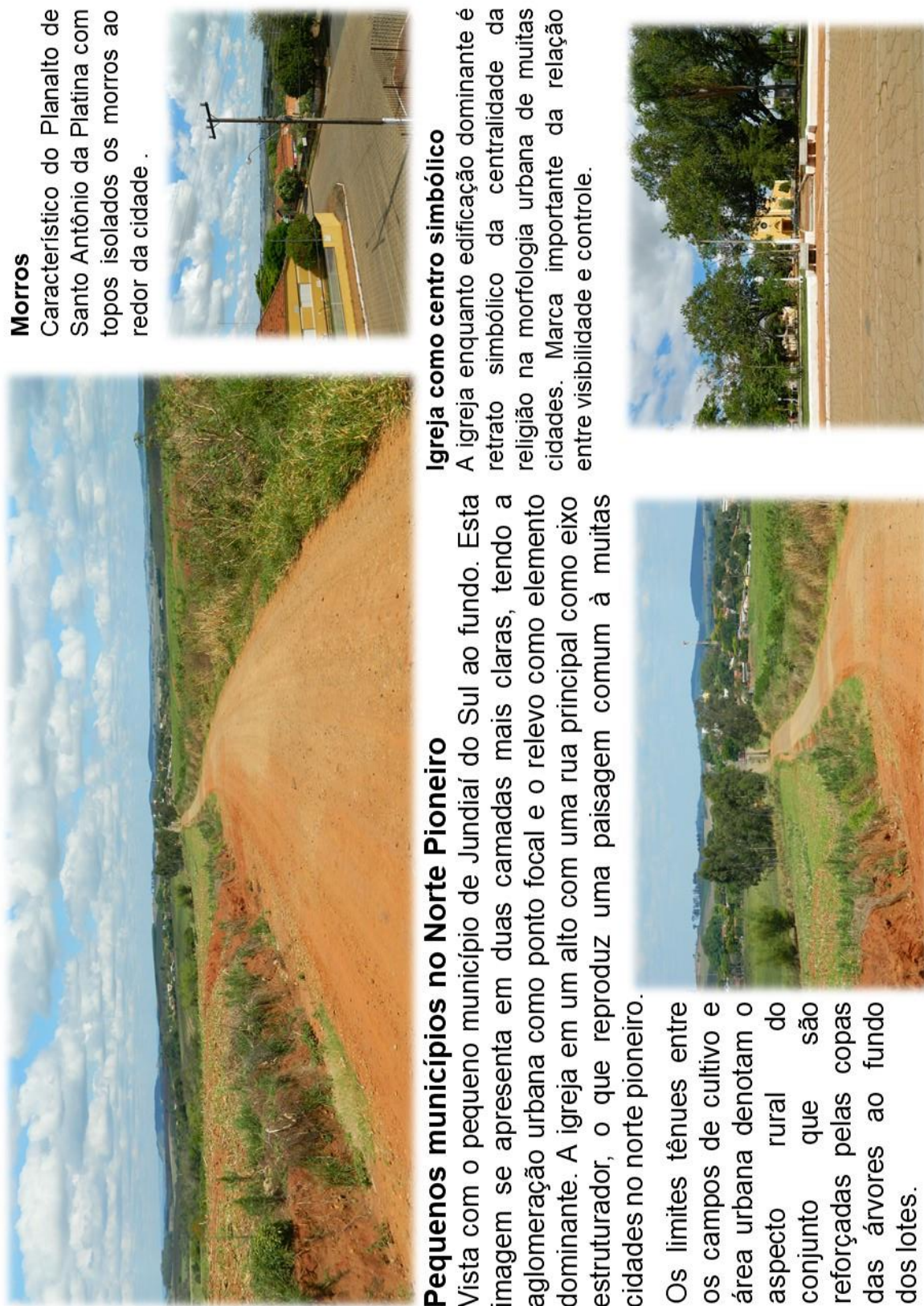
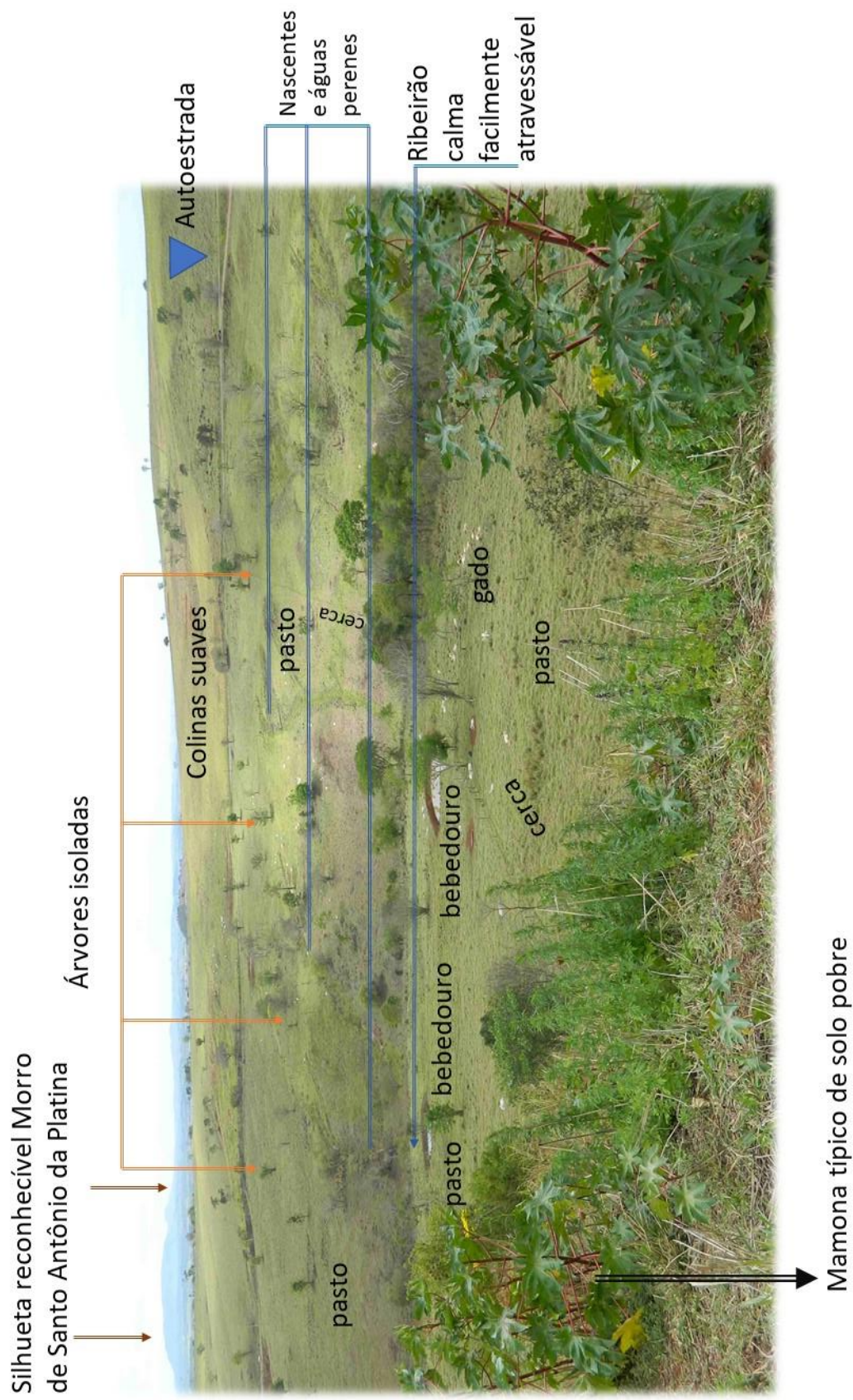


Figura 55- Vista de Jundiáí do Sul-PR: análise de pequenos municípios.



Invernada grande em Santo Antônio da Platina

Antiga Invernada que ficava a meio caminho entre os campos do sul e Santo Antônio. Um vale cercado com solo pobre pouco apto à produção agrícola. Com relevo natural, pastagem e águas foi utilizada como pouso ideal durante o início do século XX.

Figura 56- Invernada grande em Santo Antônio da Platina



Um exemplo a partir do Distrito de Monte Real

No distrito de Monte Real (Santo Antônio da Platina) é possível observar os efeitos das leves ondulações no relevo. À primeira vista os microterritórios assemelham-se aos *enclosures* ingleses, só que ao invés de muros baixos ou cercas, são as árvores e os caminhos internos realizam o papel de limites. Esse espaço, enganosamente natural é resultado de uma intensa exploração agrícola que vem desde a abertura das fazendas na década de 1930-1940. Testemunham este processo os resquícios de vegetação sobreviventes nos topos de morro. A antiga e densa vegetação de floresta semidecidual dá espaço à campos abertos de cultivo e pastagens.



Relevo

Os topos alongados e aplainados com vertentes convexas e vales em formato “V”.

Vegetação

Copas de árvores e pequenos bolsões de vegetação tornam-se pontos focais em meio a horizontalidade dos campos de cultivo. Servem também como demarcação de culturas e decoração para acesso em propriedades.

Estradas

As estradas rurais definem os caminhos internos dos bairros rurais. O contraste com as vias e as áreas de produção denotam as dimensões e o formato retangular das propriedades e zonas de cultivo.

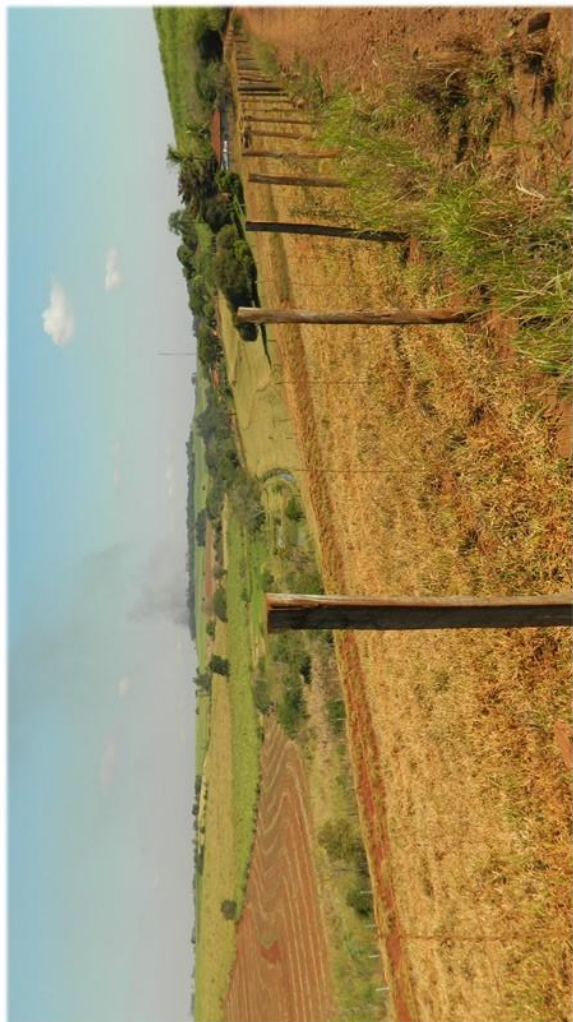


Edificações

Edificações centralizadas em meio aos campos abertos, semelhantes à pequenas ilhas.

Figura 57- Componentes da Paisagem Vernacular na zona rural de Monte Real-PR.

Sítio em Cambará-PR: usos do Espaço



Áreas de Pasto ou plantio

Tanto as áreas de pasto quanto as de plantio refletem as alterações no uso do solo. Por conta das dimensões da propriedade o espaço entre os criadores costuma ser menor.

Estradas e caminhos

Seguem os espigões mestre ou menores, a meia encosta, escolhendo locais de travessia de ribeirões e pousios. Ao contrário de propriedades maiores, o núcleo de construções encontram-se mais próximas à estrada principal ou ligadas por um pequeno caminho ou acesso.

Cercas

As cercas definem o território dos sítios. Servem também como delimitadores de sítios e de compartimentação de usos da terra.

Águas

As águas de ribeirões e córregos funcionam como limites de sítios ou elementos que definem a sua estrutura. Em locais de poucos corpos d'água são construídas pequenos tanques visando o cuidado do gado.

Edificações

Além da moradia existem pequenos armazéns ou garagens utilitárias, de onde se guardam os instrumentos de trabalho.

Paisagem Tipo Sítios

Caminhos sinuosos a meia encosta, delimitados por cercas de madeira roliça e arame farpado, pastos e áreas de plantio em várias fases de crescimento, simultaneamente, constituem as características principais dos sítios em Cambará. Os córregos definem a estrutura do sítio ou serve como delimitador. A cada curva da estrada visualizam-se novos panoramas, pontuados por sedes de fazenda e seus pomares.

Formam um patchwork de módulos de componentes iguais porem em arranjos diferentes. Não existem elementos excepcionais. Existe uma estabilidade na visão de conjunto onde elementos substituídos num sítio é reintroduzido em outro. Resulta na continuidade da paisagem vernacular. No horizonte, um ou outro morro reconhecível reafirma uma paisagem vernacular regional.

Figura 58- Sítio em Cambará: usos do espaço. Maio de 2016.

Panorâmicas

Vista a partir de um alto. Distrito de Monte Real



Horizonte em preparo. Campo de cultivo próximo a estrada de autos. Santo Antônio da Platina-Pr

Vista de propriedades no Bairro rural Coqueiros- Cambará-PR



Entrada da Fazenda Empyreo. Cambará-PR

Figura 59- Panorâmicas. Santo Antônio da Platina e Cambará. Maio de 2016 e Setembro de 2019.

Tabela 4 População total rural e urbana na região. Inclui as cidades próximas para obter ter um panorama geral. IPARDES, 2018.

População Censitária urbana dos municípios estudados no Norte Pioneiro (Norte Velho de Jacarezinho)				
	1980	1991	2000	2010
Barra do Jacaré	4.005	3.151	2.723	2.727
Cambará	21.359	21.343	22.740	23.886
Jacarezinho	38.922	40.858	39.625	39.121
Jundiá do Sul	5.406	4.223	3.659	3.433
Santo Antônio da Platina	36.781	38.714	39.943	42.707
População Censitária rural dos municípios estudados no Norte Pioneiro (Norte Velho de Jacarezinho)				
	1980	1991	2000	2010
Barra do Jacaré	2.967	1.761	1.030	876
Cambará	8.101	4.852	2.718	1.521
Jacarezinho	15.251	10.747	6.110	4.347
Jundiá do Sul	3.302	1.985	1.393	1.457
Santo Antônio da Platina	15.164	11.369	7.326	5.763

Fonte: IPARDES, 2019.

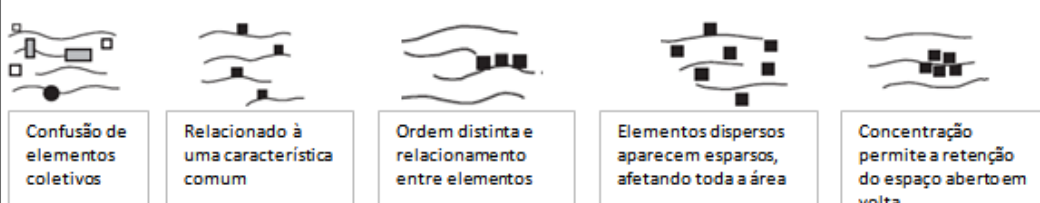
Componentes e determinantes da Paisagem (FUMAGALLI, 2011):					
a) relevo	3 linhas				
b) Hidrografia	2 linhas				
c) Cobertura vegetal	2 linhas				
d) Estrutura e edificações	4 linhas				
Tipo de agrupamento de elementos -> distinção visual (SWANWICK, 2002, p.56):					
desenho					
					
Aspectos dominantes de cobertura vegetal e elementos da Paisagem (Swanwick, 2002, p.31 apud ERM 2001) . Circular mais de um.					
Edificações	Patrimônio	Agricultura	Cobertura	Árvores	Comunicações
construções rurais	Vernacular	cercas	Planej. Agricul	esparsas	estradas
indústria	Casas rurais	muros	pastos org.	concentradas	trilhas
povoação	Sist. Campos	campos	Cerrado	locais	avenida
urbano	Eclesiástico	pasto simp	descampado	estrangeiros	
sítios		Pasto comp	monocultura		
ranchos		arável			
		outro:			
Percepção (idem, ibidem):					
Segurança	íntimos	confortável	seguro	inquietante	ameaçador
Estímulo	monótono	brando	interessante	desafiador	inspirador
Tranquilidade	inacessível	Remoto	cago	pacífico	ocupado
Prazer	desagradável	prazeroso	atrativo	belo	
Arquitetura (material local, cor, textura, tamanho)/ combinação (pequenos componentes refletem soluções simples ?):					

Figura 60- Leitura inicial geral (a partir da observação de campo). Parcialmente baseado em FUMAGALLI 2011 e Swanwick 2002.

Local:	Refêrencia:	Data:	CARTBASE:	Estação:
Aspectos Gerais				
Relevo (aspecto) Planp Ondulado Planalto Outro:	Solos: Claro Arenoso Basáltico	Fatores naturais Rio Ribeirão Descampado	Padrões morfológicos Vilarejo Povoado Estab.rurais isolados	Adaptado de BROADS (2003)
Dimensão dos campos Pequenos Médios Grande (definido como)	Padrão de limites Regular Regular distribuída Fragmentado Aberto	Transporte Ferrovia Estradas principais Estradas secundárias Caminhos rurais	Forma: -Retilínea - Irregular	
(CLEMENT,1999) Que tipo de função? Que tipo de uso? Conexões com recursos naturais/relevo?	Descrição:			
Observações de Campo				
Uso do solo Vilarejo/Comercial/Industrial Agricultura Reserva florestal Florestada Recreação	Tipo de cobertura Mata Atlântica do int Mista: Plantio: Outro:	Qualidades Abertura (horizonte) Contraste Elem. Construtivos Originalidade Diversidade	Adaptado de BROADS (2003) e POUTA et al (2014)	
Cobertura do solo Arável Pastoreio Agricultura mista Florestada	Limites de campo Cercas Colunas de árvores Rios/ribeirões caminhos/estradas	Forma: Reta Sinuosa		
Forma das edificações: Industrial Vernacular Vernacular industrial Não Vernacular	Descrição:			

Figura 61- Outro modelo de ficha de avaliação de trabalho de campo. Parcialmente baseado em Broads 2003 e Clement 1999.